

VIVIAN APARECIDA PEREIRA PINTO

**Ana Hatherly e o Barroco:
um estudo da *Claro-Escuro*: Revista de Estudos Barrocos (1988-
1991)**

ASSIS

2024

VIVIAN APARECIDA PEREIRA PINTO

**Ana Hatherly e o Barroco:
um estudo da *Claro-Escuro*: Revista de Estudos Barrocos (1988-
1991)**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Sandra Aparecida Ferreira

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Processo 2021/09401-4.

ASSIS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Renata Bianchui Prado - CRB 8/056/2023

- P659a Pinto, Vivian Aparecida Pereira
Ana Hatherly e o barroco : um estudo da Claro-Escuro -
revista de estudos barrocos (1988-1991) / Vivian Aparecida
Pereira Pinto. — Assis, 2024
108 f.
- Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Sandra Aparecida Ferreira
1. Hatherly, Ana, 1929-. 2. Literatura barroca - Periódicos.
3. Literatura europeia - Séc.XVII - História e crítica. I. Título.

CDD 801



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE VIVIAN APARECIDA PEREIRA PINTO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 16 dias do mês de fevereiro do ano de 2024, às 14:00 horas, no(a) Sala de Defesas e Sala Virtual: meet.google.com/tgb-tqnz-wdv, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de VIVIAN APARECIDA PEREIRA PINTO, intitulada **Ana Hatherly e o Barroco: um estudo da Claro-Escuro: Revista de Estudos Barrocos (1988-1991)**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. SANDRA APARECIDA FERREIRA (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Estudos Linguísticos e Literários / UNESP/FCL- Assis/SP, Prof. Dr. FABIANO RODRIGO DA SILVA SANTOS (Participação Presencial) do(a) Departamento de Estudos Linguísticos e Literários / UNESP/FCL - Assis/SP, Profa. Dra. RAQUEL DOS SANTOS MADANELO SOUZA (Participação Virtual) do(a) UFMG - Belo Horizonte/MG. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. SANDRA APARECIDA FERREIRA

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Sandra Aparecida Ferreira, por ter me apresentado o universo de Ana Hatherly, pela compreensão, parceria, pelas leituras atenciosas e apoios dedicados ao projeto.

À FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo nº 2021/09401-4, pela concessão da bolsa de mestrado que possibilitou minha dedicação integral ao projeto e que através da concessão da Bolsa BEPE – Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior, processo nº 2023/02159-9, tive a privilégio de visitar grandes centros de pesquisa em Lisboa/Portugal.

Ao professor Luís Crespo de Andrade e Pedro Lisboa, pela parceria, oportunidade e aprendizado em todo o processo de indexação da revista no Portal de *Revistas de Ideias e Cultura*.

À professora Raquel dos Santos Madanêlo Souza por ter me ensinado grandes lições sobre o gênero de revistas, pelas oportunidades de participação em eventos e pelas constantes mensagens de incentivo.

Às professoras e amigas Silvia Maria Azevedo e Tania Regina de Luca pelas trocas de conversas, ideias, acolhimento e afeto em tantos momentos de insegurança.

Aos professores Álvaro Santos Simões Júnior e Fabiano Rodrigo da Silva Santos, pelas valiosas contribuições que me foram oferecidas no exame de qualificação.

Ao professor Carlos Eduardo Mendes de Moraes por me ajudar, com suas aulas, a definir o meu projeto sobre indexação da *Claro-Escuro*.

Aos funcionários da Seção de Pós-graduação da UNESP, que sempre estiveram dispostos a me ajudar com a burocracia acadêmica.

Aos funcionários da Fundação Calouste Gulbenkian e da Biblioteca Nacional de Portugal, por todo auxílio e informações valiosas fornecidas, especialmente sobre o trabalho e o legado de Ana Hatherly, cruciais para aprofundar meu entendimento e enriquecer de forma significativa o presente trabalho.

O poeta é um pintor do mundo invisível

(Ana Hatherly)

PINTO, Vivian Aparecida Pereira. **Ana Hatherly e o Barroco: um estudo da *Claro-Escuro*: Revista de Estudos Barrocos (1988-1991)**. 2024. 108f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2024.

RESUMO

Ana Hatherly (1929-2015) atuou no campo dos estudos sobre o barroco durante toda a sua trajetória de artista e escritora, seja na música, na poesia, nas artes plásticas ou mesmo na docência. Desde muito cedo, o cenário de Hatherly foi cercado por referências barrocas. Menos conhecida é a atuação de Hatherly como idealizadora e diretora da *Claro-Escuro*: Revista de Estudos Barrocos (1988-1991). Para divulgar mais amplamente o projeto proposto, cujo corpus compreende o gênero revista, nosso trabalho contempla a indexação da revista *Claro-Escuro*, que acolheu artigos de autores de diversas nacionalidades, os quais revisitaram o Barroco em suas várias manifestações literárias e plásticas. Publicada pela editora Quimera, de Lisboa, a revista dirigida por Hatherly destinava-se ao leitor e/ou pesquisador familiarizado com a complexidade do Barroco, dado o caráter denso e erudito dos ensaios, por vezes extensos, estampados nos sete números da publicação. Tal indexação, a ser disponibilizada no *Portal de Revistas de Ideias e Culturas*, coordenado pelo Prof. Dr. Luís Manuel Crespo de Andrade (FCSH–UNL/Portugal), cujo objetivo é a divulgação de pesquisas realizadas sobre revistas portuguesas do século XX, sendo que, mais recentemente (junho de 2022), o portal abriu espaço para os estudos de revistas brasileiras. Além da indexação da referida revista, nosso trabalho tem por objetivo apresentar os bastidores da publicação, bem como apresentar Ana Hatherly enquanto idealizadora e diretora da *Claro-Escuro*.

Palavras-chave: Ana Hatherly; Barroco; *Claro-Escuro*

PINTO, Vivian Aparecida Pereira. **Ana Hatherly and the Baroque: a study of *Claro-Escuro: Revista de Estudos Barrocos* (1988-1991)**. 2024. 108f. Dissertation (Masters in Languages) – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2024.

ABSTRACT

Ana Hatherly (1929-2015) was active in the field of Baroque studies throughout her career as an artist and writer, whether in music, poetry, visual arts, or even teaching. From an early age, Hatherly's environment was surrounded by Baroque references. Less known is Hatherly's role as the creator and director of *Claro-Escuro: Revista de Estudos Barrocos* (1988-1991). To more widely disseminate the proposed project, whose corpus includes the magazine genre, our work includes indexing the *Claro-Escuro* magazine, which hosted articles by authors of various nationalities, revisiting the Baroque in its various literary and artistic manifestations. Published by Quimera editor, in Lisbon, the journal directed by Hatherly was intended for the reader and/or researcher familiar with the complexity of the Baroque, given the dense and scholarly nature of the essays, sometimes extensive, printed in the seven issues of the publication. Such indexing, to be made available on the Portal of Journals of Ideas and Cultures, coordinated by Prof. Dr. Luís Manuel Crespo de Andrade (FCSH–UNL/Portugal), aims to disseminate research carried out on Portuguese magazines of the 20th century, with, more recently (June 2022), the portal opening space for studies of Brazilian magazines. In addition to indexing the said journal, our work aims to present the behind-the-scenes of the publication, as well as to introduce Ana Hatherly as the creator and director of *Claro-Escuro*.

Keywords: Ana Hatherly; Baroque; *Claro-Escuro*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Entrevista com Ana Hatherly, <i>Diário do Brasil</i> , 1 de agosto de 1987, n. 115, p. 54	24
Figura 2: Manuscrito da capa de <i>As Aparências</i> , 1959	35
Figura 3: Capa do número 1 da revista <i>Claro-Escuro</i>	51
Figura 4: Capa dos números 2/3 da revista <i>Claro-Escuro</i>	52
Figura 5: Capa dos números 4/5 da <i>Claro-Escuro</i>	53
Figura 6: Capa dos números 6/7 da <i>Claro-Escuro</i>	54
Figura 7: Ilustração escolhida para a capa dos números 6/7 da <i>Claro-Escuro</i>	55
Figura 8: Confeção da capa coma ilustração para os números 6/7 da <i>Claro-Escuro</i>	56
Figura 9: Confeção de ilustração interna da revista.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Lista de colaboradores	39
Tabela 3: Disposição dos artigos da Claro-Escuro por publicação	49
Tabela 4 : Elementos paratextuais da revista Claro-Escuro.....	58
Tabela 5: Elementos pré-textuais da revista Claro-Escuro	59

SUMÁRIO

Considerações Iniciais.....	12
1. O universo Barroco de Ana Hatherly	17
1.1 O contexto da <i>Claro-Escuro</i>	25
1.2 Sobre o título da revista	33
1.3 Os colaboradores	36
2. A Edição da <i>Claro-Escuro</i>	48
2.1 Composição gráfica e arte de capa	48
2.2 Informações Editoriais e Seções Extras.....	58
2.3 Editoriais e artigos	63
Editorial 1	63
Editorial 2	67
Editorial 3	75
Editorial 4	84
3. Dinâmicas operacionais da <i>Claro-Escuro</i>	89
3.1 Distribuição	89
3.2. Subsídios	90
Considerações Finais	101
ENTREVISTAS	104
CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

Considerações Iniciais

As pesquisas que utilizam a imprensa como fonte primária inscrevem-se de forma crescente nos meios acadêmicos, constituindo tal investigação em importante instrumento de conhecimento acerca da formação histórico-cultural da sociedade.

No Brasil, a partir da segunda metade do século XX, os estudos acerca de periódicos ganharam mais espaço com a fundação, em 1962, do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP, por iniciativa de Sérgio Buarque de Holanda, cujo principal objetivo, desde sua criação, tem sido a pesquisa e documentação sobre a história e cultura brasileira. A começar por grandes aquisições, a exemplo da coleção Brasileira, do historiador e colecionador de livros Yan de Almeida Prado, vários estudos voltados para periódicos começaram a surgir dentro da academia (PETRY, 2011). Coube ao professor José Aderaldo Castello iniciar o projeto *A pesquisa de periódicos na Literatura Brasileira*, no interior do qual foram desenvolvidas várias investigações, dentre eles *Kosmos* (Rio de Janeiro: 1904 - 1920), por Antonio Dimas; *Minerva Brasiliense* (Rio de Janeiro: 1843 – 1845) e *Guanabara* (Rio de Janeiro, 1849 – 1857), por Hélio Lopes; *Klaxon & terra Roxa* (São Paulo: 1972), por Cecília de Lara.

Na sequência desse pioneiro projeto implantado no IEB por Castello, outros grupos de intelectuais em diferentes Universidades brasileiras também se atentaram para a importância da criação de outras pesquisas que abarcassem o estudo de periódicos, como é o caso do *NELIC – Núcleo de Estudos Literários & Culturais*, da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenado pela Profa. Dra. Maria Lucia de Barros Camargo, que tem orientado teses e dissertações sobre diferentes revistas científicas, e das pesquisas da Profa. Dra. Tania de Luca, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Assis), que tem extensa trajetória na investigação e orientação sobre periódicos brasileiros e Imprensa de maneira geral.

No âmbito internacional, os estudos de periódicos têm história rica e diversificada. Na Europa, por exemplo, em países como França e Inglaterra, os periódicos têm sido estudados como plataformas fundamentais para o debate intelectual e artístico, especialmente durante os séculos XIX e XX, em particular, na formação de movimentos artísticos e literários como o Romantismo, o Realismo e o Modernismo. Nos Estados Unidos, os estudos de periódicos também têm sido importantes para se entender movimentos como o Harlem Renaissance e a

Geração Beat, os quais valeram-se de revistas e jornais como veículos para a expressão e disseminação de ideias.

Esses estudos são essenciais para compreender a história da imprensa e a evolução da sociedade, da política e da cultura em diferentes contextos, pois nos oferecem janelas para os tempos passados e revelam as nuances das vidas diárias, as mudanças nos discursos públicos e o desenvolvimento de ideias e estéticas ao longo do tempo.

Em Portugal, o mesmo acontece no que se refere a projetos voltados aos estudos de revistas literárias, caso do *Portal de Revistas de Ideias e Culturas*, coordenado pelo Prof. Dr. Luís Manuel Crespo de Andrade e desenvolvido na Universidade de Lisboa, com o objetivo de divulgar pesquisas realizadas sobre revistas portuguesas do século XX e que, em constante elaboração, possui pesquisas sobre o movimento da Renascença Portuguesa, revistas anarquistas e outras.

A ampliação do escopo do *Portal de Revistas de Ideias e Culturas* (inaugurado em junho de 2022), sob a liderança da Professora Dra. Tania Regina de Luca, representa um salto significativo na pesquisa literária transatlântica. Esta expansão, que inclui a criação de um segmento exclusivamente dedicado às revistas literárias brasileiras, reflete esforço colaborativo e interdisciplinar para aprofundar o entendimento da literatura e da cultura brasileira. Tal iniciativa enriquece o diálogo entre as tradições literárias de Portugal e Brasil e promove compreensão mais integrada do movimento literário lusófono.

Em que pese a importância incontestável do projeto liderado pelo Prof. Manuel Crespo, a revista *Claro-Escuro*, sob direção da escritora e professora portuguesa Ana Hatherly, ainda não constava entre as indexadas no *Portal*. Foi a partir de minha pesquisa com a referida revista voltada ao Barroco, e em virtude da proeminência de Hatherly no cenário intelectual português, que a *Claro-Escuro* [1988-1991] foi incorporada ao referido *Portal*, sendo que foi neste trabalho de indexação que grande parte de nossos estudos se concentraram.

Embora a publicação dirigida por Hatherly tenha contado com a contribuição de conhecidos autores das áreas das letras e das artes, ainda permanece relativamente desconhecida no meio acadêmico.

O nosso trabalho busca resgatar essa publicação trazendo-a à luz do conhecimento público, sobretudo para que possamos ampliar as referências e diálogos acadêmicos acerca do Barroco e conectarmos o legado intelectual e artístico da revista ao cenário contemporâneo da pesquisa.

A revista é, por excelência, importante meio de divulgação de projetos em andamento e de pesquisas concluídas. Para José Augusto Seabra, o papel da revista se destaca pela autonomia de ideias, efemeridade (em alguns casos, menor que a do jornal) e por conectar movimentos, grupos e setores, sejam eles intelectuais, políticos ou sociais, que se organizam em torno de um objetivo comum, exposto a um público específico ou a vários públicos (p. 19). Ao criar e dirigir o projeto da *Claro-Escuro*, Hatherly consegue viabilizar o resgate do Barroco e reúne colaboradores de áreas afins, que assumem o papel de críticos de um movimento artístico e literário, que ganhava novas leituras interpretativas e recriações artísticas.

Claro-Escuro: Revista de Estudos Barrocos, que circulou entre 1988 e 1991, foi uma publicação dedicada aos estudos barrocos. Dirigida por Ana Hatherly, a revista propôs a explorar os aspectos históricos, artísticos e culturais do movimento, com ênfase nas expressões portuguesas do período que vão desde influências literárias e arquitetônicas até representações no teatro e outras artes para oferecer visão abrangente e diversificada do Barroco.

Grande parte de nossa pesquisa foi conduzida a partir do material coletado durante o estágio BEPE – Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior. Processo: 2023/02159-9, FAPESP, que proporcionou a oportunidade de pesquisar o espólio pessoal de Ana Hatherly, obras raras da autora, dicionários específicos de artes e literaturas barrocas de Portugal, catálogos de exposições da e sobre a autora, fotos, postais, entrevistas. Tais trabalhos de pesquisa foram realizados na Fundação Calouste Gulbenkian e na Biblioteca Nacional de Portugal.

Para a organização da indexação, um extenso trabalho de pesquisa e análise para documentar o contributo de cada autor e artigo foi realizado.

Na fase de estruturação de conceitos e assuntos, concentramo-nos em capturar a essência de cada artigo publicado na revista, inserindo termos e palavras que refletem com precisão os temas e ideias abordados. São os assuntos e conceitos presentes em cada artigo, ainda que de forma implícita. Esta cuidadosa categorização de conceitos e assuntos resgata a variedade e profundidade dos estudos barrocos presentes em cada artigo, facilitando, assim, a pesquisa temática e a análise crítica.

O levantamento dos dados geográficos permite à catalogação de locais, como as partes de uma cidade, incluindo ruas, avenidas, praças, bairros, entre outros, que foram mencionados nos artigos. Este procedimento assegura que a localização geográfica dos assuntos abordados nos artigos da revista *Claro-Escuro* seja claramente identificada e

documentada, permitindo uma referência precisa e facilitando a pesquisa e o acesso às informações relacionadas a locais específicos.

Na fase do detalhamento dos autores singulares, voltamos nossa atenção para a identificação dos autores individuais. Neste processo, demos especial atenção à fidelidade na transcrição dos nomes dos autores, conforme citados nos artigos. Todos os indivíduos que foram citados nos artigos (poetas, escritores, filósofos, personalidades, etc) são inseridos na indexação pelo nome, pequena nota biográfica, datas de nascimento e morte. Todo e qualquer nome citado ao longo das análises foram pesquisados e inseridos na indexação, o que permite uma busca mais eficiente e precisa por obras e autores específicos, revelando as diversas vozes que compõem o coro barroco da revista.

Para os autores coletivos, o procedimento foi semelhante ao dos autores singulares, sendo utilizado quando o artigo é assinado por um grupo ou quando este coletivo é citado no corpo dos artigos. Essa categoria reconhece e cataloga entidades como grupos de autores, organizações ou coletivos que contribuem para a revista.

O levantamento das obras citadas permitiu que todas as obras a que os autores se referem em seus artigos fossem meticulosamente inseridas na indexação. Esse processo cuidadoso assegura a integridade acadêmica da revista e enriquece a rede de referências bibliográficas.

Além disso, a indexação conta com a apresentação da revista, índices, programas e *magasin* acerca da publicação. O leitor pode acessar a indexação da revista no endereço: <https://br.revistasdeideias.net/pt-pt>¹

Esta dissertação envolveu o trabalho de indexação antes descrito e é constituída por uma apresentação inicial da pesquisa, da revista e de sua diretora. Assim, no primeiro capítulo intitulado “O universo Barroco de Ana Hatherly” apresentamos a diretora da revista, suas influências e o possível caminho percorrido por Ana Hatherly até a concepção da *Claro-Escuro*, com destaque para a relação de Hatherly com o mundo barroco e para as possibilidades que levaram a autora a conceber e dirigir tal revista. Também serão tratadas questões sobre a concepção editorial, a seleção de colaboradores, a apresentação gráfica e os financiadores das edições.

¹ Além da indexação, o pesquisador poderá consultar a integralidade da revista digitalizada no Portal.

Buscaremos entender a renovação do interesse pelo Barroco no século XX e a forma como este interesse está inserido num contexto mais amplo de tendências globais na produção intelectual e artística. Nesse sentido, a revista *Claro-Escuro* oferece largos campos de estudo para várias disciplinas: história cultural, teoria da literatura, pintura, escultura, arquitetura, filosofia. Faremos uma breve análise do termo “claro-escuro” e dos possíveis motivos da escolha do título da revista por Ana Hatherly. No primeiro capítulo, também analisaremos a contribuição desta publicação na formação de um ambiente de comunicação internacional, no qual pensadores de várias áreas transitaram, resultando na permuta e fluxo de conceitos, aproximando distintas culturas e criando conexões entre intelectuais de outras nações e variados contextos culturais e acadêmicos. Trataremos, ainda, dos motivos pelos quais Ana Hatherly convida os colaboradores para contribuírem na *Claro-Escuro*. No segundo capítulo, intitulado “A Edição da *Claro-Escuro*”, faremos a apresentação dos aspectos gráficos da revista. Analisaremos a nacionalidade dos colaboradores, bem como outros aspectos de edição publicação, a exemplo dos editoriais e seu diálogo com os artigos de cada edição.

Finalmente, no terceiro capítulo, denominado “Dinâmicas operacionais da *Claro-Escuro*”, serão consideradas as instâncias econômicas e culturais que sustentaram o projeto editorial da revista. Este capítulo tem por objetivo demonstrar como o apoio financeiro e institucional contribuiu para a publicação e circulação da revista. Além disso, pretende realçar os desafios e limitações enfrentados pela diretora na manutenção da publicação, bem como seu esforço para distribuí-la, por meio do envio das revistas a bibliotecas, amigos e demais instituições. Trataremos, ainda, das razões que levaram à interrupção da publicação, que inclui desafios financeiros e alteração das prioridades editoriais. Nos anexos, apresentamos a indexação da revista.

1. O universo Barroco de Ana Hatherly

Nascida no Porto em 1929, Ana Hatherly graduou-se em Filologia Germânica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, doutorou-se em Literaturas Hispânicas na Universidade de Berkeley. Foi, além de professora universitária², artista plástica, escritora, poetisa, diretora de revistas e idealizadora de vários projetos, dentre os quais podemos destacar a produção fílmica da autora, resultado de sua graduação em Cinema, pela London Film School. Entre livros de prosa, poemas, ensaios e edições críticas, produziu mais de 40 títulos.

Embora não tenha seguido carreira musical por uma incapacidade física, Hatherly cursou aulas de canto na Alemanha quando se mudou para este país a fim de estudar música barroca. Ao fim do curso, a então aspirante a cantora lírica termina em um sanatório na Suíça para tratar de duas perfurações no pulmão, contraídas devido aos esforços físicos durante o curso. A conselho do médico que a tratava naquele momento, Hatherly troca o canto lírico pelo papel e lápis. O interesse pela música barroca foi transferido para a escrita, posteriormente à pintura e várias outras formas de criação, praticadas pela inquieta Ana Hatherly.

A escritora lembraria, anos mais tarde, que sempre esteve cercada pelo barroco, a casa onde morava era povoada por formas barrocas, sua curiosidade por outras religiões também viria da possibilidade barroquista de “brincar na profundidade absoluta” (GASTÃO, 2003, s.p).

A partir de 1981 a artista torna-se docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e surge, então, outras facetas de Ana Hatherly: a ensaísta, a crítica, a professora. Adentrando essas dimensões foi também diretora-adjunta da revista *Loreto 13*, publicação da Associação Portuguesa de Escritores, ajudou a fundar o *P.E.N. Clube Português*, do qual anos mais tarde (1999) receberia o Prêmio da Poesia. Ao longo de sua carreira, recebeu outros prêmios: Medalha Oskar Nobiling (1978) pela Academia Brasileira de Filologia do Rio de Janeiro, Grande Prêmio de Ensaio Literário da Associação Portuguesa de Escritores (1998), Prêmio de Poesia Evelyne Encelot (2003) na França, Prêmio Hannibal Lucic (2003) na Croácia. Foi membro de várias associações nacionais e internacionais.

² Ministrou aulas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa entre os anos de 1981-1999.

As primeiras publicações de Ana Hatherly foram no campo da poesia, o primeiro livro *Um ritmo perdido* (1958) já trazia, embora timidamente, traços barrocos “[...] com a construção de metáforas, enigmas, paradoxos, mesclados a elementos da tradição lírica portuguesa.” (TEIXEIRA, 2009, p. 16). Como resultado de seus estudos nos campos visuais, fílmicos, artes e letras, as obras seguintes acentuariam a relação da artista com a estética barroca, em chave de releitura.

Nos primeiros anos da década de 60, o nome de Hatherly já era um dos principais dentro das letras portuguesas. Ao lado de escritores como E. M. Melo e Castro, Silvestre Pestana, António Aragão, funda e integra o *PO-EX - Poesia Experimental*, grupo que praticou a poesia em suas várias modalidades experimentais: poesia cinética, poesia visual, poesia fonética, fotopoemas e videopoemas e poemas-objetos. Esses poetas se caracterizavam por um tratamento particular da linguagem que os distanciava do discurso de cunho social do Neorrealismo e da poesia intimista da revista *Presença* (TEIXEIRA, 2009, p. 14), grupos com os quais Ana Hatherly não escondia sua insatisfação:

[...] Em Portugal as coisas seguiam um caminho que a mim não interessava particularmente, embora eu nessa altura estivesse a fazer um trabalho ainda bastante dentro das linhas tradicionais, mas era uma espécie de ganhar músculos para caminhadas mais longas [...]. (HATHERLY, 1977 apud HATHERLY; et. al, 1981, p. 19).

Ligada aos movimentos mais importantes das vanguardas portuguesas, a obra escrita e visual de Ana Hatherly reúne fortes influências barrocas dentro de uma linha de releitura da tradição que combina recursos da pintura, desenho, literatura e várias outras formas de expressão artística que refletem essa fascinação pelo Barroco. Seus poemas e obras visuais frequentemente incorporam elementos de jogos de palavras, ambiguidades e experimentações formais que são remanescentes das técnicas barrocas. Figura proeminente nas letras e nas artes, Ana alcançou circulação intensa e impactante em suas atividades, transcendendo as fronteiras do mundo lusófono. Sua influência estendia-se vigorosamente até o Brasil, onde contribuiu significativamente para a literatura e a arte. Hatherly escreveu várias matérias para jornais brasileiros, e marcou presença em publicações renomadas como *Barroco*, de Affonso Ávila, onde seu trabalho "Barroco, Diante de uma Desconhecida e Fria

Azul Piscina" foi publicado na edição 18, e na *Dimensão* Revista Internacional de Poesia, edição nº 23 de 1993/94.

Além de sua expressiva contribuição literária, diversas exposições, tanto individuais quanto coletivas, exibiram seus trabalhos. Dentre as dezenas que foram feitas, elencamos apenas algumas:

- 1969 – **Anagramas** – Galeria Quadrante, Lisboa;
- 1968 – **Operação 1** – Galeria Quadrante, Lisboa;
- 1974 – **Poesia Visiva** – Studio D’Arte Contemporanea, Roma;
- 1976 – **Bienal de Veneza**;
- 1978 – **Portuguese Art Since 1970** – Royal Academy, Londres;
- 1979 – **Desenho no Espaço** – Galeria Tempo, Lisboa;
- 1980 – **Festa de la Lletra** – Galeria Joan Prats, Barcelona

Outras exposições podem ser consultadas no *Catálogo Ana Hatherly - Obra Visual (1960-1990)* do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 1992. Na apresentação desta obra, José Sommer Ribeiro enfatiza o estilo único que entrelaça literatura e desenho na produção de Hatherly, inicialmente influenciada por caligrafias e filosofias orientais que marcaram de forma profunda a sua produção artística: “Os desenhos-escritos, influenciados inicialmente pelas caligrafias e filosofias orientais, despertam de imediato grande interesse [...] Surgem então os grandes desenhos, as instalações e as performances” (RIBEIRO, pp. 7-8).

O catálogo desta iniciativa inclui textos analíticos sobre a obra da escritora, escritos por José-Augusto França, Hellmut Wohl, E. M. de Melo e Castro e Manuel Castro Caldas. Estes, juntamente com Jorge Molder, que participou ativamente na seleção das obras, oferecem uma visão aprofundada da arte de Hatherly.

Em *Auto-Biografia Documental*, texto de Ana Hatherly presente no referido catálogo, a autora relembra o texto escrito para o catálogo de exposição *Desenho no Espaço*, 1979, feita na Galeria Tempo. Nele, Ana menciona que seu trabalho se iniciava na escrita, considerando-se uma escritora que se desviava para as artes visuais através da experimentação com palavras. Mas afirmava também, que seu percurso começava na pintura, onde ela via a si

mesma como uma pintora que se deslocava para a literatura, consciente dos laços que unem todas as artes:

O meu trabalho começa com a escrita – sou um escritor que deriva para as artes visuais através da experimentação com a palavra. A Poesia Concreta foi um estádio necessário, mas mais importante, especialmente a arcaica, chinesa e europeia.

O meu trabalho também começa com a pintura – sou um pintor que deriva para a literatura através dum processo de consciencialização dos laços que unem todas as artes, particularmente na nossa sociedade. Esta consciencialização tornou-se mais importante quando comecei a utilizar também a fotografia e o cinema como meio de investigar os processos de expressão e comunicação. (HATHERLY, 1992, p. 75)

Esse processo de desconstrução e reinvenção da leitura emerge como tema central em seu trabalho, refletindo sua paixão em reinventar a escrita ocidental, assim como a oriental já havia sido reinterpretada por outros artistas.

Em entrevista concedida a Maria João Fernandes e Carla Carbone para a revista *ArteTeoria*, n.º 1, 2000, Hatherly observou que o Barroco, abrangendo cerca de 150 anos de produção literária em Portugal, era frequentemente desconsiderado e até desprezado. Esta desvalorização do Barroco remonta às críticas de Luís Antonio Verney, que o considerava inferior e uma mera imitação da literatura espanhola. Hatherly apontou que até mesmo Luís de Camões foi criticado por seus traços pré-barrocos e maneiristas. Essa percepção negativa do Barroco despertou o interesse dos poetas experimentais, que, em oposição ao *status quo*, sentiram-se motivados a explorar e revalorizar esse período: “Se o Barroco não presta, então vamos saber e, claro, vamos dizer que sim depois de termos visto razões para isso. Quem fez esse estudo fui eu, em primeiro lugar, porque o Barroco foi um movimento de vanguarda muito contestado no seu tempo.” (HATHERLY, p. 40, 2000).

Hatherly notou que, embora os poetas experimentais não estivessem diretamente influenciados pelo Barroco, eles acabaram seguindo caminhos similares na sua abordagem à poesia. Sua investigação revelou que havia um interesse crescente pela poesia visual barroca em toda a Europa, e que os poetas barrocos, de fato, eram modernos em suas técnicas e abordagens.

A entrevista também aborda a infiltração da imagem na poesia concreta, levando a uma visualização da linguagem, e a exploração do imaginário, da metonímica estrutura-

conteúdo e da metafórica dialética-imagem. Ana Hatherly ressalta a ligação do termo "experimental" às novas tecnologias e sua utilização como sinônimo de aleatório, bem como sua vertente no concretismo na segunda metade da década de 60 (HATHERLY, p. 36, 2000).

No Caderno de Exposição *Ana Hatherly e o Barroco. Num jardim Feito de Tinta*, Paulo Pires do Vale ressalta que no Barroco, o pintor assumia um papel quase de pregador, com o Tempo sendo o verdadeiro protagonista. Esta era uma era de confronto com a finitude, onde o Jogo e a Morte emergiam como categorias culturais onipresentes. O homem barroco vivia num limiar entre o agônico e o lúdico, misturando o claro e o escuro, o sublime e o grotesco, o religioso e o profano. Hatherly, incorporando essas características em sua obra, via a criação como um ato lúdico, em que o jogo era uma categoria crítica fundamental. (VALE, 2017, pp. 7-25)

No I Congresso Internacional do Barroco, Porto, 1991, Hatherly apresenta seu trabalho “Metamorfose Barroca: Diálogo Oblíquo entre a Poesia e a Pintura” e enfatiza a importância do período Barroco como um marco de transformação significativa na história da arte e da literatura, onde a imitação dos clássicos e a paródia eram práticas comuns que levaram a uma espécie de exaustão de formas e imagens. A autora salienta que a obra de Arcimboldo é particularmente relevante para entender essa transição, pois suas pinturas não só representavam uma maneira estilística de ver o mundo, mas transgrediam a imitação pura ao injetar um senso de humor e crítica que refletia o espírito da época.

O estilo de Arcimboldo, que combinava elementos da natureza e do humano para criar retratos fantásticos, é visto como precursor de muitos conceitos modernos na arte, como o surrealismo e a arte fantástica. Hatherly aponta que, ao invés de simplesmente copiar ou emular o estilo e a substância dos seus predecessores renascentistas e medievais, Arcimboldo deliberadamente brincava com o espectador, provocando uma dupla tomada de consciência tanto da forma quanto do conteúdo. A autora discute como a estética Barroca, com sua ênfase na ornamentação e no simbolismo, predispôs a arte e a literatura da época a um tipo de expressão que valorizava a inteligência e o engenho tanto quanto ou até mais do que a beleza estética. Hatherly vê esses elementos como um desafio ao culto da forma perfeita e à harmonia clássica, propondo em vez disso um mundo onde a dissonância e a paradoxalidade são celebradas como fontes de criatividade e significado e argumenta que este diálogo entre o passado e o presente é relevante para a compreensão da arte barroca e para demonstrar

como a arte e a literatura podem ser vistas como um jogo contínuo de referências e reinvenções (Hatherly, 1991).

Através do jogo de reinvenções, a artista vê como a criatividade se manifesta na reinterpretação de formas, estilos e ideias. Isso realça a relevância do Barroco para o estudo contemporâneo da arte e da literatura e de um período que ainda tem muito a ensinar sobre a natureza da expressão humana e a busca por significado através da arte.

A autora destaca o uso do humor, da paródia e da estética burlesca como meios de criar novas formas de expressão e crítica, transformando a imitação numa ferramenta de reinvenção. Ela sugere que, ao invés de ver o Barroco apenas pelo prisma de uma era dominada por formas e imagens "exaustas", devemos reconhecer como os artistas e escritores da época brincavam com as expectativas, subvertiam a norma e utilizavam a arte para explorar conceitos metafísicos e cognitivos. (HATHERLY, 1991, pp. 413-427).

Ana Hatherly dedicou-se ao estudo do Barroco, analisando como os escritores da época compunham seus textos e descobriu que os métodos de escrita barrocos, com sua complexidade e jogo de imagens, eram inovadores e ainda hoje podem ser surpreendentes. Essa análise incluiu o aspecto lúdico da poesia barroca, considerando a criatividade como um jogo. Os poetas experimentais adotaram esses processos de subversão da linguagem e exploração de suas extremidades, aplicando-os em um contexto moderno.

Fui analisar como é que eles escreviam e escreviam de uma maneira que ainda hoje faz a cabeça ficar tonta. Em Operação 2, analisei os processos de criação de jogo de imagens e sobretudo o aspecto lúdico. Considerar a poesia e a criatividade em geral como um jogo [...]. O que nós fizemos foi aplicar os processos sem fazer o mesmo que eles, porque nós já não vivíamos naquele século. Mas aplicamos os mesmos processos de subversão da linguagem, de levar esta às últimas consequências. (HATHERLY, 2000, p. 40).

No Brasil, a obra de Ana Hatherly já era conhecida na década de 1980, a exemplo da matéria assinada por César Leal sobre *A experiência do prodígio*, obra icônica de Hatherly, publicada no *Diário de Pernambuco*, em 13 de janeiro de 1984. Quatro anos mais tarde, o *Jornal do Brasil*, datado de 1 de agosto de 1987, publicou entrevista de Ana Hatherly concedida a Eduardo Kac, com informações sobre os trabalhos da escritora em torno do Barroco:

[...] Ana Hatherly, 57 anos, estará participando de um simpósio na Europa que irá reunir os maiores especialistas do mundo em barroco, entre eles o mineiro Affonso Ávila. E a participação de Ana se deve ao trabalho inovador que ela vem desenvolvendo há cerca de dez anos, batizado por ela mesma de “arqueologia da poesia experimental”, que consiste no levantamento e análise dos poemas visuais do barroco português.

Nesta mesma entrevista, Hatherly comenta sobre a formação desse grupo por ela também constituído que, mais tarde, viria produzir inúmeros trabalhos sobre o barroco, poesia experimental, entre outras realizações:

[...] foi somente em 1961 que apareceu o primeiro livro em Portugal de poemas concretos que foi o *Ideogramas*, de Ernesto Melo e Castro. Em 1965 e 1966 foram publicados, respectivamente, os dois números das revistas *Poesia Experimental*, da qual participaram várias pessoas, entre elas António Aragão, Herberto Helder, José Alberto Marques, Salette Tavares, Ernesto Melo e Castro e eu. Apesar disto, não havia exatamente um grupo ou um movimento organizado e sim experiências isoladas e simultâneas de vários poetas [...] Helder, que vinha do surrealismo e não fez muita coisa [...]. O Aragão é que foi o ponta-de-lança, era o homem que viajava para todos os lados e que articulava o grupo [...] nossa ruptura, então, foi sendo feita lentamente, incorporando inclusive o passado experimental da poesia portuguesa, como os poemas visuais do barroco [...].

ENTREVISTA

O prodígio da experiência

Eduardo Kac

NO final de agosto e início de setembro a portuguesa Ana Hatherly, 57 anos, estará participando de um simpósio na Europa que irá reunir os maiores especialistas do mundo em barroco, entre eles o mineiro Afonso Areal. É a participação de Ana de seu trabalho inovador que ela tem desenvolvendo há cerca de dez anos, batizado por ela mesma de "arqueologia da poesia experimental", que consiste no levantamento e análise dos poemas visuais do barroco português.

Poeta, investigadora, ensaísta e professora, Ana é licenciada em Filologia Germânica pela Universidade Clássica de Lisboa, Doutorada na Universidade da Califórnia (Berkeley) em Literaturas Hupônicas e formada em Técnicas de Cinema e Realização na London Film

School, e atualmente ensina Literatura Portuguesa Barroca na Universidade Nova de Lisboa.

Entre suas obras publicadas, o volume *A reinvenção da leitura* revela um ponto alto nas investigações de Ana como poeta. Os textos ali presentes, produzidos a partir da natureza da escrita manual sobre o papel, apontam para um novo limite, que incorpora a tradição (fechada) a caligrafia, de Apollinaire; mas funda seu próprio lugar. Nestes textos, a legibilidade se dissolve e a escrita se eleva, em composições que representam a própria escrita, ou o ato da escrita em si.

A poesia de Ana se corporifica a partir da relação entre imagem e palavra de uma maneira muito particular. Apesar da opção pelo manuscrito, seu trabalho não remete diretamente à leitura das escritas orientais e sim às escritas elas mesmas. Ana costuma dizer que estudou a caligrafia chinesa a exaustão, até seu braço se tornar "inteligente".

Com a palavra, a matriarca da vanguarda portuguesa.



Ana Hatherly, a matriarca da vanguarda portuguesa, e seu poema "Esferas do Intelectual" (1975).



ID: No começo dos anos 60, a literatura portuguesa ainda estava profundamente influenciada por duas vertentes básicas: o neo-realismo e o surrealismo. Como se deu a ruptura da poesia experimental?

Ana — Apenas de eu ter publicado em 1968 o primeiro artigo em Portugal sobre a poesia concreta brasileira. Foi somente em 1961 que apareceu o primeiro livro em Portugal de poemas concretos, que foi o "Idiograma", de Ernesto Melo e Castro. Em 1963 e 1968 foram publicados, respectivamente, os dois números da revista "Poesia Experimental", da qual participaram várias pessoas, entre elas António Aragão, Herberto Helder, José Alberto Marques, Salette Tavares, Ernesto Melo e Castro e eu. Apesar disso, não havia exatamente um grupo ou um movimento organizado e sim experiências isoladas e simultâneas de vários poetas. Mesmo assim eram poucas as experiências. Aragão e Melo e Castro produziam alguma coisa, eu estava entregando a pesquisa e o Helder, que depois se retraiu publicamente, vinha do surrealismo e não fez muita coisa também. O Aragão e que foi o poeta-de-lata, era o homem que viajava para todos os lados e que articulava o grupo, se é que se pode falar em grupo. No começo, entretanto, havia uma grande indefinição, e até surrealistas como Mário Cesariny lutam agregados. A nossa ruptura, então, foi sendo feita lentamente, incorporando inclusive o passado experimental da poesia portuguesa, como os poemas visuais do barroco no mesmo Camões, com textos como "Os chamados dispersos da Índia".

ID: Emmet Williams afirma que a poesia concreta nasceu na Europa, com Gottfried, que em 1931 escreveu "Konstellationen". Os com Öyvind Fahlström, que em 1933 publicou o "manifesto for konkret poesi". Qual a posição da poesia experimental portuguesa em relação à poesia concreta brasileira e ao continente europeu?

Ana — O trabalho dos irmãos Campos e um fato, assim como o trabalho de Gottfried também o é. Em particular, vejo um interesse comum, entre a poesia concreta brasileira e o experimentalismo português, sobre o tratamento do texto e a exploração sistemática do potencial expressivo da palavra. Entretanto, naquele período inicial, eu estava interessada na poesia visual em um sentido mais amplo do que aquele proposto pela poesia concreta. Eu joguei com a estrutura da linguagem, praticando poemas visuais feitos do verso 17, por exemplo, sempre escrevendo um grande fascículo sobre isso. E, apesar da sua importância teórica, o claro que a poesia concreta não podia dar conta de voltar às possibilidades da poesia visual. Como eu já disse, apesar das diferenças, o que distingue os brasileiros e os portugueses em relação aos poemas visuais em geral, é que os primeiros se preocupavam em primeiro lugar com a

escrita, com a leitura, enquanto os brasileiros e os alemães, por exemplo, eram poetas, arquitetos, designers e até escritores, mas em seus poemas a visualidade tinha preponderância sobre a escrita. Como foi possível constatar nestes dois casos, foi este o poema que mais se desenvolveu, o da poesia visual. De tal maneira que hoje se diz "poesia visual" de uma maneira genérica, abarcando todos os movimentos e propostas: a poesia futurista, a poesia letada, a poesia concreta, o poema objeto etc. A poesia visual foi a que mais se desenvolveu porque abriu a lacuna ideológica e ampliava os campos de leitura.

ID: A poesia sempre foi uma arte verbal. A abolição da palavra no poema não torna tudo muito fácil? Quais os parâmetros, neste caso, para se avaliar a qualidade, ou a eficácia expressiva do poema?

Ana — Sim, fica tudo muito fácil. E os critérios de avaliação também se alteram. O que acontece é que as grandes experiências revolucionaram e se esgotaram, mas permaneceram. Uma vez feita a revolução, já não é possível mais voltar atrás. Há os que desistiram, depois, o que foi inventado antes, sim. Mas também há os que trouxeram novas revoluções, sempre. Como se as que estão em curso via novas tecnologias. A pesquisa não para.

ID: Suas investigações sobre a poesia visual barroca colocam em circulação textos importantes que, de outra maneira, permaneceriam soterrados em grandes bibliotecas portuguesas. De Simões de Rodrigues aos vanguardistas, qual a contribuição dos textos visuais barrocos?

Ana — Depois de dez anos de pesquisa publiquei a antologia "A Experiência do Prodígio", onde compilei vários tipos diferentes de poemas visuais, que revivem uma preocupação muito grande dos autores dos séculos 17 e 18 em organizar gráficos e visualmente seus textos. Muitas vezes nem importa tanto o que está sendo dito e sim a resposta da construção verbal, seja impressa tipograficamente ou manuscrita. Estes autores, de fato, trabalhavam no limite do texto tipográfico, com arranjos muito complexos, e também, no limite da linguagem, da escrita, montando e desmontando textos que, em muitas casos, precisavam de instruções para serem lidos. Os textos e os poemas da época não estavam propostos, talvez por isso estes textos tinham sido esquecidos. Apesar dos poemas figurativos serem textos subdivididos, a maior parte dos poemas da época também não estava proposta para o livro. Mas estes textos sobrevivem até hoje, como se aguardassem apenas o momento de serem lidos em novas circunstâncias pelo leitor.

Ilustração: Kac e Hatherly, poema e poema visual. Representação do Brasil e Portugal Internacional de Poesia, em Lisboa, em 1987.

ÍDEIAS JORNAL DO BRASIL 1º DE AGO. 1987 9

Figura 1: Entrevista com Ana Hatherly, Diário do Brasil, 1 de agosto de 1987, n. 115, p. 54

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Uma curiosidade chama-nos a atenção nessa entrevista: o título "O prodígio da experiência" (troca de lugar das palavras com o título real, ou seja, *A experiência do Prodígio*)

que pode ser um erro, mas pode também ser um elogio a Ana Hatherly, dado que, na apresentação da autora, Kac a ela se refere como “a matriarca da vanguarda portuguesa”.

No Brasil, outros jornais como *Correio Braziliense* (DF), *Diário da Manhã* (PE), *Poesia Sempre* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ) e outros trariam ao longo das décadas várias matérias ou notícias sobre Ana Hatherly e suas publicações.

A partir do PO-EX, a pesquisa de Hatherly sobre o Barroco associada ao experimentalismo, em perspectiva interdisciplinar, resultou em livros, artigos e diversas obras de arte. Durante os anos 80-90, houve o lançamento da revista *Claro-Escuro*, Revista de Estudos Barrocos, que circulou em Lisboa, entre 1988-1991, na qual o resgate do Barroco vinha ao encontro de um projeto de revisão crítica das manifestações barrocas em diversos países.

1.1 O contexto da *Claro-Escuro*

O projeto da *Claro-Escuro* seguia os passos de outros movimentos revisionistas do Barroco que despontaram na Espanha e na América Hispânica, nas décadas de 60-70, a desenhar “um grande arco barroco trans-ibérico” [COSTA, 2007], a respeito do qual Ana Hatherly se manifestou, em entrevista a Horácio Costa para a revista *Atlântica*:

Como Haroldo de Campos bem o demonstrou, por razões de herança cultural, há uma ligação muito importante entre o barroco histórico e a vanguarda experimental do século XX, tanto brasileira como portuguesa. Portanto, a ideia de “um grande arco trans-ibérico” faz todo o sentido em termos culturais, particularmente nessa época. Os experimentalistas portugueses estiveram muito ligados aos concretistas brasileiros, mas não só a eles, porque a presença da vanguarda europeia teve sempre neles grande peso, não deixando de ser igualmente uma referência básica tanto para o Brasil como para a América Latina. O vanguardismo do século XX, porém, tornou-se um fenómeno mundial, precursor de uma certa forma de globalização. (p. 18).

Ana Hatherly observa a influência mútua entre os experimentalistas portugueses e os concretistas brasileiros, reconhecendo também o impacto da vanguarda europeia nessas correntes artísticas. A artista ressalta que o vanguardismo do século XX se tornou um fenómeno global, precursor de uma forma de globalização cultural.

A revalorização do Barroco enquanto termo e período artístico significativos é em grande parte devida ao trabalho do historiador de arte suíço Heinrich Wölfflin, que foi um dos primeiros a rejeitar a ideia de que a arte barroca era inferior à arte renascentista. O autor ajudou a redefinir a compreensão do Barroco e forneceu uma nova metodologia para a história da arte. A reinterpretação do barroco pelo historiador mudou a percepção dessa expressão considerada como uma forma degenerada de arte para compreendê-lo como um período peculiar da história da cultura, com seu próprio valor estético e significado.

Ao contrário da Renascença, o Barroco não foi acompanhado de teoria. O estilo se desenvolve sem modelos. Ao que parece, em princípio, não havia um desejo de seguir novos caminhos. Por isso também não surgiu um nome preciso para este estilo: *stilo moderno* engloba, ao mesmo tempo, tudo o que não seja antigo ou pertença ao *stilo tedesco* (gótico). Em compensação, alguns conceitos antes desconhecidos surgem agora, nos autores que escreveram sobre arte, como critérios da beleza: *capriccioso*, *bizarro*, *stravagante* e outros. Sente-se um certo prazer pelo raro e que estivesse além das regras. O fascínio pelo informal começa a operar. (Wölfflin, 1989, p. 34).

Wölfflin não via os estilos artísticos como fenômenos isolados, mas como parte de uma história contínua. Ele desafiou a visão prevalecente de que o Barroco era uma decadência do Renascimento e argumentou que o Barroco era uma evolução natural, uma resposta a uma mudança nas condições culturais e intelectuais daquela época.

Nas últimas décadas, a crítica de arte tem olhado para o Barroco português com um olhar cada vez mais atento à dimensão sociocultural e simbólica. Críticos como José-Augusto França destacaram o papel da pintura barroca como um dos grandes elementos na construção da identidade nacional ao mesmo tempo em que analisaram as tensões implícitas nessa manifestação: tradição e inovação, sagrado e profano, local e global e a reinterpretação complexa dessa época.

Na América Latina, o ressurgimento do interesse pelo Barroco foi especialmente forte. O século XX foi marcado por uma reavaliação do legado colonial e das identidades nacionais e regionais. Nesse contexto, a arte e a literatura barrocas foram vistas como expressões de um espírito criativo e resistente, tanto que alguns escritores latino-americanos do século XX, como Alejo Carpentier e Lezama Lima em Cuba, e Octavio Paz no México, exploraram a riqueza simbólica e expressiva do Barroco em suas obras. No Brasil, os irmãos Campos e Affonso Ávila

tiveram contribuições extremamente significativas e são referência nos estudos do movimento.

Inserida no contexto político e social de Portugal, desde o final da década de 1950 Ana Hatherly pensou e concretizou um projeto editorial que não se limitou apenas a autores e pesquisadores portugueses das áreas das Letras, mas também convidou, para integrar o corpo de colaboradores, escritores de nacionalidades distintas e de outros saberes. Como artista plástica, Hatherly vislumbrou um projeto amplo, que contemplasse artigos voltados ao resgate do barroco na literatura, música, pintura, escultura, tecelagem, bem como a interação entre essas áreas, representadas por diversos pesquisadores. O contato com o Barroco, e com a forma da poesia visual e experimental, já se fazia presente nos ensaios de Hatherly, *A Experiência do prodígio - Bases Teóricas e Antologia de Textos-Visuais Portugueses dos séculos XVII e XVIII* (1983), *A Casa das Musas: uma releitura crítica da tradição* (1995), *O Ladrão Cristalino: aspectos do imaginário barroco* (1997), dentre outros trabalhos. Embora a trajetória de Hatherly estivesse predominantemente voltada aos estudos barrocos, foi apenas no final dos anos 80 que a escritora idealizou uma revista inteiramente voltado ao tema: a *Claro-Escuro*.

No final dos 80, com a proximidade da passagem dos séculos, a globalização estreitou os laços de integração regional entre os países: o Brasil, inserido no Mercosul, e Portugal, na União Europeia, passaram a viver segundo as regras das formações do livre comércio, já disposto no GATT, artigo XXIV de 1947, que estabelecia uma união aduaneira ou uma zona de livre comércio para facilitar a relação entre países em desenvolvimento, concedendo preferências tarifárias entre eles. Também no âmbito acadêmico as relações luso-brasileiras evidenciaram um avanço na constituição de um novo ambiente de trabalho entre os especialistas das mais diversas áreas do conhecimento. A ideia passa a ser o incentivo à exploração de temas comuns e novas formas de diálogo entre os dois mundos. Cabe ressaltar que, ao fim dos anos 1975, Portugal se retirou da África e, dentro do processo de redemocratização do país pós-25 de abril, a procura deste por um novo lugar no contexto mundial impulsionava também outras condições de aproximação com o Brasil: “A força das novas relações Brasil-Portugal reside não apenas nos discursos de sensibilidades, paixões e saudades, mas na relevância dos intercâmbios materiais entre as duas sociedades.” (SARAIVA, 2000, p. 20)

Além disso, o século XX foi um período de profundas transformações sociais, políticas e tecnológicas, marcado por duas guerras mundiais, pela ascensão e queda de regimes totalitários e pelo grande desenvolvimento tecnológico e a consequente globalização. Nesse contexto, a escolha de Hatherly pelo barroco e neobarroco como linha diretriz da revista *Claro-Escuro* não foi mero regresso ao passado, mas um modo de expressar, criticar a contemporaneidade.

O Barroco, com foco no conflito, tensão e drama, é reflexo apropriado das incertezas do século XX. Além disso, o movimento tem uma longa história de experimentação e inovação, características que Hatherly compreendia como essenciais para o enfrentamento da modernidade. A escritora via este passado não apenas como relíquia, mas como linguagem viva e vibrante, capaz de expressar a complexidade e a diversidade do mundo contemporâneo. Seu trabalho com a *Claro-Escuro* foi, em muitos aspectos, uma tentativa de resgatar e reinterpretar o barroco com o objetivo de explorar novas maneiras de entender o mundo e nele se engajar tendo em vista uma visão mais inclusiva e diversificada da cultura e da literatura.

Começamos pela questão do excesso e da opulência barrocas que vão de encontro aos conceitos de minimalismo e simplificação que eram frequentemente associados à arte moderna do século XX. O barroco, com sua riqueza de detalhes e celebração do excesso, oferece um contraponto a essa tendência. Por intermédio da revista *Claro-Escuro*, Hatherly procura resgatar essa estética da abundância e apresentá-la como alternativa válida à simplicidade dominante. Além disso, a opulência barroca tem a capacidade de expressar a complexidade e a incerteza da existência humana, ideia que se encaixa perfeitamente na realidade turbulenta do século XX.

Em segundo lugar, este resgate feito por Hatherly pode ser interpretado como crítica à linearidade e à noção de progresso que caracterizam a visão de mundo moderno. O barroco, com ênfase no conflito, no paradoxo e no drama, apresenta uma visão de mundo complexa e contraditória. Ao trazer essa perspectiva para o século XX, a autora questiona a ideia de que a história é um processo linear de avanço e progresso, compreendendo-a permeada de repetição e inovação.

É nesse contexto que ocorre também a aproximação entre os intelectuais da academia, de ambos os países, para os quais o Barroco estava na pauta das revisões e recriações. No Brasil dos anos de 1950, Haroldo de Campos escreve seu primeiro ensaio acerca do tema, A

obra de arte aberta (1955), no qual desenvolve reflexões acerca “[...] de obras que não se limitavam à concepção linearista e fechada, tal qual Pierre Boulez denunciara em conversa com Décio Pignatari, apontando para uma “concepção da obra de arte aberta, como um ‘barroco moderno’.” (GATTO, 2011, p.1).

Claro-Escuro: Revista de Estudos Barrocos demonstrou compreensão profunda do barroco como estilo artístico e cultural e seu significado contemporâneo e interdisciplinar. Ao longo de sua existência, a revista ofereceu visão abrangente sobre diversas manifestações barrocas, refletiu sobre a complexidade do período ao explorar seus vários aspectos e assim, disciplinas puderam coexistir nas páginas da mesma revista, por si só, testemunhas do caráter abrangente deste estilo.

O surgimento da *Claro-Escuro* coincidiu com um período de consolidação da trajetória de Ana Hatherly como escritora e acadêmica que, reconhecida pela sua competência em literatura, artes visuais e estudos culturais, encontrou no Barroco âmbito fecundo para explorar as suas múltiplas facetas estéticas e artísticas, convergindo-as na criação desta publicação especializada. Esta revista centrou-se exclusivamente na análise e divulgação de temas associados ao Barroco, evidenciando-se como instrumento essencial na propagação desse campo de estudos tanto em território português como no universo lusófono global.

Ao longo da sua circulação, a revista abordou uma diversidade considerável de tópicos relacionados ao período, entre os quais se incluíam a literatura, a pintura, a escultura, a arquitetura e a música. Os artigos e ensaios apresentados na revista exploraram a complexidade e riqueza do período Barroco, dedicando-se à análise de obras e artistas específicos, assim como a questões teóricas e estilísticas.

Claro-Escuro foi, de igual modo, um veículo que favoreceu o diálogo e o debate entre os estudiosos do Barroco em Portugal e além-fronteiras. A revista contou com a contribuição de especialistas e críticos, que partilharam as suas pesquisas e reflexões acerca do tema. Desta forma, a publicação desempenhou papel preponderante na consolidação e avanço dos estudos barrocos e neobarrocos, principalmente em Portugal e Brasil, servindo de plataforma para a disseminação destes conhecimentos.

A direção de Ana Hatherly foi determinante para a importância da revista. Sua erudição, aliada à capacidade de transitar entre diferentes áreas, permitiu uma abordagem interdisciplinar e inovadora do tema. Hatherly propôs visão singular, salientando a materialidade da linguagem, a visualidade e a experimentação de tal estilo. Sob sua

coordenação, a revista desempenhou relevante papel no avanço de tais estudos e contribuiu para a consolidação e o desenvolvimento no campo, além de promover o diálogo entre especialistas da área.

Ao longo do século XX, várias transformações consolidaram a importância da emoção e da subjetividade; movimentos artísticos de vanguarda como o Expressionismo e o Surrealismo funcionaram como veículos para a exposição dessas dimensões humanas. Simultaneamente, avanços nas esferas da psicologia, em diálogo com outras áreas do conhecimento, proporcionaram a revalorização do Barroco, na perspectiva da interdisciplinaridade.

Outro importante fator na releitura do Barroco reside na globalização e descentralização cultural, permitindo que múltiplas tradições culturais, inclusive aquelas situadas às margens da hegemonia da Europa Ocidental tivessem visibilidade. Além disso, a crítica empenhada em lançar um olhar sobre o período barroco, viveu uma era de intensas turbulências políticas e sociais, em especial as duas guerras mundiais. O panorama catastrófico movido por esses conflitos instigou o reexame dos paradigmas estéticos precedentes, imprimindo a intrincada dialética entre ordem e caos (intrínseca ao *ethos* barroco) e ressoou nas complexidades e ambivalências da vida e cultura contemporâneas.

A trajetória de Ana Hatherly no cenário dos estudos barrocos ganhou nova abordagem com a fundação da *Claro-Escuro* e o processo de construção da revista para a diretora foi muito além da mera curadoria editorial. Desde o seu número de estreia, a revista se destacou pela diversidade e intrincada natureza da proposta de Ana Hatherly, sendo notável pela extensão que seu âmbito temático abrange. Nesse sentido, a *Claro-Escuro* oferece campo de estudo para várias disciplinas: história cultural, teoria da literatura, pintura, escultura, arquitetura, filosofia. Sua ênfase no Barroco, tanto no contexto português como em conexões transnacionais, representa um contributo significativo para a compreensão de como as formas barrocas foram reapropriadas, reinterpretadas e reimaginadas na cultura contemporânea.

Por ocasião da concessão da Bolsa BEPE – Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior. Processo: 2023/02159-9, FAPESP – fui a Lisboa a fim de visitar alguns centros de pesquisa para elucidar questões fundamentais em relação à criação da revista pensada por Ana Hatherly. Tal estágio me revelou o intenso envolvimento da artista em todos os aspectos daquela produção: desde a busca por financiamentos, convites para os colaboradores publicarem até o design das capas e gestão editorial.

Antes mesmo da concepção e ideia da revista *Claro-Escuro*, Ana Hatherly já mantinha vínculos significativos com vários autores que viriam a ser colaboradores da publicação. Essa conexão prévia foi evidenciada através da análise das correspondências armazenadas nos arquivos do espólio da autora que se encontram nos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal. Nestas cartas, observa-se intenso intercâmbio de ideias e uma rede de comunicação ativa entre Hatherly e diversos intelectuais de seu tempo, que abarcava discussões sobre temas literários, artísticos e pessoais. Nomes como Leodegário de Azevedo Filho, Melo e Castro, Afrânio Coutinho, José-Augusto França, Edgar C. Knowlton, Fernando Guimarães e outros que colaboraram na revista, já faziam parte do universo de Hatherly.

No editorial de estreia da revista, Hatherly destacou o “interesse crescente” pelos estudos barrocos, fenômeno que vinha ganhando corpo em diversas instituições e terrenos de pesquisas, fato que pode ser comprovado pela extensa “Bibliografia de História da Arte dos séculos XVII e XVIII” (pp. 163-203, 1991), realizada por Eduardo Duarte, e publicada nos números 6 e 7 da *Claro-Escuro*, na qual são elencados mais de sete centenas de livros dedicados ao tema³.

Este panorama acadêmico e cultural, caracterizado pela revalorização do Barroco, forneceu clima ideal para o surgimento da revista. Hatherly percebeu a oportunidade e a necessidade de uma plataforma (em Portugal) dedicada a este campo em expansão. Ao redor do mundo, intelectuais compartilhavam da mesma percepção sobre a relevância desse movimento artístico, resultando na criação de publicações semelhantes, cada uma com suas peculiaridades e perspectivas regionais:

No Brasil, Affonso Ávila, especialista nos estudos barrocos, sobretudo o mineiro, que, ao final dos anos 60, fundara a revista *Barroco* (1969-), divulga estudos sobre o barroco no Brasil bem como suas vinculações internacionais.

Na Espanha, a revista *Arte barroco de Madrid: publicación bimestral de conjuntos y detalles de arquitectura madrileña*, Editora: Publicaciones Artísticas Leoncio de Miguel, Madrid, é outro exemplo pioneiro. Publicada pela Editora Publicaciones, em 1918, a publicação bimestral focava em conjuntos e detalhes da arquitetura madrilenha, e o legado barroco na capital espanhola.

³ Em análise bibliográfica detalhada no WordCat.org, maior catálogo em linha do mundo, entre os anos de 1950 e 1990, encontramos mais de 4 mil títulos de obras produzidas sobre o tema, seja em formato de livros, capítulos, ebooks, artigos, etc

Na Alemanha, os trabalhos desenvolvidos em torno dos estudos barrocos pela Biblioteca de Wolfenbüttel, incluem a edição da revista *Wolfenbütteler Barock-Nachrichten* (1974-2016) que discutiu o barroco sob variadas óticas ao longo de sua existência.

Baroque, vinculada ao Centre International de Synthèse du Baroque de Montauban, e publicada entre 1965 e 1987 na França, por iniciativa de Félix Castan, refletia os esforços de Castan em reunir os principais especialistas franceses e europeus nos estudos barrocos. Os doze números publicados abordavam os atos das jornadas organizadas por Castan.

Na Itália, a *Archivio Barocco* (1984-) do Centro Studi Archivio Barocco da Università degli Studi di Parma começou a se dedicar aos estudos barrocos já no início dos anos 80. Esta publicação representava o interesse acadêmico italiano pelo Barroco, englobando ampla gama de estudos e pesquisas nessa área.

Estes exemplos, cada um em seu contexto geográfico e cultural, refletem essa tendência global de reavaliação, redescoberta do estilo e serviram como plataformas para a divulgação de pesquisas acadêmicas na promoção de diálogos mais amplos sobre o significado e a influência do Barroco na arte, literatura e cultura contemporâneas.

A caracterização dessas correntes não pode ser lembrada apenas pela produção de obras sobre o tema, mas sobretudo, pela formação de grupos de estudo e de pesquisas que enfatizaram tanto as conexões entre o Barroco e outras eras e estilos quanto às circunstâncias históricas que influenciaram expressões artísticas posteriores. Importantes eventos como congressos, palestras e seminários foram realizados nesse período. Citamos o importante Colóquio “Le Baroque Litteraire”, realizado pela Fundação Calouste Gulbenkian de Paris, entre os dias 12 a 14 de dezembro de 1989, que contou com a presença de nomes que também colaboraram na *Claro-Escuro*: Claude-Gilbert Dubois, Margarida Vieira Mendes, Benito Pelegrin, Maria Lucília Gonçalves Pires, Maria Alzira Seixo e a própria Ana Hatherly.

Este renovado interesse pelo Barroco também teve impacto significativo no ensino e na pesquisa acadêmica em Portugal, com universidades e instituições de ensino canalizando recursos consideráveis ao estudo deste período. Como resultado, uma nova geração de estudiosos do Barroco emergiu, continuando a expandir e a enriquecer a compreensão dessa manifestação literária e artística.

É notável observar que, no mesmo ano inaugural da revista *Claro-Escuro*, em 1988, outro importante periódico cultural, a *Colóquio/Artes: revista trimestral de artes visuais, música e bailado*, editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, sob a direção de José-Augusto

França, dedicou-se também ao tema do barroco. Na sua edição de número 76, a prestigiada revista apresentou edição especial focada no barroco com destaque ao trabalho de Ana Hatherly com o texto "Enigmas Barrocos Portugueses", evidenciando a relevância e influência de seu trabalho no estudo e na interpretação deste estilo. Este momento marca uma sincronia cultural significativa e demonstra o papel central de Hatherly no diálogo acadêmico e artístico sobre o barroco não apenas em solo português.

No espólio da autora, produções de diversas partes do mundo chegavam à Rua do Patrocínio, 65-5 B, 1300/Lisboa, apartamento em que viveu Ana Hatherly durante grande parte de sua vida acadêmica. Tanto intelectuais da literatura quanto artistas plásticos enviavam-lhe trabalhos para apreciação, discussão, sugestões, como também a autora enviava os seus para futuras trocas de ideias entre eles.

A *Claro-Escuro* nasceu, portanto, de uma conjunção de fatores: por um lado, o desejo de Hatherly de formar um grupo autônomo que promovesse e dinamizasse os estudos barrocos; por outro, a constatação de uma lacuna no panorama editorial e acadêmico português, adicionada à crescente ascensão de estudos sobre o Barroco em diversas partes do mundo.

1.2 Sobre o título da revista

Para compreendermos o título atribuído por Hatherly à revista ora estudada, faz-se necessário entender o tema “claro-escuro” na obra da autora, cuja produção sempre desafiou as fronteiras entre a luz e a sombra, a forma e a ausência de forma, a ordem e o caos. Hatherly empregava este artifício para produzir profundidade e dimensão de natureza tanto física quanto conceitual em suas obras. A técnica não se limitava à criação de ilusões de volume, mas se estendia à investigação de oportunidades estéticas e semânticas que surgem desses contrastes. Esta técnica foi amplamente utilizada e aperfeiçoada durante o Renascimento e o Barroco, tornando-se um elemento distintivo da arte barroca.

A escolha do nome “Claro-Escuro” para a revista parece ser a extensão desse interesse. Os estudos barrocos, com suas complexidades e paradoxos, são bem representados pela ideia de claro-escuro. A arte barroca, afinal, é conhecida por seu dramatismo, dualidade, frequentemente caracterizada por contrastes e paradoxos, como a combinação de opulência

e austeridade, ordem e caos, emoção e razão. O título da revista é, portanto, um reflexo do próprio objeto de estudo de Hatherly.

A origem do termo vincula-se à palavra *chiaroscuro* (italiano), técnica artística que se refere ao uso de contrastes fortes entre luz e sombra para dar impressão de volume e profundidade às obras de arte. É frequentemente associada ao período da Renascença italiana, embora tenha tido papel significativo em muitas outras épocas e estilos artísticos, incluindo o barroco.

Na literatura, o "claro-escuro" pode representar a interação entre o texto e o subtexto, entre o significado literal e as camadas de significado mais profundas que exigem interpretação. Na poesia concreta e experimental, Hatherly se destaca; o "claro-escuro" pode se referir ao modo como a forma e o conteúdo interagem com significados que emergem das palavras escritas e pela forma visual e espacial que ocupam na página.

No contexto da obra de Hatherly, que frequentemente explorava a fronteira entre texto e imagem, o "claro-escuro" poderia representar a maneira como ela concebia a relação entre a escrita e a visualidade. Na poesia concreta, por exemplo, a disposição visual das palavras pode criar um "claro-escuro" através do contraste entre o branco da página e o preto do texto, o que por sua vez pode influenciar a interpretação do leitor. Este contraste visual enfatiza a materialidade do texto e a sua capacidade de carregar significados além do literal e pode também simbolizar o dinamismo entre o manifesto e o oculto na poesia experimental, em que o significado não é apenas transmitido pelas palavras, mas também pela maneira como são apresentadas na página. Este jogo de revelação e ocultação é central para a poesia experimental, em que forma e o conteúdo estão em constante diálogo.

Os trabalhos de Ana Hatherly, muitas vezes, exigem do leitor/espectador uma participação ativa na descoberta dos significados, que podem não ser imediatamente aparentes. Esse processo de descoberta e interpretação é análogo ao efeito do claro-escuro na pintura, em que a compreensão completa da forma depende da percepção das nuances de luz e sombra.

Ao traçarmos um paralelo entre o título escolhido por Ana Hatherly, a predileção da autora pelo tema e o termo *chiaroscuro*, evidencia-se que compartilham referências ao emprego refinado de luz e sombra, utilizados para engendrar profundidade e drama, mas que não foi apenas a reflexão daquele momento para a artista e sim o eco de uma temática que já permeava o pensamento da autora há anos, pois sua obra é conhecida pela capacidade de

explorar e integrar diversas formas de expressão artística, mesclando texto e imagem, o antigo e o moderno, de maneiras que desafiam as convenções e criam novos significados.

Para Hatherly, o termo pode encapsular o espírito da intertextualidade, em que textos e imagens dialogam entre si, criando um campo de jogo literário e visual que é fundamental para a compreensão da arte como um todo.

Esta conexão com o termo "claro-escuro" pode ser rastreada até 1959, com a publicação de seu livro *As Aparências*, cujo subtítulo, como se pode ver no manuscrito da capa (Figura 1), já incorporava essa expressão, presente também na correspondência pessoal da autora (Biblioteca Nacional de Portugal):

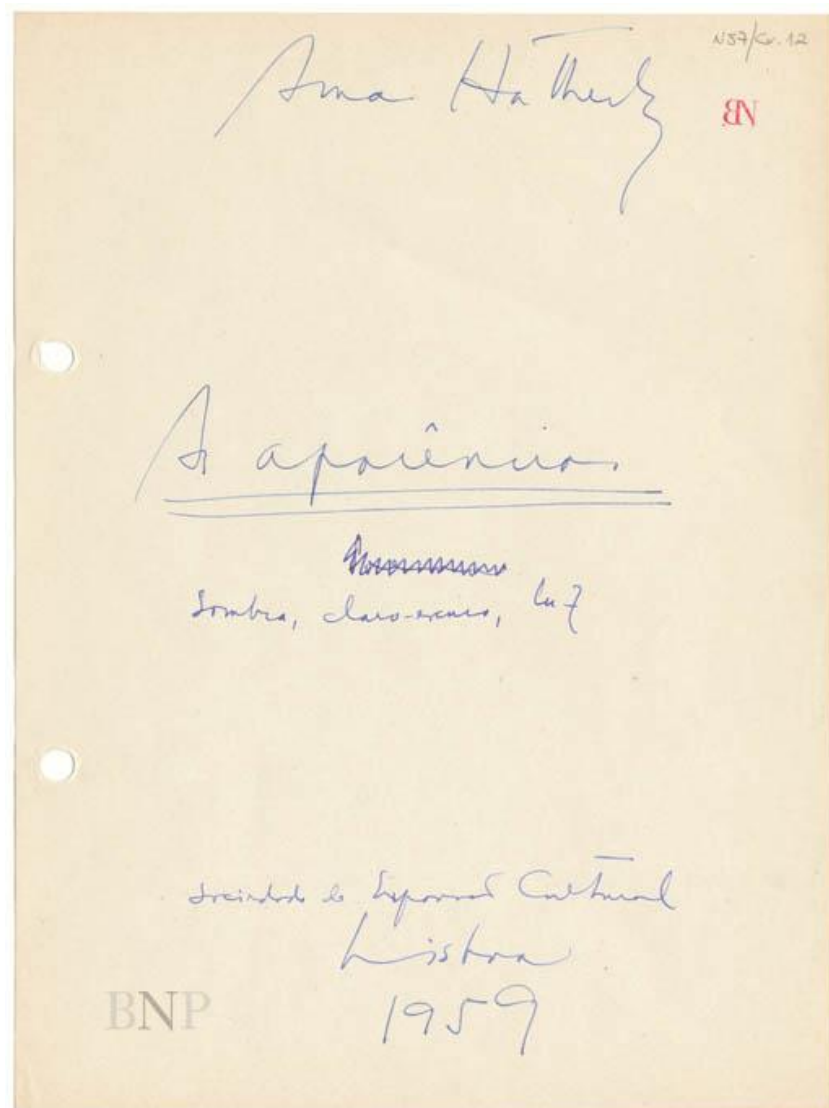


Figura 2: Manuscrito da capa de *As Aparências*, 1959

Fonte: Espólio pessoal de Ana Hatherly, Biblioteca Nacional de Portugal

A inclusão do termo "claro-escuro" no subtítulo da obra indica que este conceito artístico e estilístico não era um interesse momentâneo ou circunstancial da autora e sim, um traço de sua predileção pelo tema.

Com a escolha do título *Claro-Escuro*, Ana Hatherly ressalta sua inclinação artística pessoal e evidencia uma das características fundamentais dos estudos barrocos, espelhando a dualidade intrínseca ao próprio caráter deste movimento.

1.3 Os colaboradores

Para a composição do corpo de colaboradores da *Claro-Escuro*, a diretora adotou a abordagem de envios de "carta-convite" aos autores e reconheceu a importância de não apenas incluir vozes já estabelecidas no campo dos estudos barrocos, mas teve o compromisso de abrir espaço para novos talentos e perspectivas.

Esses convites certamente refletem o reconhecimento do mérito acadêmico e criativo dos convidados e apontam a intenção de Hatherly em construir uma comunidade diversificada de pensadores e estudiosos ao representar equilíbrio entre a inovação e a tradição. Se, por um lado, Hatherly demonstrou forte compromisso em fomentar novos talentos, evidenciado pela inclusão de acadêmicos emergentes, tais como Horácio Manuel Pereira Bonifácio, Arminda Santos, Natália Nogueira, Isabel Carlos, Luísa d'Orey Capucho, Filomena Belo, Manuela Rocha, por outro lado, a revista também contou com a participação de nomes estabelecidos e respeitados no campo dos estudos barrocos e áreas relacionadas, consolidando seu status como uma publicação de prestígio e profundidade acadêmica.

Entre esses colaboradores, encontramos Claude-Gilbert Dubois, cuja expertise na literatura e na análise do Barroco enriqueceu as páginas da revista com perspectivas internacionais. E. M. de Melo e Castro, conhecido pelos trabalhos de poesia concreta e visual, trouxe dimensão única para os estudos barrocos, integrando arte e literatura nas páginas da revista. Eduardo Duarte contribuiu com sua profunda compreensão do Barroco, especialmente em termos de bibliografia de história da arte. Fernando Guimarães adicionou riquezas interpretativas ao conteúdo da revista. Benito Pelegrin, crítico francês, particularmente respeitado por análises e interpretações da literatura e da cultura barroca, tanto da Europa quanto da América Latina.

No campo da filosofia, Carlos Couto de Sequeira Costa explora questões relativas à filosofia, estética e teoria do conhecimento. Edgar C. Knowlton, acadêmico e especialista na área de estudos hispânicos, desenvolveu papel significativo no campo da literatura espanhola em solo americano.

Luís de Moura Sobral, investigador português, conhecido por sua atenção ao campo da história da arte, sobretudo a barroca, combina métodos históricos, artísticos e culturais para explorar o estilo. Victor Infantes, respeitado crítico literário, contribuiu significativamente com os estudos hispânicos que abrangem vários períodos e aspectos da literatura espanhola.

Rui Bebiano, historiador português, reconhecido por seus estudos em história contemporânea ligada às questões da memória, cultura e política. António Cirurgião, ensaísta de prestígio que dedicou grande parte de seus estudos ao movimento barroco contribuiu na revista e em diversos diferentes projetos junto de Ana Hatherly

Maria Lucília Gonçalves Pires, Paulo Pereira, Maria Alzira Seixo, Maria Aparecida Ribeiro, Margarida Calado, e outros nomes que figuram entre os colaboradores das edições da *Claro-Escuro*, tiveram a oportunidade de colaborar com Ana Hatherly em outros projetos, influência que espelha os interesses de Hatherly em constituir um grupo sólido para dividirem interesses comuns.

José Augusto França e José Fernandes Pereira, ambos com notáveis contribuições no campo da história da arte, ampliaram o escopo da revista para abranger análises detalhadas de obras e movimentos artísticos barrocos. Ivo Castro, famoso linguista português, ofereceu valiosa contribuição aos estudos do período barroco ao elencar a bibliografia feita por Frei Jerónimo Baía.

Afrânio Coutinho, renomado crítico literário brasileiro, contribuiu para a revista e levou a importância do Barroco e Maneirismo brasileiros para as páginas da *Claro-Escuro*.

Em sua função de curadora intelectual da revista, os convites enviados por Hatherly, redigidos sob o timbre da Quimera Editores, delineavam os parâmetros para a submissão dos artigos: prazos, especificações meticulosas em relação à formatação e o tema norteador da

edição em questão, convocando assim contribuições que ressoassem com o objeto proposto, conforme cartas abaixo⁴:

Lisboa, 4 de Abril de 1988

Correspondendo ao interesse crescente que actualmente se regista em torno dos estudos barrocos é finalmente viável produzir e editar em Portugal uma revista dedicada em exclusivo a essa área temática. Este interesse coincide com os estudos que nesta área vêm sendo realizados em diferentes instituições de ensino superior. A revista CLARO/ESCURO não está, contudo, vinculada a qualquer instituição de ensino, nascendo, sobretudo, do desejo de constituir um futuro grupo autónomo que promova e dinamize os estudos barrocos. Para já afigura-se-nos importante o diálogo e troca de informações entre os investigadores. Queremos divulgar os trabalhos de investigadores que, em graus diferentes e com metodologias diversas, vão sendo realizados, tendo como objectivo a valorização do barroco português e áreas civilizacionais afins, como a ibérica e brasileira. Esta carta é um convite à sua participação numa Revista que se pretende especializada sem ambicionar, contudo definir-se em torno de uma erudição auto-suficiente. Desejamos que o projecto apresentado suscite entusiasmo e provoque adesão.

Para a direcção e coordenação da Revista necessitamos de programar desde já as actividades para o presente ano de 1988. Nesse sentido solicitamos-lhe uma resposta tão breve quanto possível, bem como a indicação do título do artigo ou artigos que tenciona publicar (com uma extensão oscilando entre 10 e 15 páginas dactilografadas, podendo incluir a publicação de documentos inéditos).

Para o primeiro número da Revista os artigos deverão dar entrada no endereço da sede até 31 de Agosto de 1988; para o número 2 a data limite será 31 de Dezembro de 1988. A participação será remunerada à razão de cinco mil escudos por cada artigo publicado.

Aguardando as suas notícias, receba os nossos melhores cumprimentos. (Carta de Ana Hatherly, datada de 4 de abril de 1989, enviada aos colaboradores da revista).

Lisboa, Fevereiro de 1991

Exmo.(a.) Senhor(a.):

A Revista Claro-Escuro vai, no presente ano de 1991, dedicar um número duplo (6 & 7) à temática das “Projecções dos Descobrimentos no Barroco”. Este número especial será subsidiado pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Mantendo-nos fiéis ao nosso projecto inicial e aos limites periodológicos nele definidos, pretendemos colaborações que tratem da visão dos Descobrimentos no período Barroco (século XVII e parte de XVIII), ou seja, abordagens em diferentes disciplinas que ilustrem os reflexos das Descobertas nessa época.

⁴ Para a transcrição das cartas, em grande maioria datilografadas, corrigimos as gralhas de digitação e mantivemos a grafia. Todas as correspondências encontram-se no Espólio pessoal de Ana Hatherly, na Biblioteca Nacional de Portugal.

A Revista Claro-Escuro convida-o a participar nesse número, a publicar no Outono de 91, com um artigo de 10 a 15 páginas dactilografadas a dois espaços (20 a 30 linhas por página). A data limite da entrega é 15 de julho e os colaboradores receberão em pagamento dois exemplares da Revista.

Caso considere necessário incluir ilustrações, poderá enviar gravuras a preto e branco, no máximo 3.

Para facilitar um eventual esclarecimento de dúvidas na composição, se trabalhar com processamentos de texto (Word, Wordstar, Right, etc.), pode juntar ao original a respectiva diskete.

Com os melhores cumprimentos (Carta de Ana Hatherly, enviada à Editora Quimera).

É interessante notar que nas duas primeiras edições da revista, os autores recebiam 5 mil escudos por publicação, remuneração que valorizava o artigo enviado como também, de certa forma, era incentivo ao engajamento acadêmico. Contudo, este protocolo foi substituído pelo envio de dois exemplares da revista aos colaboradores em lugar de pagamento monetário. Esta mudança sugere reestruturação econômica, possivelmente devida às limitações financeiras enfrentadas pela publicação, sobre a qual falaremos mais adiante.

Abaixo apresentamos a lista de autores da *Claro-Escuro*, por ordem alfabética, nacionalidade, número de artigos que publicaram, a(s) edição(s) em que foram publicados e a especialidade de cada autor:

Tabela 1: Lista de colaboradores

NOME	Nacionalidade	Números de artigos publicados	Edição	Especialidade
Afrânio Coutinho	Brasil	1	N. 1	Literatura
Ana Couto	Portugal	1	N. 4-5	Moda; Literatura
Ana Hatherly	Portugal	7	N. 1; N. 2 e 3; N. 4 e 5; N. 6 e 7	Literatura; Artes
Anabela Galhardo	Portugal	2	N. 2 e 3; N. 4 e 5	Moda; Literatura
Andrée Rocha	Bélgica	1	N. 2 e 3	Literatura
Antonio Cirurgião	Portugal	1	N. 6 e 7	Literatura
Arminda Santos	----	1	N. 2 e 3	Literatura
Artur Anselmo	Portugal	1	N. 2 e 3	Filologia
Benito Pelegrini	França	1	N. 4 e 5	Literatura

Carlos Couto de Sequeira Costa	Portugal	2	N. 1; N. 4 e 5	Filosofia
Claude-Gilbert Dubois	França	1	N. 4 e 5	Literatura
E. M. de Melo e Castro	Portugal	2	N. 4 e 5; N. 6 e 7	Literatura; Artes
Edgar C. Knowlton, Jr.	Estados Unidos	1	N. 6 e 7	Filologia e Literatura
Eduardo Duarte	Portugal	1	N. 6 e 7	Artes
Elze Vonk Matias	Portugal	1	N. 2 e 3	Literatura
Fernando Guimarães	Portugal	1	N. 4-5	Literatura
Filomena Belo	Portugal	4	N. 1; N. 2 e 3; N. 6 e 7	Literatura
Gilberto Moura	Portugal	1	N. 6 e 7	Literatura
Horácio Manuel Pereira Bonifácio	Portugal	1	N. 1	História; Arquitetura
Isabel Carlos	Portugal	1	N. 4 e 5	Filosofia; Artes
Ivo Castro	Portugal	2	N. 1	Linguística
João Torres	Portugal	1	N. 4 e 5	Cinema
José Ares Montes	Espanha	1	N. 4 e 5	Literatura
José Augusto França	Portugal	1	N. 4 e 5	História da Arte; Literatura
José Fernandes Pereira	Portugal	7	N. 1; N. 2 e 3; N. 4 e 5	História da Arte; Literatura
José Góis	----	1	N. 2 e 3	Magistrado
Leodegário A. de Azevedo Filho	Brasil	2	N. 1; N. 4 e 5	Literatura; Filologia
Luís de Moura Sobral	Portugal	1	N. 2 e 3	História da Arte
Luísa d'Orey Capucho Arruda	Portugal	2	N. 2 e 3; N. 6 e 7	História da Arte
Madalena Braz Teixeira	Portugal	1	N. 2 e 3	Museologia; História da Arte
Manuel Carlos de Brito	Portugal	1	N. 2 e 3	Música
Manuela Rocha	Portugal	1	N. 1	Literatura
Margarida Calado	Portugal	1	N. 2 e 3	História da Arte
Margarida Vieira Mendes	Portugal	1	N. 6 e 7	Literatura
Maria Alzira Seixo	Portugal	1	N. 4-5	Literatura

Maria Aparecida Ribeiro	Brasil	2	N. 4/5; N. 6/7	Literatura
Maria João Madeira Rodrigues	Portugal	1	N. 1	Arquitetura
Maria Lucília Gonçalves Pires	Portugal	1	N. 1	Literatura
Maria Thereza Abelha Alves Marques	Brasil	2	N. 1; N. 2/3	Artes
Natália Baeta Nogueira	Portugal	1	N. 2/3	Literatura
Paulo Pereira	Portugal	1	N. 4/5	História da Arte
Paulo Varela Gomes	Portugal	1	N. 4/5	História da Arte; Arquitetura
Pilar Gómez Bedate	Espanha	1	N. 4/5	Literatura, Tradução
Rui Bebianio	Portugal	2	N. 2/3; N. 4/5	História
Teresa Bettencourt da Câmara	Portugal	1	N. 6/7	História da Arte; Arquitetura
Victor Infantes	Espanha	1	N. 4/5	Literatura; Bibliografo

Tabela 1: Lista de colaboradores

Fonte: Própria Autora

Embora houvesse a predominância de colaboradores de nacionalidade portuguesa, resultante da riqueza e profundidade do Barroco no contexto lusófono, a revista não se limitava a uma única perspectiva ou disciplina. Ao contrário, abraçava multiplicidades de vozes e áreas de especialização para criar uma miscelânea intelectual de múltiplos assuntos.

Essa pluralidade disciplinar enriqueceu as páginas da revista, permitindo que as complexidades do movimento fossem exploradas sob vários aspectos. As contribuições de historiadores da arte, por exemplo, trouxeram análises detalhadas de obras e movimentos artísticos, enquanto arquitetos discutiam a influência do Barroco no design e na estrutura dos espaços. Professores de literatura e história ofereceram perspectivas críticas sobre textos e contextos barrocos, ampliando o entendimento desse período.

Tal diversidade era refletida na abordagem interdisciplinar adotada pelos colaboradores. Muitos artigos na revista transcenderam as fronteiras convencionais entre as

disciplinas, propondo leituras cruzadas e dialogando entre diferentes campos do saber. Esta abordagem enriqueceu as discussões, permitindo que os leitores vislumbrassem o Barroco sob ângulos variados e complementares.

A predominância de autores portugueses nas páginas da revista refletia diretamente a intenção expressa pela diretora no editorial inaugural. Hatherly explicitou o desejo de divulgar trabalhos de pesquisa com foco primordial na valorização do Barroco português em todas as suas disciplinas: “Queremos divulgar os trabalhos de investigação que vão sendo realizados, tendo como objectivo primacial a valorização do Barroco português em todas as disciplinas [...]” (HATHERLY, p. 7, 1988). Essa orientação reforçava o compromisso da revista com a exploração e aprofundamento do Barroco em Portugal.

Como observado na tabela 1, alguns autores publicaram mais de um artigo durante os sete números da revista, o que pode ser interpretado sob algumas perspectivas. José Fernandes Pereira se destaca com sete artigos, sendo cinco deles apenas nos números 2/3 (1989), enquanto Filomena Belo marca presença significativa tendo publicado quatro artigos (sendo dois apenas nos números 2/3). Além disso, Ana Hatherly, a própria editora da revista, contribuiu com sete artigos. Essa recorrência de alguns autores pode ser atribuída a pelo menos dois fatores: a natureza específica e especializada dos estudos barrocos pode ter limitado o número de colaboradores disponíveis ou qualificados para contribuir; essa repetição pode refletir a intenção deliberada de Hatherly em apresentar ao público um espectro mais amplo do trabalho de tal autor, permitindo compreensão mais profunda de suas ideias e abordagens. Esta escolha editorial enfatiza a profundidade em vez da amplitude, promovendo imersão mais intensa nos temas e estilos de cada colaborador.

Através da correspondência de Ana Hatherly, foi possível discernir um padrão marcante em suas abordagens para convidar colaboradores para a revista. Acreditamos que a artista mantinha a “carta-convite” padrão para a maioria dos convidados, mas evidências sugerem que, para amigos mais próximos e conhecidos, Hatherly adotava tom mais pessoal e direto. Um exemplo dessa prática é a carta enviada a Ares Montes, em cuja abordagem transparece certo grau de intimidade. Na carta de 18 de janeiro de 1989, a autora envia para José Ares Montes o primeiro número da revista *Claro-Escuro* e o convida para escrever sobre o Teatro de Soror Maria do Céu.

Lisboa, 18 de Janeiro de 1989

Caro Professor José Ares Montes:

Tenho o prazer de junto lhe enviar o número 1 da Revista de Estudos Barrocos CLARO-ESCURO, que acaba de sair e de que sou Directora, à frente de um grupo de jovens investigadores.

O próximo número será dedicado ao reinado de D. João V, como poderá ver no anúncio da última página. Para esse número, gostaria muito de ter colaboração sua especificamente sobre o teatro de Sórora Maria do Céu - publicado durante esse reinado -, sobre o qual já escrevi um artigo intitulado "Apresentação de Teatro de Sórora Maria do Céu". Devo dizer que estou actualmente a traduzir o Triunfo do Rosário da dita autora (para português, é claro!) e penso publicar futuramente uma edição desses autos e dos outros que ainda não foram estudados por ninguém (tanto quanto eu sabia).

A minha pergunta, portanto, é: quer escrever um artigo sobre o Teatro de Soror Maria do Céu, na sua relação com Calderón (no seguimento do seu artigo que conheço) ou sob qualquer outro ângulo que considere relevante? O prazo para entrega das colaborações para esse número terminem (em princípio) no fim de Maio deste ano.

Fico aguardando as suas notícias com grande expectativa. Entretanto, aceite os meus cordiais cumprimentos. (Carta de Ana Hatherly enviada a José Ares Montes)

Este método reflete a meticulosidade e o cuidado de Hatherly na gestão editorial da revista e demonstra a sua habilidade em nutrir e manter relações pessoais valiosas para fortalecer a rede de contatos que manteve durante toda a sua vida.

A resposta de José Ares Montes, em carta de 5 de fevereiro de 1989, deixa transparecer seu pouco tempo para a elaboração do artigo sobre Sórora Maria do Céu, tema que há muito não era visitado pelo autor:

Madrid, 5 de febrero de 1989

Estimada amiga Ana:

He recibido gratamente el nº 1 de Claro-Escuro, que le agradezco mucho. Me ha sorprendido gratamente la calidad de su impresión, papel, ilustraciones, y el interés de su contenido. Le deseo mucho éxito como directora de la revista y especialista en la materia, permitiéndome aconsejarle que sea implacable en la selección de colaboradores, a fin de no caer en el ensayismo fácil y amable.

Me honraría mucho colaborar en esta revista y acepto, portanto, su generosa invitación, pero, por el momento, no me es posible: por um lado, tengo um compromiso contraído hace tiempo com la Revista de Filología Románica qe publica la Universidad Complutense de Madrid; por outro, Maria do Céu me queda ya lejos, volver a ella no me sería fácil, aunque siempre he soñado, y sueño todavía, escribir algo sobre su obra poética; pero aquí me falta material.

Cuando tenga encarrilado um artículo sobre literatura o el mundo barroco portugués, lo comunicaré por si tuviese cabida em Claro-Escuro. Ahora sólo

quisiera saber dos cosas: 1) ¿cuál es la máxima extensión que se puede dar a um artículo?; 2) ¿dan separatas?, y si no, ¿pueden hacerse a cargo del autor? Nada más por hoy, si no decirle que estuve em Lisboa el pasado agosto, que le telefonee varias veces sin obter respuesta, lo que me hizo pensar que Vd. Estaría ausente. A ver si la próxima vez tengo más éxito. Reciba um cordial saludo de este amigo y admirador que queda a sua órdenes. (Carta de José Ares Montes a Ana Hatherly)

Podemos supor que a recusa de alguns autores aos convites de Hatherly tenha sido uma das possíveis causas para que determinado autor publicasse mais de um artigo no mesmo número da edição.

Em 15 de agosto de 1991, Gilberto Moura escreve a Ana Hatherly, comentando sobre um telefonema que tiveram anteriormente (o autor, havia enviado um trabalho para ser publicado da revista). Este contato telefônico revela outra faceta da abordagem de Hatherly para convidar colaboradores para a revista, evidenciando a flexibilidade e a personalização com que ela gerenciava essas interações. Na carta, Moura expressa certa hesitação quanto à publicação de seu texto, considerando-o fraco em comparação com outros artigos das edições anteriores da revista, mas caso seu trabalho fosse aceito, o autor gostaria de acrescentar a parte final de seu estudo, pois inicialmente (na primeira versão enviada a Hatherly) ele havia suprimido essa parte:

Infelizmente, o trabalho que escrevi (por sugestão amiga da Sr.^a. Professora Lucília Pires e aproveitando um breve descanso das fadigas da minha tese) não me parece ter saído adequado, pela sua leveza, ao caráter erudito, grave e às vezes severo da mesma revista. Ao apresentá-lo à Senhora Professora procuro, pois (e tão somente) desobrigar-me da minha promessa, que fica cumprida. Nenhum, nenhum empenho ponho na sua publicação. Porém, se o trabalho se me afigura despiciendo, já o mesmo não digo de uma sugestão que no final dele fazia, e que, entre muitas outras coisas, suprimi na passagem final à máquina. Permita-me a Senhora Professora que aqui a transcreva. Talvez algum dia valha a pena que nela se pegue... (Carta de Gilberto Moura a Ana Hatherly)

A publicação do texto de Moura na *Claro-Escuro*, apesar de suas próprias reservas, assinala o compromisso de Hatherly em encorajar e acolher novos intelectuais para a revista. Esse gesto reforça a visão de Hatherly de que a revista deveria ser um espaço inclusivo e diversificado, no qual diferentes perspectivas e níveis de experiência encontrassem reconhecimento.

A gestão editorial da *Claro-Escuro*, feita por Ana Hatherly, provavelmente, abarcava todas as etapas do processo, e dada a multiplicidade de tarefas, estava sujeita a desafios inesperados, o que, ocasionalmente, podia trazer algumas surpresas. Um exemplo notável dessa dinâmica ocorreu com Gilberto Moura, conforme revelado em carta datada de 16 de julho de 1992. Moura manifestou surpresa ao descobrir na livraria Bertrand um exemplar da revista com o seu próprio texto, de cuja publicação ele não tivera conhecimento prévio.

Este incidente ilustra os desafios e as complexidades do processo editorial, especialmente em uma publicação com tantas demandas concentradas nas mãos de uma única pessoa.

Odivelas, 16 de Julho de 1992.

Senhora Professora:

Em Setembro do ano findo, quando V. Ex^a. se dignou aceitar o meu artigo sobre a *Malaca conquistada*, disse-me pelo telefone que lá para Dezembro eu receberia provas para correcção, e que nos primeiros meses deste 1992 me seriam enviados dois exemplares do número respectivo da *Claro-Escuro*. Esses meses passaram, outros mais passaram também, e como não recebi notícias dos editores, nem provas, nem exemplares, conjecturei facilmente que a Senhora Professora, voltando a ler aquele artigo, o teria julgado despiendo, tanto mais que o meu próprio juízo antecipado a deixava à vontade para não efectuar a sua publicação. E não pensei mais no assunto. Hoje, inesperadamente, na Bertrand (da Malpique), dei de olhos cm os Nos. 6/7 da sua admirável revista, e, com grande estupor (no bom sentido de antanho deste vocábulo) descobri no seu índice a menção do meu título e a do meu nome... Mas, como digo, nunca cheguei a receber provas, nem ao menos um ex. da publicação...

Com os meus votos de férias repousadas e felizes, digne-se aceitar, Senhora Professora, os protestos do meu respeito e da minha maior admiração. (Carta de Gilberto Moura a Ana Hatherly)

Em carta de 23 de março de 1990, enviada por Ana Hatherly a E. M. de Melo e Castro, a editora compartilha suas impressões sobre os números subsequentes da revista: 4/5 (1990) e expressa grande otimismo quanto à qualidade do próximo número, antecipando que seria uma edição particularmente notável. Revela, ainda, a magnitude do trabalho envolvido na produção da revista: “Este número da *Claro-Escuro* creio que também vai ficar muito bom (como os outros, modéstia à parte...). Vai ser um número histórico. Temos uma colaboração nacional e internacional de alto nível, mas vai ser uma dor de cabeça para mim coordená-la.” (Hatherly, carta, 1990):

23 de Março de 1990

Ernesto:

Muito obrigada pelo teu estupendo artigo, que recebi ontem. Realmente é um bocado extenso, mas não faz mal, porque é um texto importante, que diz coisas que era preciso dizer.

Há, porém, algumas pequenas questões, de ordem editorial, que te quero pôr:

1 - peço que indiques as fontes para todas as citações que fazes (faltam algumas importantes); é critério da Revista,

2 - quanto às reproduções a cores (e, já disse ao José Alfaro para te telefonar a esse respeito) nós não fazemos nada a cor. Só preto e branco. Como é que se vai resolver essa questão?

[...]

Chego a Lisboa no dia 2 de Maio e parto no dia 5 ou 6 para a Mdeira - lá nos encontraremos, não é?

Este número da *Claro-Escuro* creio que também vai ficar muito bom (como os outros, modéstia à parte...) Vai ser um número histórico. Temos uma colaboração nacional e internacional de alto nível, mas vai ser um dor de cabeça para mim coordená-la.

Por aqui muito trabalho, mas tudo bem. Sempre é melhor do que a confusão de Lisboa.

Afectuosas lembranças para ambos e mais uma vez muito obrigada. (Carta de Ana Hatherly a Melo e Castro)

A correspondência de Ana Hatherly ilustra seus inúmeros papéis como diretora da revista. Sua dedicação à comunicação com os colaboradores e à gestão detalhada de todos os processos editoriais, evidenciam que, muitas vezes, Hatherly assumia sozinha várias responsabilidades das edições, o que ressalta a importância e a influência da autora no campo literário e acadêmico, além do comprometimento de Hatherly com a excelência da *Claro-Escuro*, ao mesmo tempo que sublinha os desafios intrínsecos de estar à frente deste projeto.

Claude-Gilbert Dubois, em 16 de novembro de 1989, envia carta a Ana Hatherly em que expressa gratidão por ter recebido dois números da revista *Claro-Escuro*, parabenizando a editora pela qualidade intelectual e gráfica da publicação. Menciona ainda que não teve tempo para examinar detalhadamente cada artigo, mas agradece as edições recebidas e lamenta que Hatherly não possa participar do colóquio do CMR 17, onde teria a oportunidade de encontrar especialistas do século XVII francês. Dubois concorda, em princípio, em participar de um seminário sobre o barroco organizado por Hatherly, mas ressalta sua especialização recente no século XVI e a necessidade de abordar o Maneirismo antes do Barroco:

Bordeaux, le 16 Novembre 1989

Pr. Ana HATHERLY

Chère collègue,

J'ai bien reçu votre lettre du 13 Novembre, ainsi que les deux numéros de *Claro-Escuro* que vous m'annoncez. Je vous félicite pour la tenue intellectuelle et matérielle de cette revue dont vous assurez la publication. Je n'ai pas eu encore le temps de regarder en détail le contenu de chaque article. Je vous remercie de m'avoir adressé ces deux numéros somptueux.

Il est dommage que vous ne puissiez pas venir au colloque du CMR 17 qui vous aurait permis de rencontrer les principaux spécialistes du 17^e siècle français. J'avais pensé, avec Helder Godinho, qu'on pouvait utiliser le programme Erasmus pour que vous veniez. Mais la raison que vous invoquez est en effet d'ordre majeur. M. Godinho m'a d'ailleurs informé, avant que je ne reçoive votre lettre, de cette impossibilité.

Je suis d'accord sur le principe d'une participation à votre séminaire sur le baroque. Mais comme vous le savez sans doute, je me suis plutôt au cours de ces dernières années spécialisé dans les études sur le XVI^e siècle, et de ce fait fait passer le maniérisme avant le baroque.

Je suis heureux de faire votre connaissance à l'occasion du colloque de Paris sur le baroque littéraire.⁵

[...] (Carta de Claude-Gilbert Dubois a Ana Hatherly)

Ana Hatherly era uma figura central nos círculos acadêmicos dedicados ao estudo do barroco. Suas interações frequentes com outros acadêmicos, como ilustrado nas correspondências que trocava, demonstram seu papel ativo em eventos internacionais. A exemplo da carta de Claude-Gilbert Dubois, recebida em novembro de 1989, fica evidente que Hatherly estava envolvida com especialistas no tema, sendo convidada para participar de eventos significativos como o CMR 17, focado em estudos barrocos. Apesar de não poder comparecer a todos os encontros, Hatherly mantinha uma rede sólida de colegas acadêmicos, trocando ideias e colaborações que enriqueciam sua revista e pesquisa barroca. Essas

⁵ Bordeaux, 16 de novembro de 1989

Professora Ana HATHERLY

Cara colega,

Recebi bem a sua carta de 13 de novembro, assim como os dois números de *Claro-Escuro* que você me anunciou. Parabéns pela qualidade intelectual e material dessa revista cuja publicação você assegura. Ainda não tive tempo de examinar detalhadamente o conteúdo de cada artigo. Agradeço-lhe por me ter enviado esses dois números suntuosos.

É uma pena que você não possa vir ao colóquio do CMR 17, que lhe permitiria encontrar os principais especialistas do século XVII francês. Eu havia pensado, junto com Helder Godinho, que poderíamos utilizar o programa Erasmus para que você viesse. Mas a razão que você menciona é, de fato, de ordem maior. O Sr. Godinho, aliás, já havia me informado, antes de eu receber a sua carta, dessa impossibilidade.

Concordo com o princípio de uma participação no seu seminário sobre o barroco. Mas como você sem dúvida sabe, ao longo desses últimos anos, tenho me especializado nos estudos do século XVI, e, por isso, priorizei o maneirismo em relação ao barroco.

Fico feliz em conhecê-la por ocasião do colóquio de Paris sobre o barroco literário. (DUBOIS, tradução nossa)

interações reforçavam sua posição como especialista respeitada na área e ampliavam o alcance e a influência de suas próprias investigações e publicações.

Além das cartas dos colaboradores da revista, demais interlocutores que recebiam a publicação dirigida por Hatherly enviavam-lhe agradecimentos e ideias acerca de outros contextos, reflexo da rede de amigos com interesses comuns que gravitavam ao redor da editora da *Claro-Escuro*.

Como se percebe, a correspondência trocada entre Hatherly e os autores frequentemente incluía comentários e discussões sobre a revista e abrangiam uma variedade de outros assuntos. Essa comunicação mais ampla demonstra que a relação entre Hatherly e os colaboradores ia além do contexto profissional da revista, abrangendo intercâmbio contínuo que indicava a existência de uma rede de apoio mútuo, inspiração e amizade que permeava o grupo.

2. A Edição da *Claro-Escuro*

Vários fatores requerem atenção no que diz respeito às edições de revistas: título, subtítulo, público-alvo, os responsáveis pela edição e circulação, o aporte financeiro, o conselho editorial, o lugar de impressão, até chegarmos à formatação do texto, tipo e tamanho dos caracteres, as ilustrações e a capa. Estes vários procedimentos exigem meticulosos processos que se bem definidos, podem ajudar no sucesso da publicação.

O título da revista deve capturar a essência do conteúdo, se bem construído, pode captar a atenção do leitor e despertar o interesse para que este folheie aquelas páginas e deve estar em harmonia com a identidade visual da revista, pois é o primeiro aspecto que chama atenção do leitor.

O financiamento é pilar fundamental, definindo a viabilidade da publicação, o escopo e a qualidade do que pode ser oferecido. Um conselho editorial robusto, composto por profissionais experientes e respeitados, garante a integridade e a coerência editorial da revista. O local de impressão, muitas vezes escolhido por critérios de custo-benefício e qualidade, influencia diretamente o resultado do produto.

2.1 Composição gráfica e arte de capa

Quanto à formatação do texto, é essencial uma tipografia que favoreça a legibilidade e esteja alinhada com a identidade visual da revista. O tipo e o tamanho dos caracteres devem facilitar a leitura, refletir o tom e estilo para contribuir com a composição visual da publicação.

A capa da revista funciona como a primeira e mais impactante comunicação com o leitor, devendo ser visualmente atrativa e refletir com precisão o conteúdo que o espera nas páginas seguintes. Deve ser projetada para impressionar esteticamente, comunicar a temática da edição e incentivar o potencial leitor a se engajar com o material interno.

A capa, em última análise, é um convite – um resumo visual da experiência que a revista promete entregar.

Os sete números da revista *Claro-Escuro*, dividem-se em um exemplar único, o primeiro e três duplos, dispostos da seguinte maneira:

Ano	Edição	Número de Páginas	Número de Textos Publicados	Bibliografias	Cronologia
1988	1	112	11	1	
1989	2/3	226	20		1
1990	4/5	142	20		
1991	6/7	212	10	1	

Tabela 2: Disposição dos artigos da *Claro-Escuro* por publicação

Fonte: Própria autora

A tabela acima está dividida da seguinte maneira: ano da publicação, edição, número de páginas de cada edição, o número de artigos publicado em cada ano, as bibliografias e cronologias dispostas nestas edições. No número 1 (1988), a bibliografia inserida é acerca da produção de Frei Jerónimo Baía, a dos números 6/7 (1991) é sobre História da Arte dos Séculos XVII e XVIII e a cronologia dos números 2/3 (1989) é sobre a vida do rei Dom João V.

No que se refere à composição gráfica das edições, a revista é primorosa, os textos vêm (por vezes) acompanhados de ilustrações⁶ dos temas abordados, com dimensões 29x19cm.

A capa de todas as edições traz a reprodução da obra de quatro diferentes escritores, que indiciam a temática em cada revista. No número 1 da *Claro-Escuro*, a arte de capa é A

⁶ Entende-se por ilustrações o conjunto de reprodução de originais, sem eles fotografias de esculturas, xilogravuras ou digitalizações de folhetos, de fotos ou imagens.

Phenix de Portugal Prodigiosa, publicada em 1678 por Luís Nunes Tinoco, em homenagem a D. Maria Sofia Isabel de Neuburgo⁷. Ferreira afirma que Luís Nunes Tinoco

[...] apresenta uma obra multifacetada no que diz respeito à autoria de textos em que a visualidade ganha protagonismo, desde emblemas, anagramas, labirintos, entre outros, que demonstram a sua versatilidade artística, o que se explica também pela diversidade de funções que desempenhou, na medida em que foi arquiteto, contador, escrivão além de excelente calígrafo. (FERREIRA, 2016, p. 45).

Os artigos que integram este número abordam temas como fé e pecado, barroco e filosofia, o barroco no Brasil, poética barroca, análise da *Gazeta* (1641- 1647), primeiro periódico português, arquitetura barroca e uma homenagem especial a Jerônimo Baía⁸.

A arte de capa do segundo e terceiro números da *Claro-Escuro* traz o retrato de D. João V (pormenor), em azulejo da Portaria da Igreja de S. Vicente de Fora, s/d., o rei de Portugal sendo tema dos textos desta edição.

Os números quatro e cinco da revista trazem na capa a arte texto-visual de Ana Hatherly, *No Grande Espaço Sempre é Noite*⁹, publicado em 1965, e os temas principais dessa edição abordam o barroco e o neobarroco, no Brasil e em Portugal. Neste volume, serão discutidas reflexões sobre a evolução da teorização artística, com referências a obras de Wolfflin, D'Ors, Weisbach, entre outros; a presença do Barroco no Brasil colonial e sua influência na formação da identidade nacional brasileira; abordagens temáticas em estilo de diálogo, com questionamentos sobre a relação entre o Barroco e o Neobarroco em diferentes áreas, como literatura, teatro, cinema, arquitetura, artes plásticas, música, teatro lírico, pensamento filosófico e científico.

Os números seis e sete apresentam gravura extraída da *Arte prática de navegar*, de Manuel Pimentel, publicada em 1699, a repercutir nos temas dos referidos números, com o subtítulo: “Projeções dos Descobrimentos no Barroco”: os descobrimentos no *Livro Antepreimeiro da História do Futuro*; a face não heroica dos descobrimentos; a visão barroca da história trágico-marítima de Camões, o feminino na colonização, entre outras abordagens. Mais adiante trataremos com maior detalhe as edições.

⁷ Marie Sophie Elisabeth von der Pfalz, 1666-1699, segunda mulher de D. Pedro II e mãe de D. João V.

⁸ Jerônimo Baía, 1620-?, frade beneditino e poeta barroco português

⁹ In: Poesia Experimental 2, 1965.



Figura 3: Capa do número 1 da revista *Claro-Escuro*

Fonte: Luís Nunes Tinoco, *A Phenix de Portugal Prodigiosa*, Lisboa, 1678



Figura 4: Capa dos números 2/3 da revista *Claro-Escuro*
Fonte: Azulejo da Portaria da Igreja de S. Vicente de Fora

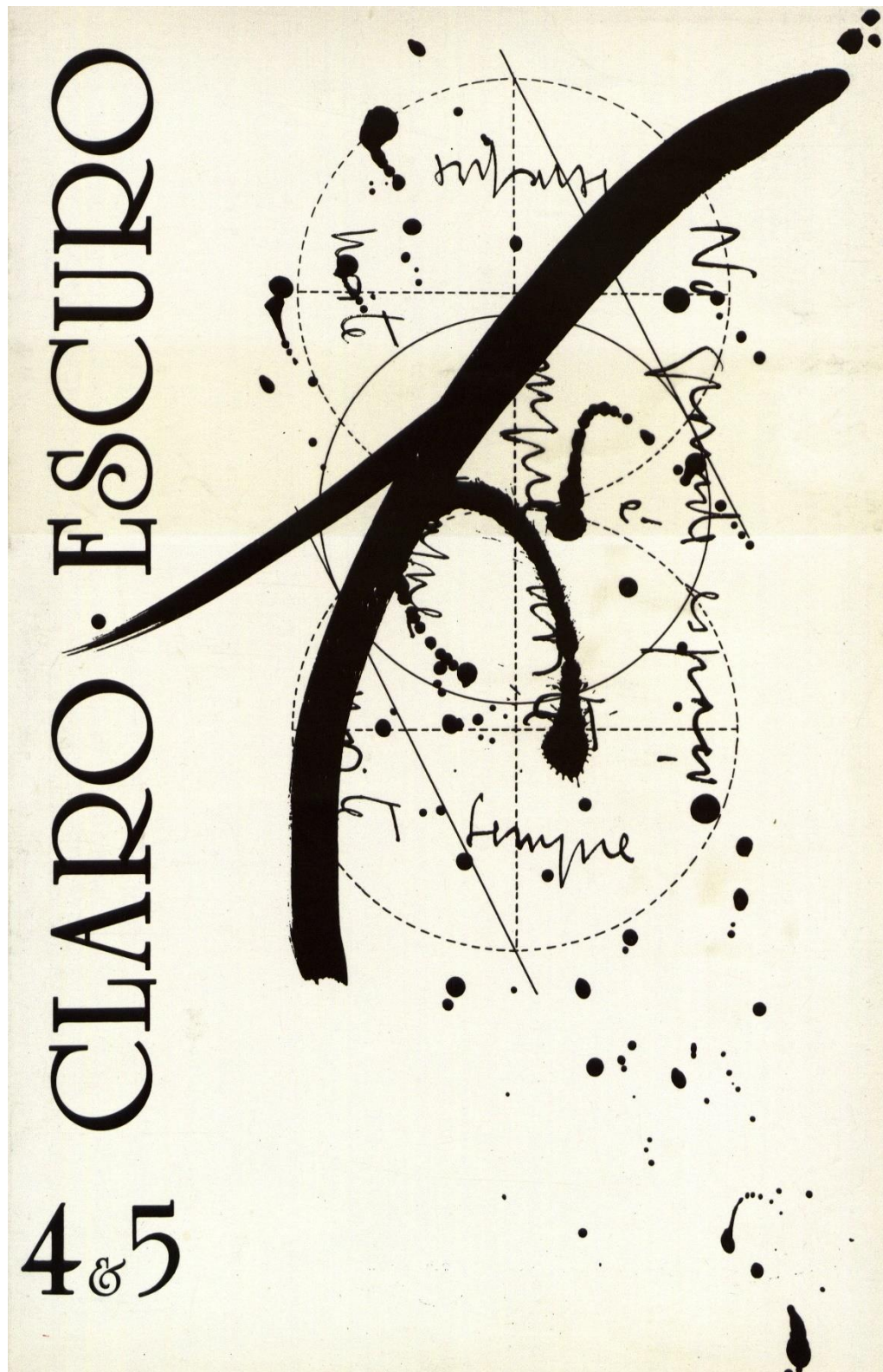


Figura 5: Capa dos números 4/5 da *Claro-Escuro*
Fonte: No Grande Espaço Sempre é Noite, Ana Hatherly, 1965.

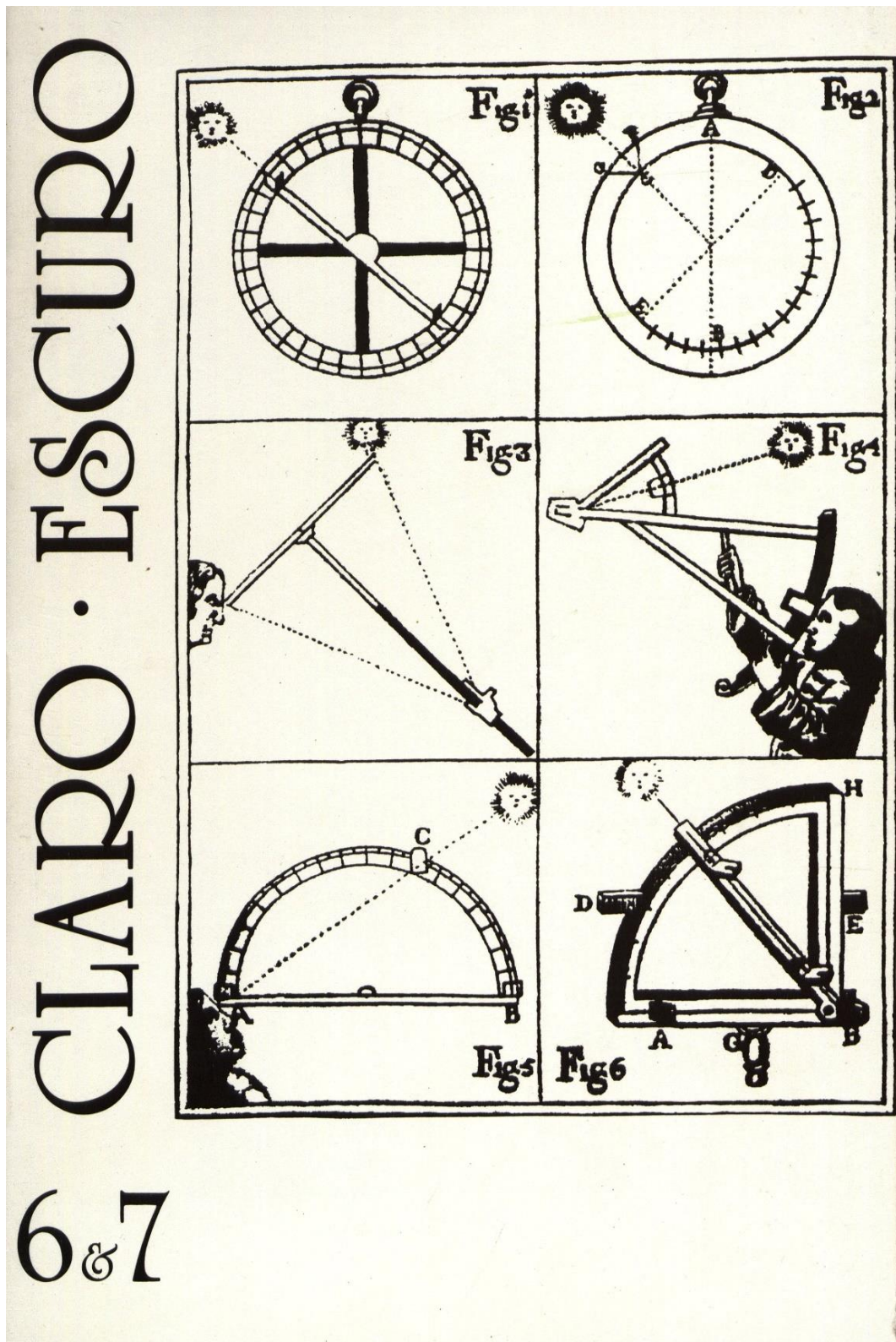


Figura 6: Capa dos números 6/7 da *Claro-Escuro*

Fonte: Gravura extraída da *Arte prática de navegar*, de Manuel Pimentel, 1699

Como já mencionamos, Ana Hatherly estava à frente de todos os trabalhos realizados na revista. Em seu espólio pessoal, foi possível conhecer de que forma a autora planejava as capas das edições:

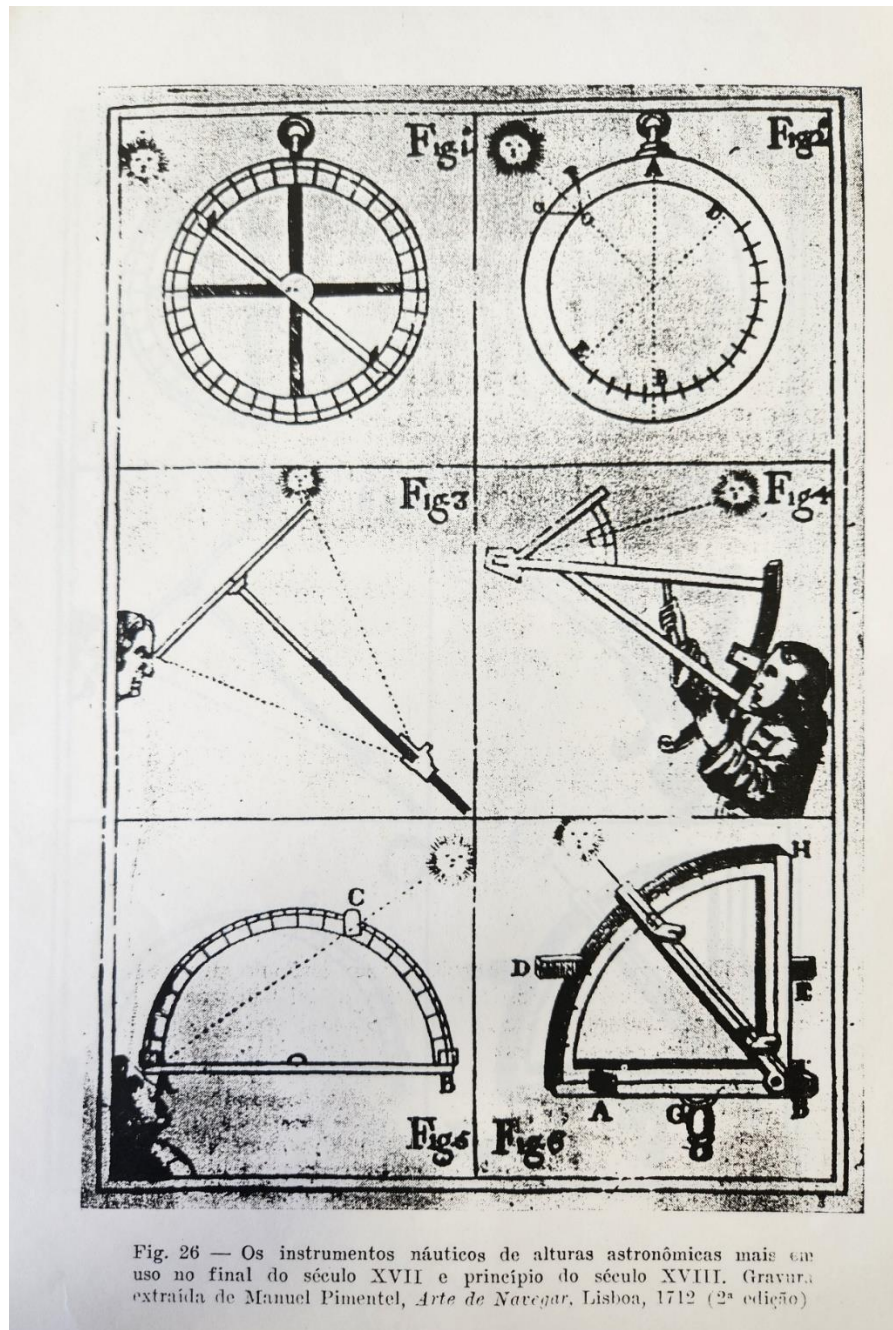
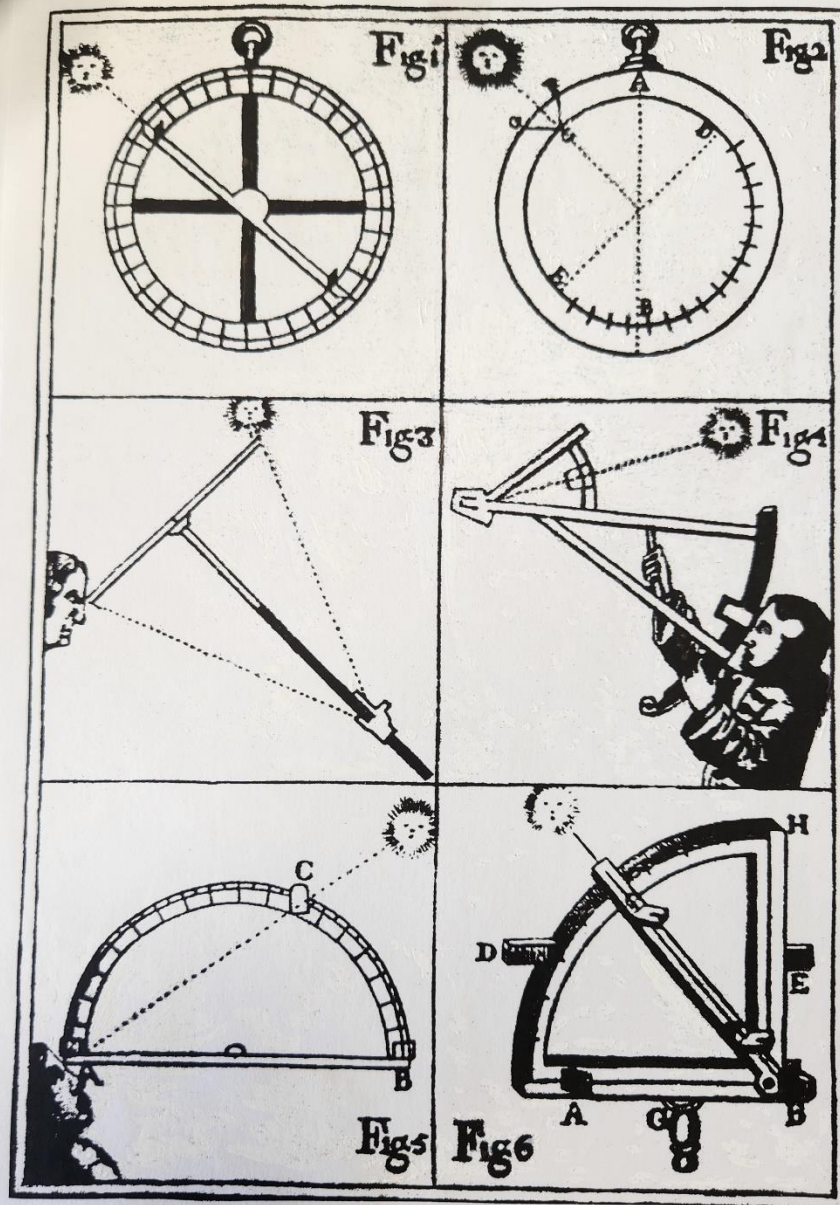


Figura 7: Ilustração escolhida para a capa dos números 6/7 da *Claro-Escuro*
Fonte: Espólio pessoal de Ana Hatherly, Biblioteca Nacional de Lisboa



BNP

Figura 8: Confeção da capa coma ilustração para os números 6/7 da *Claro-Escuro*
Fonte: Espólio pessoal de Ana Hatherly, Biblioteca Nacional de Lisboa

Ana Hatherly desempenhava papel fundamental na concepção visual da revista como evidenciado pelas capas e ilustrações que ela própria pensava e criava em método tradicional e intuitivo. Na figura 7 temos a imagem xerocada da ilustração escolhida para compor a capa dos últimos números da revista; na figura 8, temos a imagem recortada e colada em outro papel, sendo dessa forma, provavelmente, que ela enviava para a editora (notem que é possível ver a imagem recortada e colada em folha A4). Esse método refletia as limitações tecnológicas da época, a interconexão entre o conteúdo e a estética da publicação, a que se vinha somar o próprio espírito criativo da Hatherly e sua habilidade em entrelaçar o conteúdo editorial com elementos visuais.

Há outras composições no espólio da autora. No artigo “Tupis, Surucucus, Maracujás: contribuições brasileiras para o Barroco”, de Maria Aparecida Ribeiro, Hatherly faz a inserção de ilustrações confeccionadas por ela:



Figura 9: Confeção de ilustração interna da revista
Fonte: Espólio pessoal de Ana Hatherly, Biblioteca Nacional de Portugal

A ilustração desse ananás, por sua vez, foi retirada da obra *História dos Animais e Árvores do Maranhão* (1624-1627), de Frei Cristóvão de Lisboa, por indicação de uma amiga, provavelmente investigadora portuguesa, conforme carta datada de 19 de setembro de 1991, de assinatura ilegível.

A encadernação da revista é no formato de brochura e todos os números são em preto e branco. O papel da capa é do tipo cartolina plastificada, com gramatura de cerca de 240g, com brilho, fundo branco, impresso em preto. O miolo do periódico é de papel do tipo offset, encorpado e fosco.

2.2 Informações Editoriais e Seções Extras

Os dados editoriais da revista trazem as seguintes informações:

	Diretora	Diretor-Adjunto	Redação	Concepção gráfica
n. 1	Ana Hatherly	José Fernandes Pereira	-Filomena Belo; -Manuela Rocha	Jaime Manuel de Sousa
n. 2 e 3	Ana Hatherly	José Fernandes Pereira	-Filomena Belo; -Manuela Rocha	Jaime Manuel de Sousa
n. 4 e 5	Ana Hatherly	José Fernandes Pereira	Filomena Belo	Sem informação
n. 6 e 7	Ana Hatherly	José Fernandes Pereira	Filomena Belo	Sem informação

Tabela 3 :Elementos paratextuais da revista *Claro-Escuro*
Fonte: Própria autora

	Editor e Proprietário/ Endereço	Revista Semestral/Assinatura Anual	Composição/ Impressão/ Depósito legal	ISSN	Subsidio
n. 1	Quimera Editores/Est. De Benfica, 723, 8º andar	Revista Semestral Assinatura Anual: 1500\$00	Quimera Editores/ Gráfica de Coimbra/ 24402/88	Não consta	Fundação Calouste Gulbenkian

	dtº, 1500 Lisboa Telefone: 700442				
n. 2 e 3	Quimera Editores/Est. De Benfica, 723, 8º andar dtº, 1500 Lisboa Telefone: 700442	Revista Semestral Assinatura Anual: 1500\$00	Quimera Editores/ Gráfica de Coimbra/ 29593/89	Não Consta	Fundação Calouste Gulbenkian
n. 4 e 5	Quimera Editores/ R. Augusto Machado, 5 r/c dtº, 1900 Lisboa, telefone: 847 25 77	Revista Semestral/ Assinatura anual: Portugal – 1.500\$00; outros países - \$30 U.S.	Quimera Editores/G.C. – Gráfica de Coimbra/ 42379/90	0871- 3715	Não consta
n. 6 e 7	Quimera Editores/ R. Augusto Machado, 5 r/c dtº, 1900 Lisboa, telefone: 847 25 77 / 847 34 46	Revista Semestral/ Assinatura anual: Portugal – 1.500\$00; outros países - \$30 U.S.	Quimera Editores/G.C. – Gráfica de Coimbra/ 52325/92	0871- 3715	Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

Tabela 4: Elementos pré-textuais da revista *Claro-Escuro*

Fonte: Própria autora

Como observamos, cada edição tem a sua particularidade, nem sempre acompanhada da necessária informação. Nos dois primeiros números, a maior dificuldade refere-se à

ausência do índice das ilustrações, muitas delas sem legenda, o que dificulta o trabalho do leitor e pesquisador na identificação das obras.

Para Carlos Eduardo Mendes de Moraes,

Esses (sub) processos de produção da obra na sua materialidade, até que se chegue à forma final, podem escapar das considerações de um público menos preocupado com o processo editorial. No entanto, docentes, pesquisadores, pós-graduandos, graduandos, se não nos colocamos na posição de curiosos em busca do conhecimento dessa complexidade, corremos o risco de cometer pecados metodológicos que podem custar caro [...]. (2020, p. 57).

A falta de identificação das ilustrações, como ocorre nos três primeiros números da *Claro-Escuro*, aponta para uma das dificuldades a ser enfrentada pelo pesquisador no trabalho de indexação da revista dirigida por Ana Hatherly.

Sem obedecer a um padrão uniforme de edição, os números da *Claro-Escuro* apresentam variedade na apresentação geral de cada edição:

A primeira é composta por capa, folha de rosto, informações/dados editoriais, índice, editorial e artigos.



O segunda se diferencia da primeira porque nela é inserida uma página, logo após os dados editoriais, com a assinatura de D. João V. (homenageado na edição), vindo em seguida

o índice, o editorial, os retratos dos pais de D. João V, manuscrito da Rainha D. Maria Sophia Isabel a D. Pedro II, ilustração de D. João V. em azulejo e artigos.

Capa	Folha de rosto	Dados editoriais	Assinatura de D. João V
Índice	Editorial	Retratos dos pais de D. João V	Manuscrito da Rainha
Ilustração	Artigos	Seção extra	

A terceira edição traz outra particularidade que a diferencia das anteriores: capa, folha de rosto, dados editoriais, “segunda capa” anunciando o tema a ser tratado nos números da edição, índice dos artigos acompanhado do índice das ilustrações que constam no volume. Além disso, o editorial será mais extenso, explicando também a inserção de duas seções que não constam nos números anteriores, chamadas “seção A” e “seção B”, que se referem a dois questionários sobre o Barroco e Neobarroco propostos por Ana Hatherly; ilustração na folha de rosto do índice, seguida pelos artigos.



Na última edição, temos a capa, folha de rosto, dados editoriais, “segunda capa” anunciando o tema *“Projeções dos Descobrimentos do Barroco”*, índice das ilustrações, índice dos artigos, editorial, ilustração de Manoel Pimentel, seguida pelos artigos publicados.



Além das seções mencionadas, a revista *Claro-Escuro* apresenta, ao final da seção de artigos, apresenta um estudo extra relacionado ao tema principal de cada edição.

No primeiro número, Ivo Castro elenca a bibliografia produzida por Frei Jerónimo Baía, da qual constam mais de 230 entradas informativas.

Nos segundo e terceiros números, Armina Santos, Filomena Belo e José Fernandes Pereira elaboram a *Cronologia da Vida e do Reinado de D. João V*.

Os terceiro e quarto números estruturam-se em torno de um questionário dividido em duas seções: Secção A, focada na reavaliação das teorias barrocas, e Secção B, em que é discutida a relação entre o Barroco dos séculos XVII/XVIII e o Neobarroco do século XX.

Nos números cinco e seis, a *Bibliografia de História de Arte dos Séculos XVII e XVIII* é composta por Eduardo Duarte.

2.3 Editoriais e artigos

Editorial 1

O editorial do primeiro número da revista *Claro-Escuro* (muito similar à carta-convite enviada aos colaboradores), assinado pela “Redação”, expõe os objetivos e o perfil da publicação: promover e dinamizar os estudos barrocos, em particular o Barroco português em todas as suas formas e expressões. A Redação salienta também a intenção de a revista fomentar diálogos e intercâmbios de informações entre pesquisadores:

Este interesse coincide com os estudos que vêm sendo realizados em diferentes instituições de ensino superior. CLARO-ESCURO, porém, não está vinculada a qualquer instituição de ensino, nascendo sobretudo do desejo de constituir um futuro grupo autónomo que promova e dinamize os estudos barrocos. Para já, afigura-se-nos importante o diálogo e a troca de informações entre investigadores. Queremos divulgar os trabalhos de investigação que vão sendo realizados, tendo como objectivo primacial a valorização do Barroco português em todas as disciplinas, sem descurar áreas civilizacionais afins, como a ibérica e a brasileira. CLARO-ESCURO é uma Revista semestral, que se pretende especializada sem ambicionar, contudo, definir-se em torno de uma erudição auto-suficiente. Desejamos que o nosso projecto promova o estudo e estimule o gosto pelo Barroco, período dos mais ricos e fecundos da história da nossa cultura, que até agora não tem merecido, por parte dos estudiosos, toda a atenção que merece. (Editorial, *Claro-Escuro*, n. 1, 1988)

Artigos do Número 1, Revista *Claro-Escuro*: Revista de Estudos Barrocos, 1988**Literatura:**

Aspectos literários do barroco, abordando desde a poética até obras específicas e suas influências na literatura portuguesa e brasileira.

Artigo: *Estratégia da convicção na temática dos cinco sentidos*, pp. 7-15

Autor: Ana Hatherly

Artigo: *Reflexões Acerca da Poética Barroca*, pp. 39-46

Autor: Maria Lucília Gonçalves Pires

Artigo: *Sobre as Origens Barrocas da Literatura Brasileira*, pp. 47-53

Autor: Leodegário Amarante de Azevedo Filho

Artigo: *As Margens do Texto na Arte de Furtar*

Autor: Maria Theresa Abelha Alves Marques

Filosofia:

Explora o pensamento filosófico do período barroco, ressaltando a complexidade de suas metáforas e a importância da imaginação.

Artigo: *O que significa pensar? Barroco e Filosofia*, pp. 33-38

Autor: Carlos Couto de Sequeira Costa

História:

Investigam aspectos históricos e sociais do barroco, como a sociedade retratada em periódicos da época e figuras importantes como Jerónimo Baía.

Artigo: *Anatomia do Primeiro Periódico Português*, pp. 63-75

Autor: Filomena Belo; Manuela Rocha

Artigo: *Homenagem a Jerónimo Baía no Terceiro Centenário da sua Morte*, pp. 87-92

Autor: Ana Hatherly

Arquitetura:

Discutem a estética e a influência de arquitetos importantes do barroco em Portugal, pontuando transformações do espaço e as inovações estilísticas.

Artigo: *Retórica da Fé: Simbolismo e Decoração no Escadório dos Cinco Sentidos*, pp. 16-32

Autor: José Fernandes Pereira

Artigo: *Unidade e Transformação*, pp. 77-80

Autor: Maria João Madeira Rodrigues

Artigo: *Alguns Documentos Inéditos Sobre o Arquiteto Manuel da Costa Negreiros*, pp. 81-85

Autor: Horácio Manuel Pereira Bonifácio

Os artigos dessa edição trazem temas como a retórica da fé, a reflexão filosófica sobre o Barroco, análises da poética barroca e discussões sobre as origens barrocas da literatura brasileira, que comprovam o esforço da direção para explorar o Barroco em diferentes dimensões - literária, filosófica, histórica e artística - que se entrelaçam para refletir a complexidade e a diversidade intrínsecas a este movimento.

Na literatura, os artigos exploram os textos barrocos por meio de sua riqueza metafórica e do jogo entre moralidade e sátira. A inclusão de um estudo sobre as origens barrocas da literatura brasileira amplia o alcance geográfico da revista, indicando a importância do Barroco além das fronteiras de Portugal:

“Estratégia da convicção na temática dos Cinco Sentidos”, de Ana Hatherly, discute a relação entre desejo e repressão a partir de dois textos barrocos portugueses focados na temática dos cinco sentidos: *A Preciosa*, de Sórora Maria do Céu e *Oytavas*, anônimas. Ambos ilustram o discurso persuasivo a serviço do poder instituído da época. “Reflexões acerca da poética barroca”, de Maria Lucília Gonçalves Pires, revela importantes aspectos da estética barroca, com ênfase na valorização da ilusão e da criação de metáforas, além da sedução sensorial, da pragmática dos discursos e do humor burlesco.

Leodegário A. de Azevedo Filho, em “Sobre as origens barrocas da Literatura Brasileira”, discute a influência da estética jesuítica na formação do barroco literário no Brasil, com foco em José de Anchieta, e destaca a formação cultural do Brasil a partir dessas influências, enfatizando a importância de compreender as origens para analisar o desenvolvimento da literatura brasileira. “As margens do texto na Arte de Furtar”¹⁰, Maria T. Marques explora a obra barroca *Arte de Furtar* e sua complexidade discursiva. Discute como o autor utiliza o estilo barroco, como inversões e jogos de palavras, para criar ambiguidades e criticar normas sociais.

A abordagem filosófica de Carlos Couto Sequeira Costa no artigo “O que significa pensar? Barroco e Filosofia” oferece reflexão sobre o pensamento barroco e sua relação com a imaginação e tece uma revisão contemporânea de seus conceitos à luz dos desafios modernos. O autor faz referência a vários pensadores e figuras, tais como Marco Aurélio (121-180), filósofo e imperador romano; Blaise Pascal (1623-1662) filósofo e matemático francês, que refletem sobre a própria natureza do pensamento. Além disso, são mencionados filósofos como Leibniz, Kant, Heidegger, Hegel e vários outros que têm contribuições significativas para o pensamento barroco.

Nos estudos de arquitetura, a revista ilumina o papel dos arquitetos e das estruturas na definição do espaço barroco, ressaltando a interação entre forma e função, a exemplo dos artigos de José Fernandes Pereira “Retórica da Fé: Simbolismo e Decoração no Escadório dos Cinco Sentidos” que discute a iconografia, o simbolismo e a experiência sensorial presentes do Santuário do Bom Jesus do Monte e a descrição do Escadório dos Cinco Sentidos¹¹. Essa análise se concentra na arquitetura do santuário, descrevendo os escadórios, fontes e a disposição espacial do monumento. Enfatiza também a presença simbólica da água como elemento de purificação.

O texto “Unidade e Transformação”, de Maria João Madeira Rodrigues, discute a estética da arquitetura barroca, enfatizando como essa forma de arquitetura desafia as limitações da gravidade para criar espaços livres e influenciar a percepção do observador. Rodrigues expõe o uso de símbolos e cargas expressivas na arquitetura barroca, ressaltando a importância da categorização estética para compreender a diversidade dessa arte.

¹⁰ Em 1988, ano da publicação no primeiro número da *Claro-Escuro*, a autoria da obra “Arte de Furtar”, permanecia desconhecida. Hoje em dia, a academia atribuiu a Manuel da Costa (1601-1667) a autoria do livro.

¹¹ Local religioso situado em Braga, Portugal.

Horácio M. Bonifácio aborda a vida e a carreira do arquiteto Manuel da Costa Negreiros, protagonista da arquitetura barroca em Portugal durante o reinado de D. João V, explora suas nomeações como arquiteto da Casa do Infantado e do Priorado do Crato, bem como sua associação às Ordenanças de Malta, no artigo: “Alguns documentos inéditos sobre o arquiteto Manuel da Costa Negreiros”.

Os artigos históricos e sociais tiveram a intenção de promover a sociedade e oferecer um panorama da vida cotidiana barroca e tratar de algumas figuras influentes da época. Em “Anatomia do primeiro periódico português”, Filomena Belo e Manuela Rocha analisam *A Gazeta*, periódico que apoiou a Guerra contra Castela, promoveu a liderança de D. João IV e abordou temas variados como religião, guerra, eventos sociais e notícias internacionais.

“Homenagem a Jerónimo Baía no Terceiro Centenário da sua Morte”, artigo de Ana Hatherly, homenageia Jerónimo Baía, poeta erudito e burlesco do século XVII, monge beneditino e pregador régio em Portugal. O artigo destaca sua obra poética, incluindo o *Lampadário de Cristal*, e traz a conexão entre o barroco implícito e explícito em poesia contemporânea, sugerindo que o espírito barroco ainda influencia escritores atuais.

Editorial 2

No segundo número da revista *Claro-Escuro*, dedicado ao terceiro centenário do nascimento de D. João V, o editorial, assinado pela “Redação”, identifica a abordagem por meio da qual será comemorada a figura do rei, assim também a complexidade do período histórico-cultural no qual estava inserido:

É um número temático mas que, naturalmente, não pode abarcar todas as áreas, todos os aspectos, todos os acontecimentos de relevo na vida ou no reinado do Monarca. O nosso objectivo foi apenas abordar essa temática a partir de ângulos coincidentes com as preocupações pluridisciplinares de CLARO-ESCURO, pondo em foco aspectos, acontecimentos e obras que têm a ver com a personalidade de D. João V ou a época em que viveu e que decisivamente marcou. Dentro dos nossos limites oferecemos uma panorâmica variada de aspectos distintivos e, tanto quanto possível, menos conhecidos, além duma extensa cronologia da vida e do reinado do Magnânimo. A iconografia reproduzida tem igualmente um destacado valor documental. Uma Revista é um trabalho de equipa, não só da parte de quem a produz como de quem nela colabora com textos. Uma unidade perfeita é, portanto, inatingível. Porém, como numa publicação como esta a diversidade é não só inevitável mas até desejável, este número de CLARO-ESCURO-duplo

em virtude da importância do tema e da colaboração recebida - contribuirá para proporcionar uma visão, em alguns aspectos nova ou inovadora, desse que foi um dos períodos mais ricos da nossa história cultural. (Editorial, *Claro-Escuro*, n. 2/3, 1989)

O editorial reconhece as limitações de uma única edição no sentido de cobrir todos os aspectos do reinado e da vida de D. João V. Por isso mesmo, deixa claro que o objetivo é abordar o monarca e sua época a partir de ângulos que venham ao encontro das preocupações pluridisciplinares da *Claro-Escuro*. Com o intuito de oferecer análises menos exaustivas, a edição buscou privilegiar aspectos menos conhecidos do período e proporcionar visão inovadora sobre o tema proposto.

Números 2 e 3, Revista *Claro-Escuro*: Revista de Estudos Barrocos, 1989

Pintura:

Os artigos se concentram em aspectos específicos da pintura barroca, explorando retratos de D. João V e a tradição do retrato de corte em Portugal.

Artigo: *O retrato de D. João V na portaria de S. Vicente de Fora: Um retrato barroco azul e branco*, pp. 13-17

Autor: Luísa D'Orey Capucho Arruda

Artigo: *Os retratos de D. João V e a tradição do retrato de corte*, pp. 19-34

Autor: Luís de Moura Sobral

História/História da Arte/Biografia:

Estes artigos abordam a história e biografia de D. João V e o período barroco, enfocando aspectos como a arte, a arquitetura, a legislação e o impacto social e cultural de sua governança, bem como viagens e feitos do rei.

Artigo: *Metamorfoses do "Reinado do Ouro"*, pp. 35-40

Autor: Rui Manuel Bebian do Nascimento

Artigo: *Reinado e vida de D. João V - Grande Plano e Plano Geral*, pp. 47-54

Autor: Filomena Belo

Artigo: *Patrimônio*, pp. 55-59

Autor: José Fernandes Pereira

Artigo: *D. João V em Tomar*, pp. 61-65

Autor: José Fernandes Pereira

Artigo: *Perspectiva Historiográfica do Século XVIII*, 79-82

Autor: Artur Anselmo de Oliveira Soares

Artigo: *A Morte de D. João V: Ascese e Espetáculo*, pp. 165-176

Autor: José Fernandes Pereira

Artigo: *Um Personagem Encontra seus Autores*, pp. 177-188

Autor: Maria Theresa Abelha Alves

Literatura:

Estes artigos exploram a literatura e a poesia barroca, incluindo análises de obras específicas e discussões sobre a persistência e evolução da poesia neste período.

Artigo: *Teatro Religioso da Época Joanina O Triunfo do Rosário de Sórora Maria do Céu*, pp. 119-134

Autor: Ana Hatherly

Artigo: *A Lição da Festa na Relação Métrica de Frei Simão António de Santa Catarina*, pp. 135-142

Autor: Natália Baeta Nogueira

Artigo: *A Poesia Barroca no Tempo de D. João V: Declínio ou Persistência?* pp. 143-148

Autor: Andrée Jeanne Françoise Crabbé Rocha

Artigo: *Feudo no Parnasso: Um obséquio Alegórico à Munificência de D. João V*, pp. 149-164

Autor: Ana Hatherly

Arquitetura:

Estes artigos focam a arte e a arquitetura do período, explorando a influência barroca em diversas formas artísticas, desde edifícios até a decoração de interiores.

Artigo: *A Quinta da Conceição de António Cremer- breve análise*, pp. 66-72

Autor: Margarida Calado

Artigo: *Ornamento e Geometria*, pp. 73-82

Autor: José Fernandes Pereira

Ciência/Filosofia:

Este artigo analisa um tratado de alquimia, apresentando a interação entre ciência, misticismo e filosofia durante o Barroco.

Artigo: *A Arte de Transmutar Ideias - O conceito de saber e verdade no Tratado Ennoea*, pp. 41-46

Autor: Anabela Galhardo

Música:

Este artigo discute a evolução da música profana e da ópera no tempo de D. João V, realçando a influência cultural e a diversificação dos gêneros musicais.

Artigo: *A Música Profana e a Ópera No Tempo de D. João V. Vários factos e alguns argumentos*, pp. 105-118

Autor: Manuel Carlos de Brito

Moda:

Este artigo explora a moda da corte de D. João V, a influência francesa e o simbolismo social dos trajes.

Artigo: *Olhar Sobre o Traje Joanino*, pp. 99-104

Autor: Madalena Braz Teixeira

Academias Literárias:

Os artigos analisam o papel das academias literárias no contexto cultural e educacional do reinado de D. João V.

Artigo: *As Academias Literárias na Época Joanina*, pp. 83-88

Autor: Elze Maria Henny Vonk Matias

Artigo: *Galas e Galardões Num Certame Poético Acadêmico da Época Joanina*, pp. 89-97

Autor: Ana Hatherly

Nos números 2/3 da revista, o Barroco, em contexto multidisciplinar, tem foco especial na era do reinado de D. João V. Os artigos cobrem tópicos acerca de biografias detalhadas, análises históricas, estudos específicos sobre arte, literatura, música e arquitetura.

A riqueza e a complexidade do período barroco são evidenciadas através das lentes da história, da arte e da cultura, com destaque particular para as figuras centrais e os eventos que moldaram essa era. Há ênfase significativa na influência do Barroco na sociedade, na cultura e nas artes, revelando como este período histórico foi marcado por rica troca de ideias e profusão de expressões artísticas:

“Metamorfoses do *Reinado de Ouro*”, de Rui Bebiano aborda aspectos da governança do rei, sua influência na cultura e sociedade portuguesa e as controvérsias que cercaram o reinado de D. João V.

Filomena Belo, com “Reinado e vida de D. João V – Grande Plano e Plano Geral”, aborda temas legislativos, sociais e culturais em Portugal durante o reinado de D. João V. A autora cobre uma variedade de temas, desde questões administrativas até culturais e sociais, incluindo a maneira como as mulheres eram tratadas, grupos marginalizados e questões de infraestrutura como o Aqueduto das Águas Livres.

José Fernandes Pereira descreve, em “Património”, a fundação da Academia Real de História, em 1720, por D. João V e seu papel da preservação da história e do património português.

Em “D. João V em Tomar”, o autor aborda a viagem de D. João V a Tomar em 1714, realça o aparato cerimonial e a visita a locais históricos como Alcobaça e Batalha. Com foco na arte e na história, a viagem simbolizava a união do passado português e a demonstração do poder absoluto do rei. “A morte de D. João V: ascese e espetáculo”, Fernandes Pereira analisa o falecimento de D. João V de Portugal em 1750 e as cerimônias fúnebres que se seguiram, evidenciando a dualidade entre ascetismo e espetáculo.

“Perspectiva Historiográfica do Século XVIII”, de Artur Anselmo, aborda a evolução da historiografia em Portugal nos séculos XVII e XVIII, a influência da imprensa, a fundação da Academia Real da História Portuguesa em 1720 e da Academia Real das Ciências em 1780.

“Um personagem encontra seus autores”, de Maria Theresa Alves Abelha, realça a representação de D. João V em obras contemporâneas de Bernardo Santareno e José Saramago e a maneira usada por esses autores para desconstruírem a imagem tradicional do monarca.

Na esfera da pintura, a revista dá destaque à importância dos retratos barrocos na representação de D. João V. Estes estudos aprofundam-se na tradição do retrato de corte em Portugal examinando a influência de artistas renomados e de como estes retratos simbolizavam o poder e a identidade nacional. O artigo de Luísa Capucho Arruda “O retrato de D. João V na portaria de S. Vicente de Fora: Um retrato barroco azul e branco”, explana a decoração da Portaria de S. Vicente de Fora, encomendada por D. João V. Nesse espaço, azulejos azuis e brancos retratam cenas da história e ideologia portuguesa, incluindo a conquista de territórios e retratos de reis. A decoração segue o estilo Barroco, carregando elementos simbólicos, como cortinas e coroas para criar uma atmosfera majestosa. Os trabalhos de Manuel dos Santos, azulejista e pintor português e de Vicente Baccarelli, pintor italiano e responsável pelo teto da Portaria, têm destaque no estudo.

Luís de Moura Sobral, em “Os retratos de D. João V e a tradição do retrato de corte”, relata a história e a importância do retrato de corte em Portugal, realçando a influência de artistas como Ticiano Vecelli (1490-1576), pintor italiano, António Moro (1517-1577) pintor italiano, Vicente Baccarelli (1672-1745) pintor italiano, Cristóvão de Morais (?-1571 pintor português), Sánchez Coello (1531-1588) pintor espanhol, Giorgio Domenico Duprà (1689-

1770) pintor italiano. Examina a evolução do gênero em momentos-chave da história portuguesa, como os reinados de D. João V e D. Sebastião, e a forma como as mudanças políticas e culturais influenciaram a arte do retrato. O texto também explora retratos da rainha D. Catarina de Bragança e a introdução de elementos da tradição inglesa nos retratos da corte portuguesa.

No campo da literatura, os artigos analisam autores e obras específicas, acentuando a persistência da poesia barroca, bem como sua capacidade de espelhar as intrincadas facetas da sociedade portuguesa daquela época:

“Teatro Religioso da Época Joanina: *O Triunfo do Rosário* de Sórora Maria do Céu”, artigo de Ana Hatherly, discute os autos da freira e dramaturga portuguesa. A autora destaca a influência da contrarreforma na literatura e no teatro português na época a partir do texto por ela analisado.

Em “A lição da festa na *Relação Métrica* de Frei Simão António de Santa Catarina”, Natália Baeta Nogueira analisa a obra de Frei Simão António de Santa Catarina (1676-1733), relato poético detalhado das celebrações da canonização de São João da Cruz (1542-1591) em Lisboa, 1727.

O texto de Andréa Rocha, “A poesia barroca no tempo de D. João V: declínio ou persistência?”, abrange vários aspectos do reinado de D. João V de Portugal, especialmente suas contribuições para a arte e cultura do período. D. João V é retratado como um rei que, influenciado pelo estilo de Luís XIV da França, promoveu o barroco através da arquitetura, música e literatura.

Em “*Feudo no Parnaso*: um obséquo alegórico à munificência de D. João V”, Ana Hatherly discute trechos do poema “Feudo do Parnasso”, de Francisco de Vasconcelos Coutinho (1665-1723) poeta barroco português. O poema enaltece o rei D. João V, retratando cenas de caça, analogias mitológicas e momentos idílicos em que o rei cavalga coberto de flores. Dentro das temáticas barrocas, esse texto aborda elementos como a exaltação do rei, a utilização de metáforas mitológicas, a descrição de cenas idílicas e a busca por expressar a grandiosidade e os ideais do período.

Na moda e na arquitetura barrocas, os estudos discutem desde a evolução arquitetônica até a influência da moda. A revista ilustra a transição para um estilo mais geométrico e clássico, inspirado na arte italiana, e como a moda da corte, com sua influência francesa, representava status e distinção social:

“Olhar sobre o traje joanino”, de Madalena Braz Teixeira, investiga o traje joanino, estilo de vestuário da corte de D. João V de Portugal, aponta elementos como as perucas volumosas e a ornamentação elaborada usadas para dar símbolos de status e poder. A moda da época é descrita como uma mistura de exuberância e luxo, apoiada pela riqueza e pelo poder político da monarquia e pelo reflexo dos papéis de gênero e da estrutura social da época.

Margarida Calado contribuiu com “A Quinta da Conceição de António Cremer – breve análise” e revela a história e características da Quinta da Conceição, propriedade histórica em Portugal. Calado detalha a vida de António Cremer, um holandês que se estabeleceu em Portugal e se tornou influente no fabrico de pólvora. A Quinta da Conceição, residência de Cremer, reflete sua ascensão social e mistura elementos da arquitetura portuguesa seiscentista com influências holandesas.

“Ornamento e geometria”, de José Fernandes Pereira, aborda a evolução da arquitetura portuguesa do século XVII para o século XVIII, sublinhando a influência da política artística de D. João V e a transição de uma arquitetura que privilegiava decorações internas, como a talha, para um estilo mais clássico e geométrico, inspirado na arte italiana.

No domínio da ciência e filosofia, o artigo de Anabela Galhardo “A arte de transmutar ideias – o conceito de saber e verdade no Tratado Ennoea” analisa *Ennoea ou Aplicação do Entendimento sobre a Pedra Philosophal* (1733), um tratado português de alquimia escrito pelo médico Anselmo Caetano Munhoz de Abreu Gusmão e Castello Branco. Este tratado é considerado o primeiro deste tipo em Portugal, apresentando uma mistura de conceitos científicos, místicos e cristãos. A análise explora como o texto reflete o pensamento barroco e iluminista, integrando racionalidade científica, esoterismo e ortodoxia cristã.

A música e a ópera são exploradas no artigo que examina a evolução destas formas de arte durante o reinado de D. João V, comentando a influência da nobreza e a popularização das serenatas e óperas italianas: Manuel Carlos de Brito, no artigo “A música profana e a ópera no tempo de D. João V. Vários factos e alguns argumentos”, discute a história da ópera e da música profana em Portugal e na Europa no início do século XVIII. Brito discute a evolução da ópera italiana em Portugal, a resistência cultural a ela, a prevalência de serenatas aristocráticas e o poder da música profana na época.

Há ainda dois artigos que tratam do papel das academias literárias e dos eventos poéticos no desenvolvimento cultural e educacional de Portugal. Estes artigos ressaltam a

importância destas instituições na integração cultural de Portugal na Europa e na promoção da criação literária:

“As Academias Literárias na época joanina”, de Elze Vonk Matias, aborda as academias literárias durante o reinado de D. João V em Portugal e as influências que tiveram no desenvolvimento cultural e educacional do país.

Ana Hatherly com “Galas e Galardões num certame poético acadêmico da época joanina”, descreve um evento literário histórico, o “Certame Eucharístico” de 1724 em Lisboa, organizado pela Academia dos Applicados. Vários tipos de poesia foram julgadas por acadêmicos e premiadas em diferentes categorias. Além dos participantes portugueses, havia a forte presença de concorrentes espanhóis.

Editorial 3

O terceiro editorial da revista *Claro-Escuro*, assinado pela Diretora, revela a intenção de repensar e aprofundar as teorias sobre o Barroco, questionando e expandindo as compreensões estabelecidas por teóricos anteriores, como Wolfflin, D’Ors e Weisbach. Os artigos debatem análises teóricas sobre a evolução da compreensão do Barroco, propõem discussões sobre a existência de um Barroco específico em Portugal e no Brasil ou a exploração da influência do Barroco na arte contemporânea.

Para além dos artigos, nesta edição, Hatherly apresenta um questionário detalhado enviado a diversos especialistas, com o objetivo de explorar e aprofundar o tema “Barroco e Neobarroco”, abrangendo aspectos históricos, culturais e teóricos, assim como suas manifestações em diferentes áreas artísticas e intelectuais. Neste questionário, a diretora propunha que os autores respondessem a questões como “O que mudou depois de Wolfflin, D’Ors, Weisbach?”; “Há um barroco português ou um barroco em português?” As respostas foram publicadas nesta edição.

Assim como nos números anteriores, a abordagem é interdisciplinar: literatura, arte, moda, cinema, poesia, e são oferecidos detalhes de como o Barroco e o Neobarroco se manifestam nestes contextos. Alguns autores responderam às inquirições propostas no editorial, explorando os “limites ou ilimites do Barroco”, a “reinvenção e continuidade” e a “mundovisão e sensibilidade barrocas”.

[...] este número de CLARO-ESCURO é duplo e temático: duplo, em virtude da extensão da colaboração recebida; temático, porque foi nossa deliberação definir para cada número de CLARO-ESCURO (simples ou duplo) limites precisos, o que proporcionará uma maior unidade do ponto de vista da informação e a oportunidade de aprofundar, tanto quanto possível. Este número de CLARO-ESCURO constitui-se à volta do tema BARROCO E NEOBARROCO, uma temática que desejámos abordar em estilo de diálogo e que por isso baseámos num questionário que enviámos aos que, de uma maneira ou de outra, estivessem envolvidos nas questões que interessava debater. Eis o texto desse questionário:

SECÇÃO A 1. Repensar as teorias

1.1. O que mudou desde Wolfflin, D'Ors, Weisbach, etc.

1.2. A situação em Portugal: há um Barroco português ou um Barroco em português?

SECÇÃO B

2. Relação entre o Barroco dos séculos XVII / XVIII e o Neobarroco do século XX

2.1. Limites ou ilimites do Barroco

2.2. Reinvenção e continuidade - importância da herança cultural

2.3. Mundovisão e sensibilidade barrocas Barroco, Neobarroco e Post-Modernismo: literatura (e/ou discurso em geral) teatro e cinema arquitectura artes plásticas e decorativas música e teatro lírico pensamento filosófico e científico

[...]

A colaboração que recebemos incidindo sobre a área do Neobarroco como fenómeno pós-moderno provém de áreas culturais diversificadas em que é, porém, de lastimar a ausência de especialistas de teatro, música, arquitectura e ciência. Pelo seu carácter vincadamente actual traz um contributo que virá decerto a tornar-se histórico, pois estando vinculada a uma teorização muito recente concorrerá para situar a sua própria posição futura. Quanto àquela colaboração que estabelece pontes entre o Barroco histórico e o Neobarroco, quer em Portugal quer em Espanha, é na área da poesia que o fenómeno é aqui largamente discutido. (Editorial, *Claro-Escuro*, n. 4/5, 1990)

Além disso, o editorial ressalta a relevância do Barroco para a identidade nacional tanto em Portugal quanto no Brasil, e como esse debate pode ser crucial para a compreensão da cultura e da arte contemporâneas nesses países. A inclusão de contribuições de estudiosos brasileiros, espanhóis e franceses enriquece ainda mais o diálogo, indicando um esforço para conectar e comparar as manifestações do Barroco em diferentes culturas.

Hatherly lamenta a ausência de especialistas em teatro, música, arquitetura e ciência na discussão sobre o Neobarroco, lacuna que indicia a necessidade de uma abordagem mais abrangente. Mas a deficiência de contribuições de outras áreas não deve ser interpretada como falta de especialistas nessas disciplinas. No espólio de Ana Hatherly há evidências de convites declinados por autores ao longo das edições. Podemos supor que algum pesquisador

de teatro, música, arquitetura ou ciência tenha recebido o convite para colaborar na edição, porém, não tenha tido condições de fazê-lo. A exemplo da carta de José Oliveira Barata enviada a Ana Hatherly em 14 de outubro de 1991: “Diga-me no que é me poderei colaborar na *Claro/Escuro*. E se é que está interessada.” A data é posterior à edição 4/5 da *Claro-Escuro*, e embora, Barata seja reconhecido na crítica teatral, incluindo o período barroco, nenhum artigo dele foi publicado na revista.

Nesses convites, por vezes não aceitos, conseguimos visualizar com maior clareza os bastidores da produção da *Claro-Escuro* e a complexidade envolvida na composição de uma edição temática tão diversificada, além da constante dedicação de Ana Hatherly para criar um veículo verdadeiramente interdisciplinar.

Números 4 e 5, Revista *Claro-Escuro*: Revista de Estudos Barrocos, 1990

Para melhor entendimento do leitor, separamos aqui os artigos que foram escritos a partir das seções A e B nos quais a diretora da revista propôs que alguns colaboradores respondessem às questões formuladas por ela no editorial, vindo na sequência os artigos publicados nesses números:

Seção de respostas para as questões propostas por Ana Hatherly:

História:

Artigo: 1. Repensar as teorias

1.1. O que mudou desde Wolfflin, D'Ors, Weisbach, etc.

1.2. A situação em Portugal: há um Barroco Português ou um Barroco em Português, pp. 9-10

Autor: Rui Manuel Bebianio de Nascimento

Artigo: 1. Repensar as teorias

1.1. O que mudou desde Wolfflin, Weisbach, etc.

1.2. A situação em Portugal: há um Barroco português ou um Barroco em Português?

2. Relação entre o Barroco dos séculos XVII/XVIII e o Neobarroco do século XX

2.1. Limites ou ilimites do Barroco

2.2. Reinvenção e continuidade - importância da herança cultural

2.3. Mundovisão e sensibilidade barrocas - Barroco, Neobarroco e Post-Modernismo, pp. 23-24

Autor: Maria Alzira Seixo

Literatura:

Artigo: 1. Repensar as teorias

1.1. O que mudou desde Wolfflin, D'Ors, Weisbach, etc.

1.2. A situação no Brasil: há um Barroco Brasileiro ou um Barroco em Brasileiro? pp. 11-14

Autor: Leodegário Amarante de Azevedo Filho

Artigo: Tempo de Inquirição: Respostas às secções A e B, p. 27

Autor: José Ares Montes

Artigo em espanhol

Artigo: Tempo de Inquirição: Respostas às secções A e B

1. Repensar as teorias

1.1. O que mudou desde Wolfflin, D'Ors, Weisbach, etc.

Secção B

2. Relação entre o Barroco dos séculos XVII/ XVIII e o Neobarroco do século XX, pp. 29-31

Autor: Claude-Gilbert Dubois

(artigo em francês)

Artigo: Tempo de Inquirição: Resposta à secção B

Secção B

2. Relação entre o Barroco dos séculos XVII/ XVIII e o Neobarroco do século XX

2.1. Limites ou ilimites do Barroco

2.1.1. Limites internos

2.1.2. Ilimites externos

2.2. Reinvenção e continuidade - importância da herança cultural

2.3. Mundovisão e sensibilidade barroca, pp. 33-38

Autor: Benito Pelegrin

(artigo em francês)

Artigo: Entre Barroco e o Neobarroco

Secção B

2. Relação entre o Barroco dos séculos XVII/XVIII e o Neobarroco do século XX

2.3. Mundovisão e sensibilidade barrocas, pp. 45-50

Autor: Fernando Guimarães

Moda:

Artigo: Moda Portuguesa (1985/90) e sensibilidade barroca

Secção B

2. Relação entre o Barroco dos séculos XVII/XVIII e o Neobarroco do século XX

2.3. Mundovisão e sensibilidade barrocas Moda Portuguesa, pp. 57-61

Autor: Ana Couto; Anabela Galhardo

Cinema:

Artigo: Modos de um processo

Secção B

2. Relação entre o Barroco dos séculos XVII/XVIII e o Neobarroco do século XX

2.3. Mundovisão e sensibilidade barrocas – cinema, pp. 67-70

Autor: João Torres

Demais artigos

Literatura:

Artigo: *Qual Barroco? Qual Brasil?* pp. 17-22

Autor: Maria Aparecida Ribeiro

Artigo: *As fontes, as nuvens e o caos*, pp. 71-107

Autor: Ernesto Manuel de Melo e Castro

Artigo: *Carta sobre El Barroco a Ana Hatherly*, pp. 109-113

Autor: Pilar Gómez Bedate

Artigo em espanhol

Artigo: *Poesía sobre Poesía: España y Portugal entre nuevos centones gongorinos*, pp. 115-124, pp. 115-124

Autor: Victor Infantes de Miguel

Artigo em espanhol

Filosofia:

Artigo: *Física Poética*, pp. 39-43

Autor: Carlos Couto Sequeira Costa

Crítica Literária:

Artigo: *O Barroco e o Maneirismo*, pp. 15-16

Autor: Afrânio Coutinho

Artes:

Artigo: *Do Barroco à Inocência Ideológica*, pp. 25-26

Autor: José-Augusto França

Artigo: *O Neobarroco como nova existência*, pp. 51-56

Autor: Paulo Pereira

Artigo: *O efeito neobarroco*, pp. 63-66

Autor: Isabel Carlos

Artigo: *O silêncio*, pp. 125-130

Autor: Paulo Varela Gomes

Artigo: *Dispersões sobre o caos, o nada, o mundo verdadeiro, o mundo fantástico e a vanidade das glórias do mundo: o ar, o vento, as sombras, as cores aparentes*, pp. 131-135

Autor: José Fernandes Pereira

Assim como nas edições anteriores, nos números 4/5 da revista *Claro-Escuro*, a diversidade dos temas é abrangente e são apresentados enfoques profundamente analíticas do Barroco, Neobarroco e suas manifestações nas diversas esferas da cultura, estética e arte. Através dos artigos publicados, a revista estabeleceu diálogos entre teorias históricas e contemporâneas, desdobrando-se em múltiplas dimensões como a literatura, a moda, o cinema e a poesia.

Na História, os artigos ofereceram revisões críticas das teorias sobre o Barroco, questionando as ideias estabelecidas por pensadores como Wolfflin, D'Ors e Weisbach. Eles exploram a existência de um Barroco específico em Portugal e outro no Brasil, desafiando a visão tradicional e sinalizando a evolução do Barroco até o Neobarroco e sua relação com o Post-Modernismo:

As questões enviadas a Rui Bebiano focam na reinterpretação das teorias sobre o Barroco, mostrando como essa reavaliação moldou a percepção moderna do movimento. Bebiano examina a evolução do entendimento sobre o Barroco, desde as ideias de Wolfflin até os conceitos contemporâneos e realça as raízes culturais e sociais desse estilo artístico.

Maria Alzira Seixo discute o desenvolvimento teórico sobre o Barroco, sobretudo, a influência de Heinrich Wölfflin e Eugenio D'Ors nas percepções contemporâneas deste estilo. Examina também a manifestação do Barroco em Portugal e sua relação com o Neobarroco e o Pós-modernismo.

Na literatura, os artigos discutem a influência do Barroco e do Neobarroco na literatura brasileira e portuguesa, realçando como a linguagem desses estilos captura e expressa a realidade, além dos debates sobre a manifestação desses estilos na poesia contemporânea:

Leodegário de Azevedo Filho aborda as questões que lhe foram enviadas a partir da evolução das teorias artísticas desde Wölfflin até o presente, aponta a importância de se distinguir: Renascimento, Maneirismo e Barroco. Azevedo Filho trata também, da influência da cultura jesuíta no Brasil para a formação do Barroco brasileiro.

Claude-Gilbert Dubois, ao responder ao questionário enviado pela direção, discute as teorias estéticas sobre o Barroco, a evolução do gênero até o século XIX e sua aplicabilidade em diferentes culturas, a relação entre o Barroco e o Neobarroco no século XX, incluindo suas manifestações em movimentos totalitários e a influência do conceito de "maneirismo".

Benito Pelegrin analisa o questionário sob o olhar da evolução das teorias estéticas sobre o Barroco desde o século XIX, enfatiza como a sensibilidade barroca se manifesta em diferentes épocas e contextos culturais.

Fernando Guimarães explora a relação entre linguagem e realidade no contexto do barroco e do neobarroco, focando-se na forma como a linguagem pode expressar o conhecimento da realidade.

“Qual barroco? Qual Brasil?”, artigo de Maria Aparecida Ribeiro, destaca a influência do Barroco na literatura brasileira, discutindo se existe um "Barroco brasileiro" ou se o Barroco praticado no Brasil era uma continuação do Barroco europeu.

“As fontes, as nuvens e o caos”, de Melo e Castro, traz a discussão profunda da influência do Barroco em várias formas de arte e literatura, com ênfase em três abordagens distintas: o Barroco Intuitivo, que enfatiza a sensibilidade e emoção inatas; o Barroco Construtivo, que se concentra em estruturas e planejamentos cuidadosos; e o Metabarroco ou Barroco Crítico/Teórico, que envolve uma análise reflexiva e metafísica do próprio Barroco. Além disso, o texto explora a intersecção da poesia com a ciência do caos, a forma como o “acaso” e o “rigor” podem ser integrados na criação poética, exemplificado nas obras de Ana Hatherly, José Alberto Marques e Alexandre Vargas.

Pilar Gómez Bedate, em “Carta sobre El barroco a Ana Hatherly”, dirige o documento à diretora da revista e reflete sobre a influência do barroco na poesia e na arte modernas.

O artigo de Victor Infantes de Miguel “Poesía sobre Poesía: España y Portugal entre nuevos centones gongorinos”, explora a conexão entre Espanha e Portugal no século XVII por meio do centão, artifício poético barroco que combina textos de diferentes autores para criar uma nova obra.

A edição também aborda a influência do Barroco na moda portuguesa entre 1985 e 1990, e as características barrocas na moda da época com o questionário respondido por Anabela Galhardo e Ana Couto. As autores debatem acerca da influência do estilo barroco e neobarroco na moda portuguesa da década de 1980, especialmente no trabalho de designers como Paulo Cássio e abordam elementos comuns como a extravagância, ornamentação e expressão emocional intensa em ambos os períodos. Galhardo e Couto ressaltam a forma como o neobarroco incorpora uma pluralidade de estilos e uma abordagem mais lúdica e irônica em comparação com o barroco tradicional.

No cinema, a revista examina o filme "O Processo do Rei" (Portugal, 1988), de João Mário Grilo a partir do artigo de João Torres "Modos de um processo". O filme transporta a estética barroca do século XVII para a contemporaneidade, mantendo características como o excesso e a complexidade. Ambientado em um período de crise e mudança, ele reflete tanto as sensibilidades barrocas quanto pós-modernas ao empregar o uso de diversas técnicas cinematográficas para criar uma narrativa rica em contradições e performatividade.

No campo da filosofia, a edição apresenta o artigo de Carlos Couto Sequeira Costa "Física Poética", um conceito que combina física, arte, filosofia e literatura, especialmente no contexto do Barroco. O autor explora como o "Witz" (espírito inventivo) é uma força motriz nessa intersecção, sugerindo que a criatividade e a perspicácia são essenciais para entender a complexidade do mundo. A discussão se estende por várias áreas, incluindo literatura, teoria da arte, e filosofia, demonstrando como a era barroca exemplifica essa fusão entre ciência e arte.

Na Crítica Literária e nas Artes, os debates giraram em torno da relação entre Barroco e Maneirismo, a evolução do Barroco para o Neobarroco na arte contemporânea, e como a influência deste movimento se manifestou na interpretação da realidade e na representação artística no artigo de Afrânio Coutinho "O Barroco e o Maneirismo".

Nas artes, a edição revela o artigo de José-Augusto França, que discute em "Do barroco à inocência ideológica" a rigidez das categorias artísticas tradicionais, sugerindo uma visão mais fluida do barroco e suas interações com outros estilos. O autor também aborda o conceito de neobarroco na arte contemporânea e desafia a ideia de uma "inocência ideológica" nesse contexto, além de examinar como o barroco se manifesta de maneira complexa e multifacetada na expressão cultural portuguesa.

“Neobarroco como nova existência”, de Paulo Pereira discute o conceito de “neobarroco” em relação à modernidade e à pós-modernidade e argumenta que o termo “neobarroco” pode ser uma alternativa mais precisa ao ambíguo termo “pós-moderno”. O autor vê o neobarroco como a forma de arte que valoriza a invenção e o estilo, em contraste com o pós-modernismo.

“O efeito neobarroco”, de Isabel Carlos, analisa o neobarroco na arte contemporânea portuguesa, focando em três artistas: Paula Rego, Rui Chafes e Duarte Belo. Cada artista é examinado através de uma modalidade específica: Ópera para Rego, Efêmero para Chafes e Reflexos para Belo. O trabalho deles é discutido em termos de como incorporam e reinterpretam elementos do Barroco em um contexto moderno. O autor do texto sugere que a classificação “neobarroca” é mais uma interpretação crítica do que uma intenção do artista.

“O Silêncio”, de Paulo Varela Gomes, explora a obra de pintura de Natividade Correia, sua complexa relação com o estilo Barroco e filosofias como as de Leibniz e Christine Buci-Glucksmann. A pintura de Natividade é caracterizada por elementos de melancolia, luz e sombra, e pela sensação de “forma substancial” indefinida e o artista desafia as convenções tradicionais da arte ao propor uma abordagem que transcende a estética e a técnica normativas e se alinha com interpretações contemporâneas e pessoais do Barroco.

Ainda na esfera das artes, “Dispersões sobre o caos, o nada, o mundo verdadeiro, o mundo fantástico e a vanidade das glórias do mundo: o ar, o vento, as sombras, as cores aparentes”, de José Fernandes Pereira, traz reflexão poética e filosófica sobre cores, luz e sombra. O autor explora como os pintores recriam o mundo através da interação entre luz e objetos e discute o simbolismo de cores como o dourado, representando a aspiração à perfeição, e o azul, imitando o céu. Pereira também aborda a relação entre visão e existência, com foco no branco e suas associações com pureza e morte.

Editorial 4

O quarto editorial da revista *Claro-Escuro*, assinado pela Diretora, expõe o vínculo temático em torno do qual se apresentam os artigos daquela edição: expandir a compreensão do fenômeno dos Descobrimentos para além dos séculos XV e XVI, englobando o período barroco, que é menos explorado neste contexto:

[...] temática das Projeções dos Descobrimentos no período barroco com o que, respeitando os nossos limites periodológicos, pudemos trazer a público textos cujos pontos de vista contribuirão - assim o desejamos - para alargar a perspectiva que até agora se tem predominantemente tido do fenómeno das Descobertas, que tende a circunscrever-se aos séculos XV e XVI. Os textos que publicamos, embora estejam longe de abarcar a temática proposta dum modo verdadeiramente abrangente - a tanto não poderíamos aspirar - são, todavia, representativos das áreas que abordam. Destacam-se, por exemplo, os comentários ao *Livro Anteprimeiro da História do Futuro*, diferentes aspectos da evolução da epopeia e alguns efeitos da descoberta do Novo Mundo que para os portugueses o Brasil foi, quer do ponto de vista linguístico quer do ponto de vista do imaginário. De destacar também é a extensa Bibliografia relativas às Artes no período Barroco, compilação realizada pela primeira vez em Portugal. (Editorial, *Claro-Escuro*, n. 6/7, 1991)

A análise do *Livro Anteprimeiro da História do Futuro*, obra inacabada do Pe. António Vieira, e a discussão sobre a transformação da epopeia renascentista em epopeia barroca demonstram como o período dos Descobrimentos influenciou profundamente a literatura e a cultura portuguesa. O estudo sobre a representação dos índios e da natureza do Brasil no Barroco e a análise da cidade de Angra (Açores), como ponto estratégico nas rotas marítimas, revelam como as Descobertas moldaram as percepções culturais e económicas de Portugal.

O editorial e os artigos publicados, portanto, dialogam entre si de forma a criar uma narrativa integrada que explora os efeitos dos Descobrimentos no período barroco e abordam as consequências históricas, culturais e o legado duradouro desses eventos.

No último editorial da revista, Ana Hatherly manifestou a intenção de dar continuidade à publicação, o que se evidencia na promessa de apresentar a bibliografia de obras relacionadas à literatura do período barroco, em número futuro: “Num próximo número planeamos fornecer uma Bibliografia de obras respeitantes à literatura do período barroco.” (Editorial, *Claro-Escuro*, n. 6/7, 1991). Esta declaração demonstra que havia planos para que a revista prosseguisse além do número duplo 6/7.

Contudo, apesar dessas aspirações, a *Claro-Escuro* encerrou sua trajetória nessa edição, levantando a possibilidade de que questões financeiras tenham sido fator determinante para a interrupção da publicação. A falta de recursos é um desafio comum no mundo das publicações académicas e culturais e pode ser razão plausível para que a revista não tenha continuado.

Números 6 e 7, Revista *Claro-Escuro*: Revista de Estudos Barrocos, 1991

Literatura:

Artigo: *Vieira no Cabo de Não*, pp. 9-20

Autor: Margarida Vieira Mendes

Artigo: *A Lusitânia transformada ou a face não heroica dos descobrimentos*, pp. 21-29

Autor: António Cirurgião

Artigo: *The first two editions of Malaca Conquistada. As stages in the transformation of Renaissance Epic into Baroque Epic*, pp. 69-92

Autor: Edgar Colby Knowlton

Artigo: *Depois de uma leitura da Malaca Conquistada*, pp. 93-97

Autor: Gilberto Moura

Artigo: *Tupis, Surucucus, Maracujás: contribuições brasileiras para o Barroco*, pp. 99-116

Autor: Maria Aparecida Ribeiro

Teatro:

Artigo: *A Égloga Cintra*, pp. 31-68

Autor: Ana Hatherly

Arquitetura:

Artigo: *De Angra ao Brasil (Séc. XVI-XVIII)*, pp. 117-121

Autor: Teresa Bettencourt da Câmara

Artigo: *O Palácio de Xabregas. Do legado de Tristão da Cunha às grandes obras do século XVIII*, pp. 151-161

Autor: Luísa D'Orey Capucho Arruda

História:

Artigo: *Os recolhimentos femininos e a colonização*, pp. 123-135

Autor: Filomena Belo

Arte têxtil:

Artigo: *Descobrir é tecer. Notas sobre algumas consequências dos descobrimentos portugueses na arte dos tecidos*, pp. 137-149

Autor: Ernesto Manuel de Melo e Castro

Na literatura, a representação dos descobrimentos, a transformação da épica renascentista para a barroca, e a influência brasileira no Barroco são discutidas para revelarem como o Barroco moldou a literatura e como a literatura, por sua vez, refletiu e interpretou os temas barrocos. A discussão se estende para a representação da natureza brasileira e dos povos indígenas sob a ótica barroca, bem como a interação entre cultura, história e literatura:

“Vieira no Cabo de Não”, artigo de Margarida Vieira Mendes, aborda como o padre António Vieira, figura do Barroco português, interpretou os Descobrimentos portugueses à luz das profecias bíblicas e reflete a integração da exploração geográfica na cultura e arte barrocas, e debate o uso de linguagem poética e metáforas por Vieira.

“A *Lusitânia Transformada* ou a face não heroica” dos descobrimentos, de António Cirurgião, abordou a obra *Lusitânia Transformada* de Fernão Álvares do Oriente (1540-ca1600), que apresenta uma visão crítica dos Descobrimentos portugueses, alinhando-se com características literárias do período Barroco. Divergindo da glorificação heroica comum na literatura do século XVI, a obra apresenta uma narrativa alternativa, enfatizando aspectos negativos e impactos culturais e morais dessas explorações. Álvares do Oriente usa a alegoria para reimaginar esta importante fase da história portuguesa, propondo uma reflexão sobre suas consequências.

“The First two Editions of *Malaca Conquistada*. As stages in the transformation of Renaissance Epic into Baroque Epic”, de Edgar C. Knowlton, relembra as várias edições da obra *Malaca Conquistada*, de Francisco de Sá de Meneses (1600-1664), um poema épico que narra a conquista de Malaca por Afonso de Albuquerque. As mudanças entre as edições refletem

diferentes visões sobre os descobrimentos e a expansão portuguesa, especialmente no contexto cultural do Barroco. O poema aborda temas como heroísmo, fé e a complexidade moral das conquistas.

“Depois de uma leitura de *Malaca Conquistada*”, de Gilberto Moura, analisa os poemas épicos "Os Lusíadas" de Camões e "Malaca Conquistada" de Sá de Meneses. Moura examina figuras históricas como Afonso de Albuquerque e Garcia de Sá, enquanto compara suas abordagens à história e à mitologia. A análise revela a relação entre realidade e ficção, o papel do mito na narrativa e como esses poemas contribuem para a construção da identidade nacional portuguesa.

Maria Aparecida Ribeiro, com o artigo “Tupis, Surucucus, Maracujás: contribuições para o barroco”, examina a representação da natureza brasileira na literatura barroca do século XVII a partir de autores como Gregório de Matos e António do Rosário e como estes usaram elementos da flora e fauna em suas obras.

O teatro Barroco é revisto através de análise que ilustra a influência deste estilo na interpretação e na dramaturgia: “A Égloga Cintra”, de Ana Hatherly, ilustra a *Égloga Centónica Cintra*, de Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), obra poética barroca que homenageia Luís de Camões. Utilizando a técnica do centão, Faria e Sousa mescla sua própria voz com a de Camões e cria uma fusão artística que reflete a identidade cultural e a história portuguesa do período Barroco. A análise discute como essa obra expressa a veneração por Camões e a influência de seu legado literário.

Nas áreas da arquitetura, a revista apresentou estudos sobre edificações significativas e a importância estratégica de cidades como Angra, em Açores. O artigo “De Angra ao Brasil (Séc. XVI-XVIII)”, de Teresa Bettencourt da Câmara, descreve Angra, cidade açoriana decisiva para a navegação atlântica entre os séculos XV e XVIII e que prosperou como porto estratégico nas rotas marítimas entre Lisboa, Índia e Brasil. Enfrentando desafios como invasões e pirataria, a cidade enriqueceu através do comércio e modernizou-se com a construção de fortificações e infraestruturas.

“O Palácio de Xabregas. Do legado de Tristão da Cunha às grandes obras do século XVIII”, de Luísa Capucho Arruda, foca na história e na evolução arquitetônica do Palácio de Xabregas, em Lisboa. O texto detalha a importância dos azulejos e do estilo Barroco na decoração do palácio, as mudanças decorativas e estruturais ao longo do tempo, especialmente no contexto do equilíbrio entre a tradição e a modernidade. As obras de dois

ladrilhadores, Domingos Duarte e Bartolomeu Antunes (1688-1735), têm destaque no estudo. Além disso, o texto explora como eventos históricos e pessoais influenciaram a estética do palácio.

No campo da história, a revista abordou temas como a vida feminina nos recolhimentos de Portugal e a influência da expansão ultramarina portuguesa. No artigo de Filomena Belo “Os recolhimentos femininos e a colonização”, a autora discute o papel das mulheres na sociedade portuguesa dos séculos XVI e XVII e a castidade e a religiosidade, que eram valores centrais para definir a mulher ideal. Referindo-se a *Espelho de Casados*, de João de Barros e *La Perfecta Casada*, de Fr. Luís de Leão, o texto explora a valorização da vida religiosa e do casamento. Estas obras exemplificam as expectativas e normas sociais da época, especialmente em relação ao papel feminino na sociedade.

Finalmente, a arte têxtil é explorada em sua relação com os descobrimentos portugueses. O artigo “Descobrir é tecer. Notas sobre algumas consequências dos descobrimentos portugueses na arte dos tecidos”, de Melo e Castro, analisa como as descobertas e colonizações portuguesas influenciaram as tradições têxteis na África e na Índia, bem como dentro de Portugal. O autor traz exemplos específicos: panos da Guiné e Cabo Verde, colchas indo-portuguesas e tapeçarias europeias com influência portuguesa e argumenta que essa troca cultural levou a uma “mestiçagem criativa” em padrões e técnicas têxteis.

3. Dinâmicas operacionais da *Claro-Escuro*

3.1 Distribuição

Ana Hatherly, com visão clara da importância da difusão cultural e acadêmica, adotou uma estratégia de distribuição ampla e inclusiva para a revista. Sob sua orientação, as edições eram enviadas para diversos cantos do mundo, alcançando bibliotecas mundiais, universidades e outras instituições educacionais. Este esforço de disseminação incluiu até mesmo a prestigiada Biblioteca do Congresso, estabelecendo a publicação como uma referência internacional em estudos barrocos.

Além disso, Hatherly fez questão de enviar exemplares para autores, amigos e intelectuais, muitos dos quais, por sua vez, disponibilizavam a revista nas bibliotecas de suas respectivas universidades. Este método de distribuição ampliou o alcance da revista e pôde

fomentar uma rede de intercâmbio intelectual e cultural, assegurando que o rico conteúdo da *Claro-Escuro* estivesse acessível a um público diversificado e global, contribuindo significativamente para a expansão do conhecimento e apreciação do Barroco em diferentes contextos acadêmicos e culturais.

3.2. Subsídios

Inicialmente, a pesquisa sobre os subsídios da revista foi feita na Fundação Calouste Gulbenkian, visto que os seus dois primeiros números foram bancados por esta Fundação, mas nenhum registro formal sobre as verbas foi encontrado. Em conversa com funcionários da Calouste, soubemos que não era incomum à época que a Instituição apoiasse diversos empreendimentos e projetos culturais, frequentemente sem formalizar essas contribuições em registros. Esta prática, embora atípica segundo os padrões contemporâneos de transparência e governança, reflete um tempo em que as relações pessoais e a confiança desempenhavam importante papel no apoio a iniciativas culturais e acadêmicas.

Durante pesquisa realizada no espólio de Ana Hatherly na Biblioteca Nacional de Portugal, encontramos algumas informações sobre o financiamento da *Claro-Escuro* na correspondência pessoal da autora. Estes documentos são testemunhos reveladores do envolvimento direto de Hatherly na busca de apoio financeiro para a manutenção da revista e da destreza da autora em transitar por vários meios culturais.

Ana Hatherly, já com uma carreira consolidada e respeitada, mantinha relações próximas com os dirigentes dessas fundações. Essa proximidade, aliada ao reconhecimento de sua estatura intelectual e ao valor cultural da *Claro-Escuro*, podem ter facilitado o acesso a recursos financeiros para as edições da publicação.

No final dos anos 80, Portugal passava por um período de transição significativa, emergindo de décadas de ditadura e movendo-se em direção a uma sociedade mais aberta e democrática. Neste contexto, as práticas de financiamento de projetos culturais e acadêmicos por fundações eram mais flexíveis. Em conversa com o Prof. Dr. Luís Crespo, nas dependências da Biblioteca Nacional de Portugal, foi destacado que, dependendo da natureza e do mérito do projeto, ainda hoje essas fundações apoiam essas iniciativas, sem a necessidade de que estas passem por editais ou processos formais de aplicação.

As duas primeiras edições da revista foram agraciadas com o suporte financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian, instituição reconhecida por seu firme compromisso com a cultura e a educação. Este apoio inicial da Fundação demonstrou a confiança na qualidade e no valor do projeto e forneceu impulso vital para o estabelecimento da revista no cenário cultural e acadêmico. Quanto à terceira edição, não há registros de subsídio recebido e não encontramos nenhum dado que revelasse de que forma a publicação foi paga. A quarta edição e última foi subsidiada pela *Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses*, patrocínio que vem ao encontro do tema dessa edição, dedicada à influência dos Descobrimentos no período barroco.

Outro aspecto importante refere-se ao fato de que, a partir da terceira edição da revista, houve a introdução do ISSN (International Standard Serial Number), código de identificação que simboliza importante passo na evolução da revista, marcando sua transição de um projeto inicialmente mais localizado e talvez experimental para uma publicação reconhecida e legitimada dentro do panorama acadêmico e editorial internacional. Como se sabe, o ISSN não é apenas um identificador numérico, mas um indicativo de padrões editoriais e de qualidade, facilitando seu acesso em bibliotecas e bases de dados acadêmicos ao redor do mundo.

Em carta datada de 8 de junho de 1989, Ana Hatherly, com a eloquência e a clareza que lhe eram peculiares, escreveu ao então administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, o poeta e tradutor Pedro Tamen, para reiterar o pedido de apoio financeiro que antes havia sido feito verbalmente. Hatherly expunha com precisão a situação financeira da revista *Claro-Escuro*, lembrando que a fundação já havia providenciado um impulso inicial de 350.000 escudos, dos quais 200 mil escudos já tinham sido utilizados para a publicação do primeiro número, sendo necessário reforço financeiro, justificado em função da extensão e complexidade da edição dedicada a Dom João V que viria a seguir.

Caro Dr. Pedro Tamen:

Pela presente venho reiterar o meu pedido verbalmente expresso no nosso recente encontro e que diz respeito à publicação do segundo número da Revista Claro-Escuro.

Muito gratos ficámos quando, oportunamente e depois de pedido nosso, fomos contemplados pela Fundação com um subsídio de arranque de Esc. 350.000\$00, de que já recebemos os 200.000\$00 correspondentes à publicação do primeiro número.

[...]

Perante o elevado número de colaborações de alto nível que desejamos publicar, somos obrigados a realizar um número duplo, com todas as despesas suplementares que isso acarreta, para as quais o remanescente do subsídio que temos obviamente não chega.

Por esse motivo, e porque se trata dum número duplo e de alto nível, dedicado a um tema de interesse nacional, tomo a liberdade de, por seu intermédio, apelar de novo para a Fundação solicitando um reforço de verba que nos permita concretizar este número com a qualidade do primeiro.

[...]

(Carta de Ana Hatherly enviada a Pedro Tamen, datada de 8 de junho de 1989).

No dia 30 de junho de 1989, Hatherly agradece ao Dr. José Marques Felismino (à época, diretor adjunto do Serviço da Presidência da Fundação Calouste Gulbenkian) pela reposta e verba enviadas. Atendendo ao pedido detalhado feito por Ana em sua correspondência anterior, em que solicitava os 150 mil escudos restantes do orçamento anterior e um reforço adicional para a revista *Claro-Escuro*, Felismino concedeu generosamente 300 mil escudos à autora:

[...] correspondendo ao nosso pedido de 8 de junho, decidiu atribuir-nos um reforço de 300 contos¹² relativamente ao segundo pagamento [...].

Esse reforço de verba agora concedido vai permitir-nos concretizar a edição dupla do segundo número da Revista, correspondendo às tantas colaborações de alto nível que nos forem enviadas para a publicação [...]" (Carta de Ana Hatherly a José Marques Felismino).

A decisão da Fundação de atender à solicitação de Hatherly pode ser vista como testemunho do prestígio e do respeito que a autora já havia conquistado.

A terceira edição da revista *Claro-Escuro* dedicada ao Barroco e Neobarroco não faz menção ao recebimento de subsídios, nos informes editoriais. Em minuciosas pesquisas realizadas nos arquivos consultados em Portugal, não foram encontradas referências a apoios financeiros para esta edição específica.

Cabe ressaltar que a partir da terceira edição, a revista passou a oferecer assinaturas anuais por 1500 escudos em Portugal e 30 euros para outras partes da Europa. Essa expansão

¹² A expressão "contos" era comumente usada em Portugal para se referir a certa quantia, especificamente relacionada à moeda portuguesa pré-euro: o escudo. Um conto de escudos era equivalente a mil escudos. A utilização de "contos" para se referir a grandes somas de dinheiro era prática comum em Portugal até a introdução do euro em 2002. Portanto, quando Ana Hatherly mencionou "300 contos" em sua correspondência, ela estava se referindo a trezentos mil escudos.

nas opções de assinatura pode ser interpretada de duas maneiras: por um lado, indica a necessidade de ampliar a base de assinantes e aumentar a circulação da revista para garantir fontes de receitas mais estáveis e diversificadas; por outro lado, indica uma estratégia deliberada de Ana Hatherly para expandir a influência e a visibilidade da revista em outros países europeus, aproveitando-se do prestígio crescente do estudo do Barroco e Neobarroco. A possibilidade de que a terceira edição tenha sido financiada, pelo menos em parte, pela receita obtida com as assinaturas é plausível, mas, na ausência de registros concretos, permanece no campo da hipótese.

Em carta de 1 de junho de 1990, Ana Hatherly escreve a Vasco Graça Moura, escritor polifacetado (romancista, poeta, ensaísta, tradutor) que exerceu a função de Comissário-Geral da *Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses*¹³. Na carta, Hatherly evoca conversa que tiveram durante o 55º Congresso Mundial do P.E.N Club no Funchal e refere-se à proposta que apresentou de organizar número especial da revista *Claro-Escuro* dedicado à temática dos Descobrimentos, mencionando que a ideia foi muito bem recebida pela Quimera Editores, contanto que ela obtivesse o apoio necessário.

A propósito da nossa conversa durante o 55º Congresso Mundial do P.E.N. Club no Funchal, em que se pôs a hipótese de eu organizar um número da Revista CLARO-ESCURO focando a temática dos Descobrimentos, venho dizer-lhe que apresentei a ideia à Quimera Editores, que a recebeu muito favoravelmente, desde que obtenha o vosso apoio.

Assim, venho perguntar-lhe se essa hipótese tem possibilidade de se concretizar, pela vossa parte, dando um apoio financeiro para a edição desse que seria um número especial, a sair em 1991. (Carta de Hatherly enviada a Vasco Graça Moura).

O pedido de apoio financeiro, direcionado a uma figura de renome como Vasco Graça Moura, destaca a abordagem proativa de Ana Hatherly em assegurar recursos para seus projetos. Isso também evidencia o reconhecimento de que, para a continuidade e o sucesso da revista, era essencial contar com o suporte de instituições e indivíduos influentes no campo das artes e das letras.

¹³ Criado pelo Decreto-Lei n.º 391/86, a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses foi uma entidade pública, operante entre 1986 a 2002 de grande importância na celebração e reconhecimento do legado histórico dos descobrimentos portugueses do século XV e desempenhou papel central na preparação, organização e coordenação das celebrações que destacaram o papel de Portugal na era dos descobrimentos.

A interação de Ana Hatherly com Vasco Graça Moura acerca da conversa que tiveram no encontro do P.E.N Club mostra a importância das redes de conhecimentos em que a autora transitava. O fato de ambos fazerem parte do mesmo círculo, evidenciado pelo encontro no congresso, facilitava o acesso de Hatherly a figuras culturais e politicamente influentes como Moura.

A resposta de Moura veio em carta de 21 de junho de 1990, na qual solicitava maiores esclarecimentos sobre a publicação e valores do aporte financeiro requerido para a edição da *Claro-Escuro*:

[...]

Tendo em vista a possibilidade de concretização do projecto nela apresentado, seria necessário que me enviasse ainda alguns esclarecimentos complementares, a saber:

- uma proposta de estrutura temática;
- a indicação concreta do apoio financeiro pretendido.

Agradecia pois que, logo que lhe seja possível, me fizesse chegar esses elementos de modo a possibilitar a apreciação do assunto por esta Comissão [...]. (Carta de Vasco Graça Moura a Ana Hatherly).

Os detalhes solicitados por Moura viriam na sequência, em 13 de julho de 1990. Nesta carta, Ana Hatherly expõe de forma detalhada a proposta para o número especial da revista dedicado à projeção dos Descobrimentos na época barroca. Hatherly destaca a natureza transdisciplinar da revista e propõe abordar a literatura de viagens, a influência de *Os Lusíadas*, a situação das mulheres, a missão colonizadora em locais como Brasil e Oriente, a situação dos escravos, e a importância do estilo manuelino, entre outros temas:

13 de Julho de 1990

Exmo. Senhor

Dr. Vasco Graça Moura

Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros

1100 Lisboa

Caro Vasco Graça Moura:

Agradeço muito a sua carta de 21 de Junho (nº 1513) e, de acordo com o que nela solicita, eis o esboço de projecto da estrutura temática de um número especial de CLARO-ESCURO sobre os Descobrimentos, bem como uma primeira estimativa do seu custo.

Quanto à estrutura temática, dado que CLARO-ESCURO é uma Revista de Estudos Barrocos com âmbito pluridisciplinar, o que propomos é um número dedicado à projecção dos Descobrimentos na época barroca, que poderá

focar, por exemplo, as seguintes áreas: literatura de viagens; projecção dos Lusíadas; situação da mulher em consequência dos Descobrimentos; missionação (Brasil e Oriente); situação dos escravos; Eugénio d'Ors e a importância do manuelino; Neo-manuelino do século XVI e arquitectura militar (do Brasil à Índia); talha; azulejo; mobiliário; cerâmica; ourivesaria; tecidos; iluminuras; urbanismo colonial; música. Para todas estas áreas julgamos poder contar com colaboração idónea e bom suporte de ilustrações.

[...]

Quanto ao custo deste número especial, cremos que rodará os 2.000.000\$00.

Peço desculpa do carácter esquemático desta proposta, mas na verdade não é possível elaborar algo de mais preciso, dado o estado verdadeiramente inicial do projecto.

[...] (Carta de Ana Hatherly a Vasco Graça Moura)

O alto custo do projeto, 2.000.000\$00 (dois milhões de escudos), reflete a ambição e a escala do projeto proposto.

Em 24 de agosto de 1990, Vasco Graça Moura respondeu à carta de Ana Hatherly. Moura confirmou o compromisso de conceder apoio financeiro no valor de 1.000.000\$00 (um milhão) de escudos para a realização da próxima edição de *Claro-Escuro*: “Em resposta à carta de V. Exa. De 13 de Julho, apraz-me comunicar que essa Comissão Nacional está na disposição de apoiar a edição do número especial da revista CLARO-ESCURO sobre os Descobrimentos [...]”. (Carta de Vasco Graça Moura a Ana Hatherly).

A situação financeira da revista *Claro-Escuro* durante o período de sua publicação espelha os desafios enfrentados por muitas iniciativas culturais e acadêmicas. A verba de um milhão de escudos concedida por Vasco Graça Moura, embora significativa, revelou-se insuficiente para cobrir os custos da edição que Ana Hatherly planejava.

Em resposta a essa limitação, Hatherly fez um pedido adicional solicitando pelo menos 1.500.000\$00, quantia que, na sua visão, seria mais condizente com as necessidades financeiras da revista para aquela edição específica. Contudo, não há registros disponíveis que indiquem se essa solicitação adicional foi atendida ou qual foi o montante final cedido pela *Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses* (CNCDP):

Agradeço muito vivamente a sua carta [...] em que me anuncia que essa Comissão está disposta a conceder-nos um subsídio de Escudos 1.000.000\$00 [...].

Asseguro-lhe que tudo faremos para ser dignos da vossa confiança e generosidade, mas, sem querer pecar por ingratidão, ousou perguntar se o vosso apoio não poderia ser alargado, por exemplo, para 1.500.000\$00. É que vai ser uma edição muito dispendiosa em virtude das ilustrações e das colaborações de grandes especialistas, etc. (Carta de Ana Hatherly a Vasco Graça Moura, 3 de setembro de 1990).

O encerramento dessa narrativa em torno da revista *Claro-Escuro* e de Ana Hatherly ressalta o papel que as conexões pessoais e a reputação da autora desempenharam nesta publicação. O nome de Ana Hatherly, respeitado no meio cultural português, foi fator determinante para o sucesso das suas interações com figuras influentes como os dirigentes da Fundação Calouste Gulbenkian e Vasco Graça Moura da *Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses*. Sua capacidade de dialogar e construir relações com personalidades-chave em diversas instituições culturais e acadêmicas demonstram que inteligência e perspicácia foram requisitos essenciais para o avanço de seus projetos. O fato de Ana Hatherly poder se dirigir diretamente aos principais dirigentes de instituições prestigiosas, sem a necessidade de processos formais ou intermediários, mostra a força de sua reputação e a confiança e respeito que inspirava nos círculos literários e acadêmicos.

3.3. *Claro-Escuro*: o fim

O encerramento das atividades da revista *Claro-Escuro* com a edição dedicada aos Descobrimentos parece não ter sido decisão premeditada por Ana Hatherly. A evidência mais clara disso reside no editorial da última edição, onde Hatherly fala sobre a extensa Bibliografia de História da Arte, organizada por Eduardo Duarte, publicada nesse número, e anuncia planos, já aqui referidos, para uma futura bibliografia sobre a literatura do período barroco: “Num próximo número planejamos fornecer uma bibliografia de obras respeitantes à literatura do período barroco” (p. 7). Essa declaração sugere que, se havia intenção de dar continuidade à publicação, a realidade financeira da revista, conforme revelado na correspondências de Hatherly, aponta para um cenário de dificuldades constantes na captação de recursos. A busca contínua por apoio financeiro, essencial para a produção de cada edição, era tarefa desafiadora. Parece que, apesar dos esforços incansáveis de Hatherly

e do reconhecimento da qualidade da *Claro-Escuro*, a revista enfrentava desafio recorrente para assegurar financiamento suficiente.

Outro fato que evidencia a intenção de dar continuidade à revista é exposto na correspondência de 6 de junho de 1991, enviada por Maria Thereza Abelha Alves Marques a Ana Hatherly. Como amiga próxima da diretora, Marques estava ciente do excelente tema escolhido para a próxima edição, amor e morte:

[...] Por isso ainda não redigi o artigo com que pensava colaborar na *Claro-Escuro* 6/7. Se ainda conseguir fazê-lo em tempo hábil, remeter-lhe-ei. No entanto, para o próximo número que será sobre “amor e morte” terei o maior prazer em enviar-lhe um artigo. (6 de junho de 1996, Carta de Maria T. Abelha A. Marques a Ana Hatherly).

Nesse contexto, é plausível concluir que a falta de apoio financeiro contínuo e sustentável pode ter sido fator determinante para o término da revista.

A situação da *Claro-Escuro* ilustra o desafio comum enfrentado por muitas publicações culturais e acadêmicas que dependem de subsídios e patrocínios para sua sobrevivência e, apesar da importância do valor cultural dessas iniciativas, a instabilidade financeira pode, infelizmente, resultar no encerramento prematuro de projetos promissores.

A revista dirigida por Ana Hatherly oferecia assinaturas, modelo típico para revistas acadêmicas e literárias que buscam fonte contínua de renda e base estável de leitores. Entretanto, baseando-se no aparente desafio financeiro enfrentado pela revista, pode-se inferir que o número de assinantes talvez não fosse suficiente para sustentar a publicação de forma independente.

A trajetória da revista é um exemplo das realidades práticas que moldam o mundo editorial, especialmente no campo das humanidades e estudos culturais. O término da *Claro-Escuro*, apesar de não planejado, destaca a necessidade de apoio sustentável e contínuo para que iniciativas de valor cultural e intelectual possam prosperar e continuar a enriquecer o diálogo acadêmico e cultural.

Embora o tempo de circulação da revista *Claro-Escuro* tenha sido relativamente curto, Ana Hatherly alcançou resultados admiráveis. Essa realização se reflete claramente na colaboração contínua e frutífera de vários autores que contribuíram nas edições e que mais tarde se associaram a Hatherly em outras empreitadas editoriais significativas. Um exemplo marcante é a revista *ArteTeoria*, fundada em janeiro de 2000 pela Faculdade de Belas-Artes

da Universidade de Lisboa, cujo primeiro número trouxe entrevista de Ana Hatherly a Maria João Fernandes e Carla Carbone, e nas edições subsequentes contou com a colaboração de autores como José Fernandes Pereira, Eduardo Duarte e Carlos Couto da Sequeira Costa. Ao longo de sua existência, até a última edição em 2018, a *ArteTeoria* manteve grupo consistente de colaboradores, incluindo novos participantes ao longo dos anos, como José-Augusto França, Margarida Calado e Madalena Bráz Teixeira. Embora a publicação não se limitasse exclusivamente a estudos barrocos, o tema era frequentemente explorado em suas páginas, perpetuando a contínua influência e o legado de Ana Hatherly no campo das artes e da teoria.

A respeito do fim da *Claro-Escuro*, Mécia de Sena, esposa de Jorge de Sena e amiga íntima de Ana Hatherly, envia carta a artista em 28 de julho de 1992, em que diz:

Minha querida Ana Hatherly,
Cá veio o Harvey trazer-me o último “Claro-Escuro” de que a sua firme amizade me não privou. Vinha compungido pensando que me anunciava o fim que eu já sabia por si. Admirada estou eu te ter chegado a ter os números que teve, num país onde nada responsável dura, e que há e podia ser excelente para divulgação e “vazão” de uma crítica regular e extensiva, ou de trabalhos de mínima erudição, está transformado numa renda de bilros cada vez mais bilrosa e cara e com saída calha. Uma tristeza.
De resto tristeza é tudo quanto aí se passa, se não é tudo o que vai pelo mundo. [...] (Carta de Mécia de Sena a Ana Hatherly).

A carta de Mécia de Sena revela uma mistura de admiração e pesar pela conclusão da revista *Claro-Escuro*. Mécia expressa surpresa e apreço pelo fato de a revista ter alcançado o número de edições que teve, considerando o contexto cultural e acadêmico de Portugal, que ela percebe como volátil e desfavorável a iniciativas duradouras. A menção à “renda de bilros cada vez mais bilrosa e cara” metaforicamente descreve a complexidade e o custo crescente de manter projetos culturais no país. Tendo vivenciado as mudanças políticas e culturais de boa parte do século XX (em razão do cerco do Estado Novo português, exilou-se com o marido no Brasil (1959-1965) e nos Estados Unidos, onde faleceu, centenária, em 2020), Mécia de Sena lamenta que, apesar do potencial para uma crítica regular e extensiva para trabalhos de erudição, o ambiente em Portugal não favorecia a continuidade de tais iniciativas e generaliza sua tristeza para além da situação específica da revista de Hatherly, refletindo sobre as condições gerais em Portugal e, possivelmente, em outras partes do mundo. A carta expressa sentimento pungente de desilusão com a realidade cultural e acadêmica, onde esforços valiosos como os da *Claro-Escuro* lutam quase sempre em vão para sobreviver e prosperar. É

a expressão sincera de solidariedade e compreensão das dificuldades enfrentadas por Ana Hatherly e, por extensão, por outros na mesma situação.

O encerramento da revista, assim como o de muitas outras publicações culturais e acadêmicas, expõe as diversas dificuldades enfrentadas por projetos editoriais nesses campos. Há uma multiplicidade de fatores que podem levar ao término de uma revista, e cada caso pode ser influenciado por um conjunto único de circunstâncias.

No caso da *Claro-Escuro*, parece que o principal motivo foi a instabilidade financeira. Além dos esforços contínuos de Ana Hatherly para garantir o financiamento, a revista lutava, por meio de distribuição paga, para manter uma fonte de receita estável e suficiente para cobrir seus custos de produção.

Cabe ressaltar, em termos comparativos, que a revista *Colóquio/Artes*, dirigida pelo historiador, sociólogo e crítico de arte português José-Augusto França, tendo sido criada em 1971 pela Fundação Calouste Gulbenkian, teve seus trabalhos encerrados em 1996, cinco anos após o fim da *Claro-Escuro*. A respeito desse lamentável encerramento, França escreve para Hatherly em 31 de dezembro de 1996:

[...] Lamento dar-lhe a infeliz notícia da suspensão da publicação *sine die* de “Colóquio/Artes”, a partir de dezembro de 1996 (n.º 111), por decisão do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian. Tive o gosto de publicar textos seus que sem dúvida valorizaram “Colóquio/Artes” no seu programa cultural e na sua utilidade social, num país desde sempre necessitado de publicações congêneres. E sabendo que a falecida revista era veículo único de informação sobre a evolução da arte portuguesa, a nível internacional, um pequeno balanço publicado no último número (n.º 111) comprovará esta convicção e apoiará o agradecimento de despedida com o que termino esta carta. Envio-lhe os meus cordiais cumprimentos de boa camaradagem. (Carta de José-Augusto França a Ana Hatherly).

Tanto a carta de Mécia de Sena quanto a de José-Augusto França, embora distintas em tom e abordagem, convergem na expressão de tristeza compartilhada sobre o fim de projetos que desempenharam papéis importantes na disseminação de conhecimento e na promoção da cultura. Tais reflexões, ao serem comparadas, revelam as dificuldades financeiras e/ou estruturais enfrentadas por revistas culturais e acadêmicas.

No contexto mais amplo, o encerramento de revistas como a *Claro-Escuro* pode também refletir as mudanças nas prioridades culturais e acadêmicas, bem como nas políticas

de financiamento para as artes e as humanidades. À medida que os recursos se tornam mais escassos ou são realocados para outras áreas, projetos que anteriormente recebiam apoio podem se encontrar sem a ajuda necessária para continuar.

Considerações Finais

Sob a direção de Ana Hatherly, a *Claro-Escuro: Revista de Estudos Barrocos*, constituiu importante veículo de disseminação dos estudos barrocos em Portugal e além-fronteiras. Esta publicação, ativa entre 1988 e 1991, surgiu da percepção de uma lacuna no cenário editorial e acadêmico português por parte de Ana Hatherly e de seu firme propósito de formar um grupo autônomo que dinamizasse os estudos barrocos e, em um contexto de crescente interesse por tais estudos, um fenômeno que estava se espalhando em diversas instituições de pesquisa ao redor do mundo.

O século XX testemunhou um fenômeno global de reavaliação e renascimento dos estudos sobre o Barroco, envolvendo intelectuais de diversas partes do mundo. Este interesse não se limitou a uma única disciplina, foi uma tendência mundial e interdisciplinar que impactou significativamente a academia, as artes e a cultura em geral.

Intelectuais, historiadores da arte, literatos e artistas de vários países se dedicaram a explorar o Barroco a partir de novos ângulos de interpretação. Em Portugal, Ana Hatherly foi uma das figuras centrais deste movimento de reavaliação do Barroco. A autora via este período histórico como um fenômeno cultural vibrante e explorou a conexão entre o Barroco histórico e a vanguarda experimental do século XX, destacando a presença da vanguarda europeia e a ligação entre os experimentalistas portugueses e a vanguarda brasileira.

Sua pesquisa revelou crescente interesse pela poesia visual barroca em toda a Europa, mas sobretudo, em Portugal, ressaltando que os poetas barrocos eram, de fato, modernos em suas técnicas e abordagens. Hatherly observou como os poetas experimentais, embora não diretamente influenciados pelo Barroco, acabavam seguindo caminhos similares em sua abordagem à poesia. Seu interesse pela música barroca influenciou posteriormente sua escrita, pintura e várias outras formas de criação.

Foi nesse contexto que Hatherly fundou a *Claro-Escuro: Revista de Estudos Barrocos*. A revista surgiu como extensão natural de seu interesse e erudição sobre o tema e também por sua aguçada percepção de existir uma lacuna no panorama editorial e acadêmico português de um espaço que tratasse apenas do Barroco e que o conectasse ao cenário contemporâneo, incentivando a investigação e o diálogo interdisciplinar.

Com a revista, Hatherly deu voz a várias expressões do Barroco e Neobarroco para estabelecer uma ponte entre o passado e o presente. A *Claro-Escuro* se destacou pela

diversidade e complexidade de seu escopo temático ao oferecer campo de estudo para várias disciplinas como história cultural, literatura, pintura, escultura, arquitetura e filosofia, moda, cinema. Sua ênfase no Barroco, tanto no contexto português quanto em conexões transnacionais, representou uma contribuição significativa para a compreensão de como as formas barrocas foram reapropriadas, reinterpretadas e reimaginadas na cultura contemporânea.

Parte expressiva de nosso trabalho concentrou-se na indexação da revista *Claro-Escuro* no *Portal de Revistas de Ideias e Cultura*, e demandou um trabalho meticuloso para a disseminação e compreensão aprofundada para estudos sobre a revista. Este processo envolveu a categorização detalhada de conceitos, assuntos, dados geográficos e detalhamento dos autores, tanto singulares quanto coletivos, mencionados nos artigos da revista. Essa cuidadosa catalogação reflete a variedade e profundidade dos estudos barrocos presentes em cada edição e facilita a pesquisa temática e a análise crítica.

A indexação de conceitos e assuntos, captura a essência do artigo, os principais temas abordados, as principais palavras-chave daquele estudo. A indexação geográfica, que inclui referência a ruas, praças e bairros, assegura que a localização geográfica dos assuntos tratados seja claramente identificada, permitindo referências precisas e facilitando o acesso às informações relacionadas a locais específicos.

Da mesma forma, a fidelidade na transcrição dos nomes dos autores e a inclusão meticulosa de todas as obras citadas nos artigos enriquecem a rede de referências bibliográficas e permitem ao pesquisador, detalhes ainda mais abrangentes do que foi tratado em cada artigo das edições.

Ao mapear esses conceitos e assuntos, a indexação da *Claro-Escuro* no *Portal de Revistas de Ideias e Cultura* tornou-se uma ferramenta valiosa para estudiosos e pesquisadores, permitindo-lhes navegar com eficiência pelo vasto conteúdo da revista e acessar especificamente os temas de seu interesse.

A análise minuciosa do conteúdo da revista durante o processo de indexação revelou uma abordagem editorial que transcende a mera compilação de estudos acadêmicos. A revista apresentou uma síntese notável de erudição e liberdade criativa, refletindo a natureza do Barroco em sua fusão de forma e função, tradição e inovação.

Aos pesquisadores de áreas como história cultural, literatura, artes visuais, filosofia e muitas outras, a indexação no *Portal* oferece uma ferramenta valiosa, permitindo que

explorem de maneira eficiente as diversas áreas do Barroco e suas manifestações. Ela facilita a descoberta de conexões interdisciplinares e fornece base sólida para novas análises e interpretações.

A segunda parte de nossa pesquisa foi realizada durante o estágio BEPE/FAPESP na cidade de Lisboa. Visitas à Fundação Calouste Gulbenkian e à Biblioteca Nacional de Portugal permitiram-me compreender a complexa rede de comunicação e colaboração mantida por Ana Hatherly. No espólio pessoal da autora, foi possível conhecer o processo de concepção, criação e gestão da revista.

Ao tratar da dinâmica de bastidores, procuramos compreender os elementos fundamentais que moldaram a *Claro-Escuro*, desde a seleção editorial e o design gráfico até a escolha dos colaboradores e o financiamento das edições. Nosso estudo revelou como esses aspectos contribuíram para o sucesso e a relevância da revista no campo dos estudos barrocos.

Ao refletir sobre a revista *Claro-Escuro*, é essencial apreciar a amplitude e profundidade do seu impacto no estudo do Barroco. Este impacto é particularmente significativo considerando o contexto cultural e acadêmico em que a revista foi criada.

ENTREVISTAS

COSTA, Horácio. Entrevista com Ana Hatherly. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 11, p. 9- 22.

GASTÃO, Ana Marques. Entrevista concedida, publicada no site *Jornal de Poesia*. Jornal originalmente publicado no suplemento DNA, do *Diário de Notícias* (Lisboa, 12/07/2003).

FERNANDES, Maria João; CARBONE, Carla. Entrevista a Ana Hatherly. *ArteTeoria*. Revista do Mestrado em Teorias da Arte, n. 1, 2000.

SENA-LINO, Pedro. A mão inteligente de “um calculador de improbabilidades” – Entrevista a Ana Hatherly. In: *Interfaces do olhar: uma antologia crítica, uma antologia poética*. Lisboa: Roma Editora, 2004.

CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES

Catálogo Ana Hatherly - Obra Visual (1960-1990) do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 1992

Ana Hatherly e o Barroco. Num Jardim Feito de Tinta. Museu Calouste Gulbenkian, 2017

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ida; BARBOSA, Rogério. *Encontros com Ana Hatherly*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2015.

AMARAL, André Luiz. *Linguagem e transcendência na poesia experimental de Ana Hatherly*. 2019. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto/SP.

AMORA, Antonio Soares. *História da Literatura Brasileira*. 8ª Edição. São Paulo: Saraiva, 1974.

_____. *Panorama da Poesia Brasileira*. Vol. I. *Era Luso-brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.

ANDRADE, Antonio. Diálogo Constelar: O Neobarroco em Haroldo de Campos. *Revista de Letras*, São Paulo, v.47, n.1, p.51-75, jan./jun. 2007.

ÁVILA, Affonso. *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva. Belo Horizonte Companhia Mineira de Metalurgia e Mineração, 1997.

_____. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

AYALA, Walmir. *Antologia dos Poetas Brasileiros. Fase Colonial*. Edições de Ouro, 1967.

BARROSO, Eduardo Paz. Migrações poéticas e derivações visuais: concretismo, experimentalismo e artes plásticas em Portugal. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 273-301, jul./dez. 2012.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952, 2 vols.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Poéticas Contemporâneas: marcos para uma pesquisa. *Continente Sul Sur*, n. 2, 1996. (p. 111 – 120).

CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. Salvador: FCJA, 1989.

CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira. I - Das Origens ao Realismo*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.

CASTELLO, José Aderaldo. *Era Colonial*. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: EdUnesp, 1998.

CHIAMPI, Irlemar. *Barroco e modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CHKLOVSKI, V. A Arte como procedimento. In: Teoria da Literatura: formalistas russos. Porto Alegre: Editora Globo, 1971. COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum: Editora UFMG, 2010. COUTINHO, Afrânio (org.). Caminhos do pensamento crítico. Rio de Janeiro, Ed. Americana, Prolivro, 1974 (V.I, V.II).

CLARO-ESCURO – Revista de Estudos Barrocos. Lisboa: Quimera, 1988-1991.

Cortez, António Carlos. "A experiência do prodígio": notas para uma releitura de um livro de Ana Hatherly. *Plural Pluriel*, (16). Consulté à l'adresse, 2017.

COUTINHO, Afrânio. *Do Barroco: ensaios*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

_____. *Aspectos da Literatura Barroca*. Rio de Janeiro: s.e., 1950.

_____. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Perspectiva, 1969.

DIMAS, Antônio (org.). *Gregório de Matos*. São Paulo: Abril-Educação, 1980. (Coleção Literatura Comentada)

_____. *Rosa-Cruz (Contribuição ao Estudo do Simbolismo)*. São Paulo: IEB-USP, 1980.

_____. *Tempos eufóricos: Análise da revista Kosmos (1904 – 1909)*. São Paulo: Ática, 1983.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental. Autores e Obras Fundamentais*. São Paulo: Ática, 1990.

DOSSIÊ ANA HATHERLY. *Revista Atlântica*, n. 17, p.9-71, 2007.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

FERREIRA, Sónia Filipa Silvestre de Deus. *Imago mortis. Cultura visual, ekphrasis e retórica da morte no Barroco luso-brasileira*, 2016. Tese (Doutorado em Materialidades da Literatura). Programa de Pós-graduação em Letras. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016.

FIGUEIREDO, Fidelino. *A crítica literária em Portugal: da renascença à atualidade*. Lisboa: Cernadas, 1910.

GARCIA, R. "Bento Teixeira - Brasileiro ou Português? In: *Autores e Livros*. Rio de Janeiro, 15 de agosto, 1948

GATTO, Sonia Melchiori Galvão. Haroldo de Campos (Neo)Barroco. *Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade*, n. 3, 2009. Disponível em: http://orfeuspam.com.br/Periodicos_JL/Dialogos/Dialogos_3/Haroldo_Neo_Sonia.htm. Acesso em: 27 jul. 2021.

HADDAD, Jamil Almansur. *Vieira. Os sertões*. São Paulo: Difel, 1968.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria. Construção e Interpretação da Metáfora*. São Paulo/Campinas: Hedra/Editora Unicamp, 2006.

HANSEN, João Adolfo; CUNHA, Cilaine Alves; CAMILO, Vagner. Romantismo & Barroco. *Teresa (USP)*, v.12/13, p. 50-64, 2014.

HATHERLY, Ana. A nova presença do passado no presente – uma releitura crítica da tradição. In: *A casa das musas: uma releitura crítica da tradição*. 1ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

_____. *A experiência do prodígio – bases teóricas e antologia de textos-visuais portugueses dos séculos XVII e XVIII*. 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

_____. *A Reinvenção da Leitura*. Lisboa: Futura, 1975.

_____. *O Mestre*. Lisboa: Moraes Editores, 1976.

_____. *Mapas da Imaginação e da Memória*. Lisboa: Moraes Editores, 1973.

_____. *Poemas em língua de preto dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Quimera, 1990.

_____. *Atas do I Congresso Internacional do Barroco*, Porto, 1991.

_____. Auto-biografia Documental. In: *Catálogo Ana Hatherly - Obra Visual (1960-1990)* do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 1992

_____; MELO E CASTRO, Ernesto Manuel. *PO.EX: Textos teóricos e documentos da poesia experimental portuguesa*. Lisboa: Moraes Editores, 1981.

LARA, Cecília de. *Klaxon & Terra Roxa e outras terras*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros. 1971.

LINS, Ivan. *Sermões e Cartas do Padre Antônio Vieira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d

LOPES, Hélio. *A Divisão das Águas - Contribuição dos Estudos das Revistas Românticas*. São Paulo: Secretaria da Cultura, 1978.

LUCA, Tania Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: EdUNESP, 1999.

_____; LUCA, Tania Regina. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista. Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República*, São Paulo (1890 – 1922). São Paulo: EdUSP, Fapesp, Imprensa Oficial do Estado, 2001.

_____; MARTINS, Ana Luiza. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita. História do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 1998.

MELO E CASTRO, E. M. de. *As vanguardas na Poesia Portuguesa do século XX*. Lisboa: Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1980.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____. *História da Literatura Brasileira - I - Origens, Barroco, Arcadismo*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1983.

MORAIS FILHO, A. Melo. *Parnaso Brasileiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1885.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PETRY, Fernando Floriano. *O cão e o frasco, o perfume e a cruz. Arquivo Rosa-Cruz revisitado*. 2011. 226 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2011.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia barroca*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos/INL, 1977.

RIBEIRO, José Sommer. Apresentação. In: *Catálogo Ana Hatherly - Obra Visual (1960-1990)* do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 1992

ROCCA, Pablo. Por que, Para que uma revista. *Boletim de Pesquisa NELIC – Instabilidades e Modernismos*, v. 07, N. 10, 2007. (p. 01 – 22). Trad.: George Luiz França.

RUSSO, Vincenzo. *Suspeita do avesso. Barroco e neobarroco na poesia portuguesa contemporânea*. Vila Nova de Famalição: Quase Edições, 2008.

SARAIVA, José Flávio Sombra. 500 anos de relação entre Brasil e Portugal. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 43, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/4kq6hFVdbGZykSK4bFTy7nD/?lang=pt>. Acesso em 29 jul. 2021.

SARDUY, S. O barroco e o neobarroco. In: MORENO, Cezar (Org.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, p.161-178, 1979.

SILVA RAMOS, Péricles Eugênio da. *Poesia Barroca. Antologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

SILVA, Raquel Henriques. Ana Hatherly: os campos abertos do (in)dizível. In: HATHERLY, Ana. *A mão inteligente*. Lisboa: Quimera Editores, 2003.

SILVA, Rogério Barbosa da. A Obra de Ana Hatherly, entre ética e estética. *Revista Texto Poético*, vol. 16, p. 71-92, 2014.

_____. Itinerários e labirintos da poesia de Ana Hatherly. In: HATHERLY, A. *Interfaces do olhar*. Lisboa: Roma Editores, p. 25-39, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TEIXEIRA, Cláudio Alexandre de Barros. *A estética do labirinto: barroco e modernidade em Ana Hatherly*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade de São Paulo, São Paulo/SP.

_____. A mitopoética transbarroca em Haroldo de Campos e Ana Hatherly. *Qorpus*, v.10 n. 3, p. 28- 36, 2020.

_____. Barroco e visualidade em Ana Hatherly. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, no 39, p. 235-252, 2009.

VALE, Paulo Pires. A tradição como inovação. In: Caderno de Exposição *Ana Hatherly e o Barroco. Num Jardim Feito de Tinta*, pp. 7-24, 2017.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946, 3 vols.

WISNIK, José Miguel. *Gregório de Matos. Poemas escolhidos*. São Paulo: Cultrix, 1976.

WÖLFFLIN, Heinrich. *Renascença e barroco: estudo sobre a essência do estilo barroco e sua origem na Itália*. São Paulo: Perspectiva, 2010.